

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**RICARDO CESAR TONIOLO**

O NARRADOR NO LIVRO DAS CRÔNICAS: Estratégias Narrativas para o  
Estabelecimento de um Novo Discurso Religioso

São Paulo

2017

RICARDO CESAR TONIOLO

O NARRADOR NO LIVRO DAS CRÔNICAS: Estratégias Narrativas para o  
Estabelecimento de um Novo Discurso Religioso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira

São Paulo  
2017

T665n Toniolo, Ricardo Cesar.

O narrador no livro das crônicas: estratégias narrativas para o estabelecimento de um novo discurso religioso / Ricardo Cesar Toniolo.

146 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

Orientador: João Cesário Leonel Ferreira.

Bibliografia: f. 141-146.

1. Crônicas. 2. Narrador. 3. Estratégia. 4. Discurso. 5. Intrusão.  
I. Ferreira, João Cesário Leonel, *orientador*. II. Título.

CDD 401.41

RICARDO CESAR TONIOLO

O NARRADOR NO LIVRO DAS CRÔNICAS: Estratégias Narrativas para o  
Estabelecimento de um Novo Discurso Religioso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Letras.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira – Orientador  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

---

Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

---

Prof. Dr. Julio Paulo Tavares Zabatiero  
Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA)

## AGRADECIMENTOS

Externo aqui meus sinceros agradecimentos:

A Deus que providenciou a oportunidade, abençoou minhas viagens e me capacitou para realizar esta pesquisa;

À minha esposa Sara, por seu incentivo e por sua compreensão da necessidade de me ausentar de casa e do tempo que precisei me dedicar a este trabalho;

Ao Dr. João Cesário Leonel Ferreira pela sua orientação feita com toda atenção e competência, por estar sempre pronto a me atender e por suas palavras de estímulo;

Aos demais membros desta banca, Dr. Cristhiano Motta Aguiar e Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero pelas preciosas observações;

Ao Dr. Alexandre Huady Torres Guimarães (*in memoriam*), cujas contribuições em minha banca de qualificação foram de grande valor;

À Igreja Presbiteriana de Botucatu e seu Conselho pela permissão a mim concedida para que eu me ausentasse do campo para cursar os módulos;

À Igreja Presbiteriana do Brasil e à Universidade Presbiteriana Mackenzie pela bolsa durante todo o curso.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo identificar como o narrador do livro de Crônicas se comporta em relação aos narradores dos livros tomados como fontes, Samuel e Reis, uma vez que muitos dos mesmos acontecimentos estão nele presentes. Comparando os textos fonte com o de Crônicas pôde-se identificar omissões e inserções. Foram analisadas especificamente as narrativas paralelas e como o narrador de Crônicas estabeleceu um novo discurso a partir das mesmas histórias. As principais estratégias encontradas foram a inserção de relatórios, listas e dados e, principalmente, explicações e avaliações tanto na voz do próprio narrador de Crônicas quanto em discursos diretos de personagens chave em maior número do que ocorre nos livros de Samuel e de Reis. Concluiu-se que o narrador da nova obra se comporta de maneira mais intrusa, interpretando e conduzindo o leitor à medida que delimita a maneira deste, interpretar as narrativas. Atuando assim, o narrador pôde levar o leitor a aceitar o sacerdócio e o ministério levítico como fundamentais para a construção de uma identidade do povo judeu no período pós-exílico.

Palavras-chave: Crônicas; narrador; estratégia; discurso; intrusão

## ABSTRACT

The present research aims to identify how the narrator of the book of Chronicles behaves in relation to the narrators of the books taken as sources, Samuel and Kings, since many of the same events are present in it. Comparing the source texts with that of Chronicles, it was possible to identify omissions and insertions. Parallel narratives and how the narrator of Chronicles established a new discourse from the same stories were specifically analyzed. The main strategies encountered were the insertion of reports, lists and data and, mainly, explanations and evaluations both in the Chronicles narrator's own voice and in direct speeches of key characters in greater numbers than occurs in the books of Samuel and Kings. It was concluded that the narrator of the new work behaves in a more intrusive way, interpreting and leading the reader as he delimits his way of interpreting the narratives. Acting in this way, the narrator could lead the reader to accept the priesthood and the Levitical ministry as fundamental for the construction of an identity of the Jewish people in the post-exilic period.

Keywords: Chronic; narrator; strategy; speech; intrusion

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 JUSTIFICATIVA SOCIAL E CIENTÍFICA DA PESQUISA.....	9
1.2. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	11
1.2.1 Situação Problemática.....	11
1.2.2 Problemas de Pesquisa.....	12
1.2.3 Hipóteses de Pesquisa.....	13
1.3. OBJETIVOS.....	14
1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
1.5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.5.1 Teoria de Franz Karl Stanzel.....	15
1.5.2 A Teoria de Boris Uspensky.....	17
1.5.3 A Teoria de Robert Alter.....	18
1.5.4 Uma Síntese das Teorias.....	20
2. HISTÓRIA DA PESQUISA, PONTOS DE CONTATO E APRESENTAÇÃO DOS LIVROS ANALISADOS.....	21
2.1 HISTÓRIA DA PESQUISA.....	21
2.2 A INTER-RELAÇÃO DOS ESTUDOS DA BÍBLIA COM OS ESTUDOS LITERÁRIOS.....	24
2.2.1 A teoria literária nos estudos bíblicos.....	24
2.2.2 Os estudos bíblicos no campo literário.....	26
2.2.3 Conclusão.....	27
2.3 APRESENTAÇÃO DOS LIVROS DE SAMUEL, REIS E CRÔNICAS.....	28
2.3.1 Samuel.....	29
2.3.2 Reis.....	30
2.3.3 Crônicas.....	31
2.3.4 Características Literárias.....	33
3. DESCRIÇÃO DAS OMISSÕES, DAS INSERÇÕES E DOS PARALELOS ENTRE OS LIVROS DE SAMUEL E REIS E O LIVRO DE CRÔNICAS.....	38
3.1 GÊNERO LITERÁRIO DO LIVRO DE CRÔNICAS.....	38
3.2 SAMUEL E REIS COMO FONTES DE CRÔNICAS.....	41
3.3 COMPARAÇÃO ENTRE O LIVRO DE CRÔNICAS E SUAS FONTES.....	43
3.3.1 Comparação entre os textos de Samuel e Crônicas.....	43



3.3.2	Comparação entre os textos de Reis e Crônicas .....	48
3.3.3	Uma Avaliação da comparação .....	54
4.	ANÁLISES DAS NARRATIVAS PARALELAS .....	57
4.1	O REINADO DE SAUL (1 Sm 31.1-13; 1 Cr 10.1-14).....	57
4.2	NARRATIVAS DO REINADO DE DAVI.....	59
4.2.1	A Unção de Davi (2 Sm 5.1-10; 1 Cr 11.1-9).....	59
4.2.2	Relação dos Valentes de Davi (2 Sm 23.8-39; 1 Cr 11.10-12.40).....	62
4.2.3	Davi Leva a Arca Para Jerusalém (2 Sm 6.1-11; 5.11-25; 6.12-23; 1 Cr 13.1-16.43) .....	65
4.2.4	Davi Intenta Construir o Templo (2 Sm 7.1-29; 1 Cr 17.1-27) .....	71
4.2.5	Vitórias de Davi contra seus Inimigos (2 Sm 8.1-18; 10.1-11.1; 12.26-31; 21.18-22; 1 Cr 18:1-20:8) .....	72
4.2.6	O Censo de Davi (2 Sm 24.1-25; 1 Cr 21:1-22.1) .....	73
4.3	NARRATIVAS DO REINADO DE SALOMÃO (1 Rs 3.1-11.43; 2 Cr 1.1-9.31).....	78
4.3.1	– Introdução ao Reinado de Salomão (1 Rs 3.1-4.34; 10.26-29; 2 Cr 1.1-17).....	78
4.3.2	– Salomão e o apoio de Hirão (1 Rs 5.1-18; 2 Cr 2.1-18).....	82
4.3.3	– A Construção do Templo (1 Rs 6.1-7.51; 2 Cr 3.1-5.1).....	83
4.3.4	– A Inauguração do Templo (1 Rs 8.1-9.28; 2 Cr 5.2-8.17) .....	84
4.3.5	– A visita da Rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13; 2 Cr 9.1-12) .....	90
4.3.6	– As últimas informações sobre o reinado de Salomão (1 Rs 10.14-11.43; 2 Cr 9.13- 31).....	91
4.4	O REINADO DE ROBOÃO (1 Rs 12.1-14.31; 2 Cr 10.1-12.16) .....	92
4.5	O REINADO DE ABIAS (1 Rs 15.1-8; 2 Cr 13.1-22) .....	97
4.6	O REINADO DE ASA (1 Rs 15.8-24; 2 Cr 14.1-16.14) .....	99
4.7	O REINADO DE JOSAFÁ (1 Rs 22.1-51; 2 Cr 17.1-20.37) .....	104
4.8	O REINADO DE JEORÃO (2 Rs 8.16-24; 2 Cr 21.1-20) .....	109
4.9	O REINADO DE ACAZIAS (2 Rs 8.25-29; 11.1-3; 2 Cr 22.1-12) .....	110
4.10	O REINADO DE JOÁS (2 Rs 11.4-12.21; 2 Cr 23.1-24.27) .....	112
4.11	O REINADO DE AMAZIAS (2 Rs 14.1-20; 2 Cr 25.1-28).....	115
4.12	O REINADO DE UZIAS (2 Rs 14.21-15.7; 2 Cr 26.1-2).....	118
4.13	O REINADO DE JOTÃO (2 Rs 15.32-38; 2 Cr 27.1-9).....	120
4.14	O REINADO DE ACAZ (2 Rs 16.1-20; 2 Cr 28.1-27).....	121
4.15	O REINADO DE EZEQUIAS (2 Rs 18.1-20.21; 2 Cr 29.1-32.33).....	123
4.16	O REINADO DE MANASSÉS (2 Rs 21.1-18; 2 Cr 33.1-20).....	127

4.17 O REINADO DE AMON (2 Rs 21.19-26; 2 Cr 33.21-25) .....	129
4.18 JOSIAS (2 Rs 22.1-23.30; 2 Cr 34.1-35.27).....	130
4.19 OS ÚLTIMOS REIS DE JUDÁ E O EXÍLIO (2 Rs 23.31-25.22; 2 Cr 36.1-21) .....	133
5. CONCLUSÃO.....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o narrador no livro de Crônicas e as estratégias narrativas construídas através dele. O livro de Crônicas é parte do cânon hebraico da Bíblia, o qual é chamado no cristianismo de Antigo Testamento.<sup>1</sup> Teoricamente a análise pretende apresentar elementos analíticos do texto bíblico por meio da abordagem literária visando acrescentar dados à interpretação do texto pelos métodos históricos.

A linha de pesquisa com que se afina o presente estudo é literatura e discurso religioso, especificamente “a Bíblia como literatura”. A Bíblia é discurso religioso. Suas leis, narrativas, poesias, cartas ou profecias são especificamente estratégias para o estabelecimento de um discurso religioso, com objetivos, por exemplo, de orientar o culto, manter a fé vibrante, incentivar a prática de sua ética, impedir o desvio da crença e da prática religiosa judaica ou cristã. Levar em consideração os aspectos literários da Bíblia possibilita identificar os recursos utilizados para o estabelecimento do seu discurso.

### 1.1 JUSTIFICATIVA SOCIAL E CIENTÍFICA DA PESQUISA

Primeiramente, o que justifica a presente pesquisa é a escassez de uma abordagem literária em estudos exegeticos, comentários bíblicos e no ensino teológico, principalmente no Brasil. Desde o surgimento do método histórico-gramatical do século XVI, elementos linguísticos foram reconhecidos em sua relevância à pesquisa. Os manuais de hermenêutica e de exegese trabalharam bastante com questões morfológicas, lexicais, semânticas, gramaticais e sintáticas. Porém, os métodos históricos de hermenêutica e exegese no Brasil têm feito uso ainda muito tímido dos estudos literários (LEONEL, 2012, p. 100-122). Nas últimas décadas uma abordagem literária passou a ser aceita como reação à fragmentação gerada pelo método histórico-crítico (ANGLADA, 2006, p. 242-243).

No contexto brasileiro, os estudos do Antigo Testamento são ainda mais escassos do que os do Novo Testamento, apesar de seu volume canônico ser várias vezes maior. Dentre os

---

<sup>1</sup> Há uma diferença entre católicos e protestantes no que diz respeito ao Antigo Testamento. No catolicismo são adotados como canônicos sete livros que não estão no cânon hebraico além de alguns acréscimos nos livros de Ester e Daniel. Estes livros são encontrados na versão grega chamada Septuaginta, nomeados como dêutero-canônicos no catolicismo. No protestantismo os livros do Antigo Testamento correspondem ao cânon hebraico, apesar de a ordem canônica seguir a Septuaginta. Esta pesquisa trabalhará com o termo Antigo Testamento correspondente ao conceito protestante.

livros históricos, os pós-exílicos<sup>2</sup> têm recebido ainda menos atenção em seus aspectos literários do que os anteriores, o que leva os pesquisadores da área ao desafio de preencherem esta lacuna. Considerando que Crônicas, que constitui o *corpus* desta pesquisa, é um livro pós-exílico, que em grande parte repete o que consta nos livros de Samuel e Reis<sup>3</sup>, o estudo das diferenças entre ambos a partir de um referencial teórico diferente, ou seja, os estudos do narrador via teoria narrativa, contribui para se compreender em que sentido e em que aspectos o discurso estabelecido no livro de Crônicas é novo.

Acima de tudo, aquilo que está na voz do narrador de Crônicas e que se constitui em acréscimo em relação a Samuel e Reis deve receber atenção especial. Uma vez que o narrador tanto nos livros de Samuel e de Reis quanto no de Crônicas é onisciente, não é suficiente que essa qualificação do narrador seja identificada. Faz-se necessário distinguir as características específicas dos narradores oniscientes como apresentado em cada obra. É justamente neste aspecto que pode estar a diferença. A ausência de material que descreva as diferenças entre Crônicas, Samuel e Reis da perspectiva do narrador, especialmente com referência aos acréscimos cronistas, é o que justifica esta pesquisa.

Deve-se destacar que mesmo na área linguística há muitos aspectos que têm sido escassos nos estudos exegéticos, especialmente no que diz respeito aos estudos discursivos em geral. Eles são bem mais recentes e contam com um número singelo de estudiosos que deles fazem uso. No Brasil, pode-se mencionar Júlio Paulo Tavares Zabatiero, que trabalha com a teoria da semiótica greimasiana<sup>4</sup>. Embora uma abordagem discursiva tivesse também a sua relevância num trabalho como este, o presente estudo se limita aos aspectos literários.

Se por um lado esta pesquisa tem por base que a teoria literária traz importante recurso para o estudo da Bíblia, por outro, é importante destacar a importância da Bíblia para os estudos literários. Segundo Northrop Frye, “muitos pontos relevantes da teoria crítica de hoje tiveram origem no estudo hermenêutico da Bíblia” (2004, p. 18). Ele também afirma: “muitas

---

<sup>2</sup> Há dois marcos importantes na história da monarquia de Israel. O primeiro é a divisão do reino, após Salomão, quando dez tribos ao norte formam o reino de Israel e duas tribos ao sul, o reino de Judá. O reino de Israel se mantém até a invasão da Assíria. O reino de Judá se mantém até a ascensão da Babilônia. Quando a Pérsia se despoja como o grande império mundial devolve muitos dos exilados a suas terras, dentre os quais está Judá. Este período (597 a.C. a 538 a.C.) entre a saída de Judá para o exílio e seu retorno é o período exílico. Quando neste trabalho houver referência ao período pré-exílico ou pós-exílico a referência temporal é este período.

<sup>3</sup> No cânon cristão os livros de Samuel, Reis e Crônicas estão em sequência, mas não é assim na Bíblia Hebraica. Neste o livro de Crônicas encontra-se no final do cânon, separado dos outros dois. A data da escrita de Samuel é estimada entre 930 e 722 a.C. A redação final de Reis é provavelmente 550 a.C., não antes da reabilitação de Joaquim (2 Rs 25.27-30) e a de Crônicas em 539 a.C., após o decreto de Ciro (2 Cr 36.22-23).

<sup>4</sup> Pode-se mencionar entre seus trabalhos o Manual de Exegese (2007) e Bíblia, Literatura e Linguagem (2011), no qual trabalha a segunda parte do livro, ou seja, a linguagem.

das formulações da crítica me parecem mais defensáveis quando aplicadas à Bíblia do que se aplicadas alhures” (2004, p. 18).

Falando do gênero narrativo em prosa, tão comum em nossa cultura literária, a relevância da Bíblia se torna ainda mais clara, pois dela procedem não apenas personagens ou enredos, mas a própria prosa simples (ALTER, 2007, p. 47; TALMON, 1978, p. 354-355). Um estudo sobre o narrador em textos bíblicos é relevante para os estudos literários pelo fato de se estar andando por caminhos que fundaram a literatura ocidental (AGUIAR, 2004, p. 276-279; AUERBACH, 2011, p. 20; FRYE, 2004, p. 9-15).

Embora a tendência de a Bíblia influenciar a literatura tenha diminuído na literatura ocidental, talvez até mesmo pela falta de conhecimento bíblico dos autores, a própria prosa continua sendo uma influência direta sobre as obras literárias ocidentais. Frye considera que até o século XVIII a literatura ocidental operou dentro da estrutura imaginativa da Bíblia e em grande parte ainda o faz (2004, p. 9). Assim, o estudo do narrador em Crônicas em relação a Samuel e Reis torna-se relevante para os estudos crítico-literários, pois retorna às origens da prosa tão utilizada até hoje na literatura secular.

Esta pesquisa justifica-se no âmbito social pelo impacto que pode ter em comunidades religiosas de leitores da Bíblia, haja vista a negligência de muitos leitores quanto ao livro de Crônicas pelo fato de pensarem que o livro apenas repete a história de outras obras (ADLER, 2009, p. 113-117)<sup>5</sup>. Justifica-se também por fornecer ao leitor contemporâneo subsídios para compreender a formação da literatura comum, já que a Bíblia é um dos pilares para a formação da literatura ocidental e possui grande valor histórico, linguístico e literário.

## 1.2. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

### 1.2.1 Situação Problemática

Uma leitura superficial do livro de Crônicas pode dar a impressão de que ele é uma simples repetição do que já está nos livros de Samuel e de Reis.<sup>6</sup> Se assim fosse, não seria necessário um novo livro que apenas repetisse o que já consta em outros. O que

---

<sup>5</sup> Um exemplo disto é o Curso Bíblico, originalmente publicado em alemão com o nome de *Stuttgarter Bibelkurs*, publicado no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil. Neste livro Crônicas não tem um capítulo para si, mas sobre ele apenas é dito: “Os livros de 1 e 2 Crônicas não serão apresentados com detalhes nesse curso bíblico, pois praticamente relatam a história de Israel paralelamente com os livros de Samuel e Reis.” (MACK, 2014, p. 279)

<sup>6</sup> Um exemplo disto é a narrativa do rei Roboão (1 Rs 12.1-24; 2 Cr 10.1-11.4), que não somente se repete, como o faz quase sem variação.

principalmente pode prejudicar o interesse da leitura é o fato de que Samuel e Reis vêm imediatamente antes de Crônicas na ordem canônica cristã.

O que pode ser mais percebido em Crônicas é a omissão dos reis de Israel. Tal omissão justifica-se pelo momento histórico em que foi escrito, ou seja, o retorno do exílio babilônico, que faz parte da história apenas do reino de Judá. O reino fora dividido após a morte do rei Salomão, o terceiro rei de Israel. A partir de então, o reino do norte continua a ser conhecido como Israel enquanto o reino do sul passa a ser conhecido como Judá. Israel caíra nas mãos da Assíria (722 a.C.) antes de Judá cair perante a Babilônia (597 a.C.).

O livro de Reis fornece uma explicação para o exílio a partir da infidelidade religiosa dos israelitas com a prática da idolatria, com o propósito de provocar o arrependimento. O livro de Crônicas foi escrito após o retorno de Judá à sua terra, quando a Pérsia torna-se o grande império mundial. Nesse momento histórico já não mais havia a idolatria e o problema se transferira para a necessidade de estabelecer uma identidade ao grupo étnico e religioso que em parte novamente habitava sua terra, em parte ainda encontrava-se em dispersão (ZABATIERO, 2013, p. 229-265)<sup>7</sup>. Assim, o cronista volta a relatar a história dos reis, porém focando as atividades religiosas e demonstrando como os israelitas foram abençoados sempre que praticavam a religião com fidelidade. Isto serviria como um discurso à geração de judeus pós-exílicos com o propósito de incentivá-los à prática da mesma religião judaica como um legítimo fator de identidade. Neste período, já não havia mais o reino de Israel e, por isso, os reis de Israel são mencionados apenas quando estão relacionados com a história dos reis de Judá. Constata-se, portanto, omissão de material. Porém, o acréscimo de material também é evidente, tal como genealogias, dados históricos a respeito dos levitas e sacerdotes, relatório de construções e poderio militar.

### 1.2.2 Problemas de Pesquisa

Os estudos exegéticos, com seus métodos predominantemente históricos, apontam que há mudanças na narrativa de Crônicas em relação a Samuel e Reis e que elas refletem um objetivo diferente. O livro de Crônicas traz uma nova narrativa que trata também do período completo da monarquia israelita, porém a partir de um novo prisma. Uma vez que o novo livro traz omissões e acréscimos ao texto e, através disso, mudanças no discurso, pergunta-se

---

<sup>7</sup> A interpretação apresentada por Julio Paulo Tavares Zabatiero em seu livro *História Cultural de Israel* será tomada nesta pesquisa como pressuposto para as análises das estratégias literárias do narrador de Crônicas em relação às suas fontes canônicas: Samuel e Reis.

quais são as estratégias narrativas utilizadas pelo narrador para estabelecer o novo discurso e como elas contribuem para isso.

### 1.2.3 Hipóteses de Pesquisa

Tem-se como hipóteses que:

1.2.3.1 as estratégias narrativas consistem em:

1.2.3.1.1 inserir cuidadosamente novas informações no enredo;

1.2.3.1.2 explicitar aspectos presentes nos livros mais antigos trazendo para a voz do narrador aquilo que estava em discurso direto;

1.2.3.1.3 mudanças no foco narrativo com acréscimos de avaliações e explicações.

1.2.3.2 O propósito de Crônicas é influenciar os receptores:

1.2.3.2.1 visando promover o culto como identidade judaica. Para tanto, o material que consta dessas informações promove o convencimento por localizá-los em momentos que antecedem bênçãos e prosperidade;

1.2.3.2.2 trazendo para a voz do narrador o que estava apenas em discurso direto, explicita aspectos de Samuel e Reis não tão óbvios para os receptores do livro de Crônicas quanto seu contexto histórico o permitia, ou seja, elimina a necessidade de longas reflexões sobre as sutilezas do enredo;

1.2.3.2.3 promovendo inserções de avaliações que contribuem para manter o leitor sob o foco pretendido, às vezes diferente do foco dos livros anteriores. Esta é a estratégia mais importante, pois propõe que o narratário leia a história da maneira que o narrador deseja.

O ponto de vista formal é o mesmo em Samuel, Reis e Crônicas, ou seja, o narrador está em terceira pessoa e é onisciente. No entanto, nota-se uma mudança no nível avaliativo. No livro de Crônicas o narrador lê conceitualmente a antiga história para seus narratários, explicitando aquilo que nos outros livros estava à mercê da percepção de seus leitores. O narrador onisciente de Crônicas conduz seus narratários a uma aproximação da história, procurando fazê-los enxergá-la de acordo com um propósito. Essa visão, porém, é vista de um ângulo que fornece uma perspectiva a partir da ideologia religiosa israelita, demonstrando os propósitos que guiam os acontecimentos. Apresentado por este ângulo visual, a leitura passa a ser percebida pelo que o autor entende ser o ideal para a vida religiosa do povo israelita após o exílio.

Com tais estratégias, o narrador de Crônicas facilitava e acelerava a compreensão do discurso contido na narrativa. Isto reflete um propósito de urgência na mudança de postura

dos destinatários. O discurso, portanto, procura não só convencer os receptores da necessidade do culto como fator de identidade, como também fazer que eles respondam rapidamente ao discurso.

### 1.3. OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é identificar o narrador no livro de Crônicas e a maneira como ele elabora um novo discurso através das mudanças que promove na voz do narrador, diferenciando-o dos livros que o autor toma como fonte. Especificamente se pretende demonstrar como os acréscimos do cronista à voz do narrador estabelecem a relevância do livro para o cânon hebraico e também para seus leitores, e como uma abordagem literária na exegese pode complementar a abordagem histórica no estudo das narrativas hebraicas.

Cabe ressaltar aqui que a pesquisa tem a pretensão de comparar os textos de Samuel e Reis com os do livro de Crônicas da forma como se encontra no cânon judaico e cristão. É importante dizer isto porque 4QSam<sup>a</sup>, um manuscrito do livro de Samuel descoberto mais recentemente, pode ter sido fonte para Crônicas, contendo muitas das variantes entre Crônicas e Samuel e concordando com Crônicas (MCKENZIE, 2004, posição 482-486; KLEIN, 2006, 21:1-22:1§1). Sendo assim, seria necessário um trabalho específico de comparação entre o texto massorético<sup>8</sup> de Samuel, de onde vem o cânon judaico e cristão, e 4QSam<sup>a</sup> para, então, verificar se há alterações na atuação do narrador que possam estar presentes em Crônicas. Por isso, a necessidade de especificar que a presente pesquisa trabalha com os textos da forma como foram canonizados. Quanto ao texto de Reis, não há como fazer essa ressalva porque aquele que serviu de fonte para o cronista era semelhante ao texto massorético (MCKENZIE, 2004, posição 486-487).

### 1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo se constitui de pesquisa bibliográfica e análise literária. A pesquisa bibliográfica aponta os estudos já realizados na comparação entre Samuel e Reis e o livro de

---

<sup>8</sup> Texto Massorético é “um grupo de manuscritos hebraicos da Bíblia, datados desde os primeiros séculos da Idade Média, sendo que todos apresentam notáveis semelhanças entre si. Esses documentos possuem um padrão elevado de uniformidade textual devido, principalmente, ao trabalho consistente e meticuloso dos escribas judeus do período medieval, conhecidos como massoretas, que elaboram um rígido sistema de preservação e de transmissão do texto da Bíblia Hebraica, sem corrupções e alterações significativas.” (FRANCISCO, 2008, p. 221)



Crônicas. A partir daí se passa a demonstrar como uma abordagem do narrador via teoria literária contribui para o desenvolvimento da pesquisa. A maneira escolhida para se fazer isto é colocar os livros de Samuel e Reis lado a lado com o livro de Crônicas com o propósito de identificar o que foi retirado e o que foi acrescentado. Feito isto, a pesquisa se serve apenas dos textos paralelos entre estes livros. Também não são levados em conta aspectos minuciosos das diferenças no hebraico ou as pequenas variações de palavras ou frases, visto que não afetam o resultado geral do trabalho. Variações fraseológicas nem sempre podem ser avaliadas pelo prisma da intencionalidade porque existe um fator relativo à ciência da crítica textual<sup>9</sup>. Apenas os nítidos acréscimos ou alterações na voz do narrador, que são aspectos que podem ser perfeitamente perceptíveis tanto em hebraico quanto em português, são considerados, a menos que variações em palavras ou frases sejam relevantes para os aspectos literários. As omissões apenas são identificadas para verificar quais materiais ficaram de fora e por quais razões eles não seriam úteis à nova obra. Esta parte não é a que mais interessa à pesquisa, por isso ela se restringe à identificação de temas.

Com base no material acrescentado, são analisadas a presença do narrador do livro de Crônicas, procurando em sua voz como ele se comporta na história reescrita em relação às narrativas anteriores dos livros de Samuel e Reis. Essa análise identifica como os acréscimos são encaixados na voz do narrador para produzir o novo discurso e de quais efeitos as avaliações propostas pelo narrador de Crônicas produzem. Além da voz do próprio narrador, se verifica nesta pesquisa como ele trabalha com os discursos diretos dos personagens para reforçar seu argumento. A tradução utilizada para esse procedimento é Almeida Revista e Atualizada por ser uma das mais populares entre as tradições protestantes.

## 1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.5.1 Teoria de Franz Karl Stanzel

Uma das teorias com as quais se trabalha nesta pesquisa foi desenvolvida por Franz Karl Stanzel (1986). Ele trabalhou a narrativa a partir do conceito de mediaticidade. Para ele o narrador é um mediador (entre a história e o leitor) que se utiliza de recursos diversos para

---

<sup>9</sup>A crítica textual refere-se ao estudo comparativo entre os vários manuscritos de um mesmo livro cujo autógrafo não mais existe. Comparando os textos das mais diversas famílias de manuscritos os estudiosos da área procuram esclarecer as possíveis causas das variantes textuais a fim de reconstituir o texto original ou chegar o mais próximo possível dele (PAROSCHI, 1993, p. 13-15). “Crítica textual” é a nomenclatura utilizada no meio dos estudos bíblicos. Em outros meios é conhecida como ecdótica.

influenciar seu narratário e a mediação que exerce pode sofrer variações em grau. O conceito de mediaticidade de Stanzel descreve como o narrador intervém. Ele é sempre o mediador entre a história e o leitor, mas o narrador pode falar diretamente a ele ou deixar que o leitor contemple a cena dando a impressão de estar ausente ou causando a sensação de a história não estar sendo mediada. Neste caso os personagens são contemplados pelo leitor, o qual deve, por si mesmo, tirar suas conclusões. É um apelo à função hermenêutica do leitor.

Para descrever esses recursos Stanzel desenvolveu uma tipologia analítica para a narrativa que denominou de “situação narrativa” ou “ponto de vista”. A situação narrativa é o processo de mediação que influencia o leitor na forma em que ele percebe a história. Ele descreve as várias possibilidades de variações que uma obra pode ter através de um círculo tipológico com três situações narrativas: autoral, primeira pessoa e personativa, cada uma variando entre dois polos. Esses polos são descritos em três elementos: modo, que pode ser narrador ou refletor; pessoa, que pode ser terceira ou primeira, ou respectivamente, não-identidade e identidade; e a perspectiva, que pode ser externa ou interna. A situação autoral varia entre a perspectiva externa e interna; a situação de primeira pessoa, entre identidade e não identidade; e a situação personativa, entre refletor e narrador.

Na situação narrativa autoral, o autor se faz explicitamente presente porque se dirige diretamente ao leitor fazendo comentários sobre os acontecimentos enquanto narra. O autor toma o leitor pelas mãos para guiá-lo pelo mundo ficcional. É nesta situação que o narrador se comporta como onisciente e é ela que possibilita que ele faça comentários e avaliações.

O conceito de foco é também importante porque,

A focalização de uma parte da realidade representada direciona a atenção do leitor para o elemento tematicamente mais importante da narrativa ou de uma parte da narrativa. Portanto, focalização pode ser definida como o primeiro plano de certo aspecto temático por meio da perspectiva narrativa (1986, p. 113-114)

Quando há uma mudança da maior parte da apresentação para o narrante ou quando a atenção do leitor é temporariamente direcionada mais para o próprio processo narrativo do que para os eventos narrados tem-se uma mudança de focalização. (1986, p.114).

João Leonel, ao comentar sobre a teoria de Stanzel, afirma que “o texto moldado na perspectiva externa, por estar voltado para artifícios estéticos direcionados para o leitor, conterà maior capacidade retórica de convencimento” (ZABATIERO, LEONEL, 2011, p. 88). O predomínio da perspectiva externa na Bíblia é uma das preocupações desta pesquisa. Por isso, a teoria de Stanzel é relevante.

### 1.5.2 A Teoria de Boris Uspensky

O aspecto fundamental da teoria de Uspensky é representado pelo ponto de vista ideológico, pelo qual é apresentada uma forma conceitual de leitura da história. Isto seria o que Gerard Genette chamou de “função ideológica do narrador” com referência às suas intervenções comentando didaticamente a história, privilégio este incontestável do narrador (1995, p. 255,257). Esse ponto de vista pode ser único ou monológico ou pode ser múltiplo. Este conceito aproxima-se da teoria de Bakhtin, segundo o qual em todo texto há um dialogismo, que será evidente quando vários personagens apresentam suas vozes (polifonia) ou camuflado numa única voz (monofonia) (BARROS, 2003, p. 5-6). Segundo Uspensky, há um ponto de vista dominante, mesmo que vários estejam presentes na obra. Esse ponto de vista dominante subordina todos os demais (1973, p. 8-9).

O ponto de vista ideológico pode pertencer ao próprio narrador, mas também aos personagens ou à comunidade (1973, p. 35). Uspensky afirma que,

o ponto de vista do autor ou do narrador pode ser em alguns casos apresentado explicitamente na obra (quando um autor ou narrador conduz sua narração em sua própria voz, enquanto em outros casos ele possa ser descoberto somente por um processo de uma análise especial. Um personagem que funciona como um veículo de um ponto de vista ideológico pode, neste caso, ser retratado como percebendo e avaliando a ação que é descrita; em outros casos a presença do personagem é somente potencial, e a ação é apresentada como se de um ponto de vista de um personagem (1973, p. 13, tradução nossa)

Portanto, quando o ponto de vista ao qual se opõe o narrador é representado por personagens, o narrador procura promover a antipatia do leitor por ele.

O sistema de ideias de uma obra é o que o teórico considera como a sua estrutura composicional profunda. A estrutura composicional superficial é aquela que se encontra nos demais níveis, os quais ele chama de fraseológico, espaço-temporal e psicológico. Cada um desses planos pode estar relacionado ao outro em concordância ou discordância. Assim, a construção da narrativa acontece a partir de um plano ideológico que pode se associar aos níveis mais superficiais.

No plano fraseológico, o ponto de vista se estabelece no aspecto lingüístico, através da descrição dos personagens. Quando o ponto de vista do narrador coincide com o de algum personagem e ambos o descrevem da mesma maneira, ambos estão no mesmo nível fraseológico. De outra forma estariam divergindo fraseologicamente. Através da análise fraseológica pode-se perceber a proximidade ou distanciamento que o narrador mantém em

relação a determinado personagem, podendo assumir uma posição interna ou externa em relação a ele (USPENSKY, 1973, p. 17-55).

Narrador e personagens podem também coincidir no plano de espaço e tempo, mas é de particular interesse para esta pesquisa o ponto de vista no plano ideológico, por seu foco na leitura conceitual da história, o qual caminhará unido ao conceito de mediaticidade, de Stanzel. O ponto de vista fraseológico também será usado para as análises a fim de estabelecer a relação entre a ideologia do narrador e a dos personagens.

### 1.5.3 A Teoria de Robert Alter

De Robert Alter é a última teoria escolhida para as análises desta pesquisa. Este teórico também aborda as duas grandes divisões da narrativa que são o que Platão chamou de diegese e mimese (1965, p. 158-159), ou em termos mais recentes, a narração e a dramatização. Alter também trabalha com esses conceitos, utilizando os termos “sumário” e “evento narrativo”, para definir as características que ele observou nas narrativas hebraicas. Em suas próprias palavras esses termos são assim definidos:

Por “evento”, entendo um momento significativo da sequência narrativa que se distingue do sumário – por sua vez, uma forma de narração fartamente usada na Bíblia para articular um evento a outro e para a exposição autônoma do material considerado indigno de realce. [...] Um evento narrativo propriamente dito ocorre quando o ritmo da narração se desacelera o suficiente para que captemos uma cena singular, para que tenhamos a ilusão de que a cena se desenrola em “tempo real” e para que imaginemos a interação dos personagens ou grupos de personagens, com toda a sua carga de motivações, objetivos de personalidade, condicionamentos políticos, sociais ou religiosos, e significativos morais e teológicos que emanam de suas falas, gestos e atos. (2007, p. 102)

Portanto, um evento narrativo se aproxima do andamento natural dos acontecimentos, enquanto que em um sumário, o tempo da narração é extremamente curto se comparado ao tempo do evento.

Sua teoria se faz importante nesta pesquisa porque ele é um crítico literário que trabalha principalmente com a Bíblia, e a partir dela e para o seu estudo oferece uma teoria narrativa. Segundo ele, as narrativas bíblicas são essencialmente formadas por discursos diretos na dramatização (2007, p. 107). Geralmente o que se encontra em tais narrativas é uma participação do narrador em sumários<sup>10</sup>, momentos em que a narrativa se acelera com a

---

<sup>10</sup>De fato, o narrador sempre participa, mesmo quando está apresentando uma dramatização, no entanto, quando se fala de uma participação do narrador em sumário pretende-se dizer uma presença mais marcante e evidente.

ocorrência de muitos verbos (2007, p. 126). Separar a narração da dramatização será necessário porque é bem diferente afirmar explicitamente um conceito de deixar por conta da percepção do leitor. Diferentemente do que acontece num romance, onde o sumário e o evento narrativo podem se misturar, na Bíblia eles permanecem bem distintos (ALTER, 2007, p. 103).

O discurso direto é sempre utilizado em narrativas bíblicas em momentos críticos do evento narrativo em que se cogita possibilidades, se pondera alternativas ou se toma decisões. (2007, p. 108-109). A fim de descrever tudo o que é significativo, a essência daquilo que se faz presente no homem ou em Deus, procura-se expressar por meio de discursos diretos, inclusive transpondo-se para discurso falado aquilo que é pré-verbal ou não-verbal nos personagens (2007, p. 111-112). As falas são tão importantes nas narrativas bíblicas que até o silêncio, quando é objeto de narração, constitui algo de significado para o enredo (2007, p. 125). Raramente se encontra na Bíblia motivos livres (2007, p. 126), ou seja, aquilo que pode ser omitido sem trazer prejuízo à leitura. Isto quer dizer que tudo o que é narrado na Bíblia será importante para dar sentido ao enredo; a mensagem a ser transmitida está sempre em primeiro plano, muito acima de qualquer razão estética.

Em alguns momentos em que os eventos são dominados pelo diálogo, três são as principais razões apontadas por Alter pelas quais uma narração mais enxuta pode estar presente. A primeira delas é para descrever ações essenciais para o desenvolvimento do enredo que dificilmente se encontraria um local adequado dentro dos diálogos para comunicá-las. A segunda é a comunicação de dados expositivos que não fazem parte do enredo por não envolverem ações. A terceira razão para uma narração enxuta estar inserida num trecho onde os diálogos dominam é repetir, confirmar, subverter ou focalizar afirmações dos personagens (2007, p. 121).

Em suma, pode-se dizer que, segundo a observação de Alter, a literatura hebraica mais polida se caracteriza pela preferência por discursos diretos, deixando o uso de sumários a serviço dessas dramatizações. Alter fala de exposição, narração propriamente dita e diálogo. Segundo ele, “A chave para compreender a articulação desses meios de construção do evento narrativo na Bíblia é o desejo de dar a cada situação ficcional, com o mínimo de intervenção autoral, uma clara orientação temática, bem como uma profundidade moral e psicológica” (2007, p. 135).

#### 1.5.4 Uma Síntese das Teorias

A pesquisa, portanto, é norteadada por essas três teorias. A teoria de Stanzel contribui com seu conceito de mediaticidade e as características e funções da situação autoral. A teoria de Uspensky tem como importante fundamentação o seu conceito de ponto de vista ideológico, pelo qual um narrador faz uma leitura conceitual da história. É neste ponto que se faz distinção entre os focos de Samuel e Reis e o foco de Crônicas. As ferramentas utilizadas pelo narrador para focalizar ideologicamente a história recontada são fornecidas pela teoria de Alter quanto às características da narrativa hebraica.

A teoria literária tem desenvolvido muitas formas de se estudar o fenômeno narrador e muitos são os estudos realizados no que se refere à literatura comparada. Porém, para os propósitos desta pesquisa e a natureza da literatura estudada, Stanzel, Uspensky e Alter fornecem subsídios suficientes para uma boa comparação entre os narradores de Samuel e Reis e o narrador de Crônicas, bem como para se apontar as diferenças no foco narrativo avaliativo.

## 2. HISTÓRIA DA PESQUISA, PONTOS DE CONTATO E APRESENTAÇÃO DOS LIVROS ANALISADOS

### 2.1 HISTÓRIA DA PESQUISA

Diversas abordagens já foram dadas aos estudos do livro de Crônicas. Temas como sua aceitação no cânon, a natureza de sua composição e as fontes utilizadas. As abordagens referentes à história do livro e às histórias que ele narra já tiveram inúmeras versões. Não só o estudo histórico, como também o estudo textual teve sua proeminência. Como o livro repete muitas narrativas vindas dos livros de Samuel e Reis, problemas de crítica textual puderam ser resolvidos através de Crônicas. Exemplo disto é o texto de 1 Crônicas 20.5 que serviu de parâmetro para estabelecer o texto de 2 Samuel 21.19 que continha duas evidentes corrupções (WRIGHT, 1991, v. A-I, p. 358).

Os mais remotos usos do livro de Crônicas influenciaram os estudos até o período moderno. A própria maneira como o livro de Crônicas foi nomeado em sua versão grega na Septuaginta<sup>11</sup> influenciou os estudos nos últimos séculos. O título que recebeu naquela versão foi *Paraleipomena*, que significa “coisas omitidas”. No período anterior ao surgimento da crítica bíblica<sup>12</sup>, mesmo tendo sido considerado confiável pelos judeus e pela igreja cristã, a ideia de que ele era um suplemento para os livros de Samuel e Reis contribuiu para que Crônicas fosse estudado prioritariamente naquelas passagens onde “completaria” os livros anteriores. Esta é a principal razão pela qual os estudos deste livro foram reduzidos ao mínimo (THRONTVEIT, 2005, p. 109)

Poucos exemplares de Crônicas foram encontrados entre os manuscritos de Qunran<sup>13</sup>. Tanto o Talmude<sup>14</sup> quanto a Mishnah<sup>15</sup> consideram-no um livro para meditação dos sábios em detrimento dos leigos. Além disso, o livro foi visto como um Midrash<sup>16</sup> de Esdras sobre as

---

<sup>11</sup> Versão grega do Antigo Testamento, completada antes da escrita do Novo Testamento.

<sup>12</sup> Movimento decorrente do racionalismo dos séculos XVII e XVIII.

<sup>13</sup> Manuscritos encontrados em cavernas próximas ao Mar Morto nas décadas de 1940 e 1950 com porções de quase todos os livros da Bíblia Hebraica. A descoberta de tais manuscritos foi muito importante porque eles datam de um período entre o século II a.C. e o ano 70 d.C., sendo que antes da descoberta os manuscritos mais antigos conhecidos eram datados entre os séculos IX e X d.C. Com a descoberta esvaiu-se a possível suspeita de que os textos bíblicos teriam sido modificados, o que se pode constatar através dos documentos completos e os milhares de fragmentos.

<sup>14</sup> Livro central para o judaísmo que contém registro de discussões rabínicas. Possui a versão de Jerusalém, escrita no 3º século, e a versão da Babilônia, duzentos anos mais recente.

<sup>15</sup> Uma das principais obras do judaísmo rabínico. É a fonte central do pensamento judaico posterior ao terceiro século.

<sup>16</sup> Uma compilação de ensinamentos sobre a interpretação de histórias bíblicas que procura preencher lacunas deixadas nas narrativas.

histórias de Samuel e Reis. Foi muito difundido que, as diferenças de Crônicas em relação a Samuel e Reis vieram de alterações tendenciosas, teologicamente motivadas. Isto foi posteriormente refutado pelos estudos de Wilhelm M. L. De Wette no século XIX, o pioneiro na comparação entre partes do Antigo Testamento para produzir um relato da história da religião de Israel (ROGERSON, 2007, p 357)

Outro fator determinante para os estudos do livro foi o fato de ter sido deslocado para compor uma seção que em Bíblias subsequentes ficaram conhecidas como “Livros históricos”<sup>17</sup>. Isto fez com que sua natureza teológica fosse ofuscada e sua precisão histórica desafiada. A questão da confiabilidade histórica dominou as primeiras discussões sobre Crônicas. Wellhausen, por exemplo, no final do século XIX considerou que Crônicas era menos confiável do que Samuel e Reis em matéria de historicidade (PELTONEN, 1996, p. 236-237). Albright, por sua vez, na década de 1950 defendeu que há historicidade em Crônicas (JAPHET, 2006, p. 129), embora admitisse que os números fossem exagerados. Em estudos mais recentes a questão do valor histórico de Crônicas tem deixado espaço para o material adicional trazido pelo livro.

Welten em seus estudos na década de 1970 considerou irreal os relatos de construções e as guerras que não encontram paralelo em Samuel ou Reis. Contudo, alegou que tais relatos sempre acompanham aqueles reis cuja avaliação do narrador era positiva (CUDWORTH, 2016, p. 118). Isto é reconhecido ao final da mesma década inclusive por Williamson, que considera que as narrativas adicionais tenham um núcleo histórico, embora sejam um produto da linguagem do cronista para tratar de guerras santas. (KLEIN, 1992, v. A-C, p. 997-998). Dessa forma, verifica-se que independentemente de alguém concordar ou não com o valor histórico de Crônicas, sua contribuição teológica tem sido amplamente reconhecida.

Até há pouco tempo Crônicas e os livros de Esdras e Neemias eram vistos como duas partes de uma mesma obra. Como resultado disto, Crônicas foi lido através das lentes de Esdras-Neemias. Apesar de todas as similaridades entre tais obras, os assuntos teológicos principais são distintos. O debate ainda permanece aberto, mas já há um consenso muito maior em relação à autoria independente de Crônicas e Esdras-Neemias (JAPHET, 1968, p. 330-371). Além disso, considera-se que as genealogias do início do livro de Crônicas servem aos propósitos apenas deste livro.

---

<sup>17</sup> Na Bíblia Hebraica o livro das Crônicas encontra-se numa seção chamada “Escritos”, enquanto que Samuel e Reis situam-se entre os “Profetas Anteriores”. Na Bíblia cristã os três são colocados em sequência numa seção denominada “Livros Históricos”.



Apesar das fontes de Crônicas serem reconhecidamente aceitas, a partir de M. Noth parte do material inserido às narrativas de Samuel e Reis começou a ser considerado glosa do cronista, tais como materiais levíticos (WILLI, 1972, p. 194-204) e outras porções (KLEIN, 1992, v. A-C, p. 993-994). Noth entendeu que o livro de Crônicas se tratava de uma resposta ao cisma Samaritano. Porém, posteriormente constatou-se que o cisma ocorreu no segundo século antes de Cristo, e não no terceiro, como dizia Noth (MCCREERY, 2007, p. 778). Isto significa que a ideia de Noth foi desbancada por motivo de anacronismo. Welten, por sua vez, aponta os problemas entre os ptolomeus e os selêucidas, que ocorre no século terceiro, como o contexto social mais apropriado para a interpretação de Crônicas (VAHOOZER, 2005, p. 110).

Os pontos demonstrados até aqui são determinantes para que o livro de Crônicas tenha recebido bem pouca atenção em relação aos demais livros bíblicos, e isto tanto em círculos judaicos quanto cristãos. Somente no período moderno é que Crônicas tem sido lido pelo ângulo de como ele apresenta Israel pelos aspectos histórico e teológico. Desde o período antigo até meados do século XX, Crônicas foi considerado como o livro que apresenta informações complementares a Samuel e Reis, que eram considerados como principais fontes de história. Desse fato, decorre a negligência que recebeu desde a exegese rabínica até o período moderno (THRONTVEIT, 2005, p. 110).

Na década de 1980, as discussões giravam em torno da confiabilidade da história narrada em Crônicas para a composição da história de Israel (GRAHAM, 1989). Questões sobre o gênero literário também têm sido levantadas. Há aqueles que defendem um gênero chamado “Bíblia reescrita”, baseado em documentos encontrados em Qumran (TUELL, 2001, p. 7), assim como outros defendem tratar-se de um “segundo épico nacional”, (ZVI, 2005, p. 32). Para alguns, Crônicas é o livro de um teólogo; para outros, de um exegeta, ou ainda de um historiador (JONKER, 2007, p. 21-24). Dentro destes debates mais recentes, Knoppers se opõe à definição de Crônicas como “Bíblia reescrita” em favor da posição de que seja uma interpretação com a finalidade de sanar determinadas obscuridades, propondo que a definição da natureza da obra se dê não apenas pela descrição de sua forma, mas também de sua intenção (JONKER, 2007, p. 24).

Mesmo sendo Crônicas um livro que tem sido objeto de pouca pesquisa em relação à maioria dos livros bíblicos, já se estabeleceram diversas teorias e pesquisas em diferentes áreas. Nota-se, no entanto, uma lacuna em relação aos aspectos literários. Como os estudos literários têm sido usados mais recentemente para estudos na literatura bíblica, é razoável que os livros mais populares sejam os primeiros a receberem atenção. Como já apontado

anteriormente, Crônicas não está entre os mais populares, embora não seja menos importante, e, portanto, tendo sido em geral menos estudado que os demais, é ainda mais carente de estudos literários.

## 2.2 A INTER-RELAÇÃO DOS ESTUDOS DA BÍBLIA COM OS ESTUDOS LITERÁRIOS

### 2.2.1 A teoria literária nos estudos bíblicos

Os estudos bíblicos têm utilizado da teoria literária há bem pouco tempo. Livros mais antigos nem mesmo a mencionam (BERKHOF, 1994; FEE; STUART, 1984; MARTÍNES, 1984). Douglas Stuart (1984) apresenta dentro do que ele chama de literário alguns aspectos do paralelismo da poesia hebraica e o contexto literário, que nada mais é do que um texto mais amplo do que uma perícopes. Em *A exegese e suas falácias*<sup>18</sup>, D. A. Carson (1992) apresenta uma série de equívocos na interpretação, porém, todos a partir de uma perspectiva linguística.

Os métodos críticos foram os primeiros a utilizarem uma abordagem literária, enquanto o método gramatical resistiu a essa abordagem pelo fato de julgá-la parte da exegese crítica (LEONEL, 2012, p. 111). Mais recentemente os adeptos deste método têm considerado os aspectos literários dos livros bíblicos e feito uso da teoria literária, mas ainda se encontra em um nível bem insipiente. Exemplos desses usos são: o gênero literário e/ou estilo (ANGLADA, 2006, p.243-247; BRUGGEN, 1998, p. 98-103; KAISER; SILVA, 1994, p. 69-158; SPROUL, 2003, p. 52-56; GREYDANUS, 2006, p.240-254,287-299,331-347,375-383), e há quem chame de literário aquilo que na verdade é linguístico. Maria de Lourdes Corrêa Lima em *Exegese bíblica: teoria e prática* (2014) apresenta as abordagens diacrônicas do método histórico-crítico como carentes de uma complementação (2014, p. 65). Dentro dos métodos sincrônicos ela apresenta a análise narrativa como um dos métodos complementares (2014, p. 66-67), além de um pequeno capítulo sobre a crítica do gênero literário (2014, p. 123-129) e dois apêndices contendo os principais gêneros literário do Antigo e do Novo Testamentos (2014, p. 171-204). Mesmo assim, nota-se que a abordagem literária não é a parte mais importante de sua obra.

Dentre as mais recentes traduzidas para o português encontra-se a obra de Grant R. Osborne (2009). Embora não seja a mais recente, é provavelmente a que mais dá atenção aos aspectos literários para a interpretação da Bíblia, ainda que dentro de uma perspectiva

---

<sup>18</sup>em edições mais recentes chamado de *Os perigos da interpretação bíblica* (2001)

bastante conservadora. Uma das três partes do livro concentra-se na análise do gênero literário (OSBORNE, 2009, p. 228-439). Dentre os vários gêneros está a narrativa, explanando sobre autor e narrador implícitos, ponto de vista, ideologia e mundo narrativo, tempo da narrativa e da história, enredo, caracterização e diálogo, cenário, comentário implícito e leitor implícito (OSBORNE, 2009, p. 254-271). Interessante é a crítica que faz logo em seguida, considerando como pontos fracos da crítica narrativa aquilo que ofende o ponto de vista conservador (OSBORNE, 2009, p. 271-276).

Andreas J. Köstenberger e Richard D. Patterson elaboraram outra recente obra lançada em português, *Convite à Interpretação Bíblica*, também com viés conservadora, que dedica uma dentre três partes ao gênero literário (2015, p. 221-550). Esta é uma parte muito considerável do livro em termos de tamanho, além de se aprofundar muito mais do que as primeiras obras que deram atenção à Bíblia como literatura. Nas partes que trata da narrativa (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 225-247, 343-389), os autores abordam as várias formas de narrativa ou subgêneros, além dos elementos externos e internos de uma narrativa e questões de estilo e dão uma amostra de como interpretar uma narrativa bíblica fazendo uso dessas ferramentas.

Depois dos valiosos *insights* de Erich Auerbach e Robert Alter, tem início uma nova fase com a credibilidade de que a crítica literária teria valor considerável para a pesquisa realizada na literatura bíblica. Assim, surgem obras como as de Adele Berlin (1994), Tremper Longman III (1987), John Gabel e Charles Wheeler (1993), José Pedro Tosaus Abadia (2000). Os livros que expõe especificamente a teoria narrativa e explicam como aplicá-la às narrativas bíblicas com inúmeros exemplos de toda a Bíblia, foram publicados no Brasil por Richard Pratt Jr. (2004), abordando principalmente a apresentação e caracterização de personagens, cenas e estruturas; Daniel Marguerat e Yvan Bourquin (2010), trazendo as contribuições de muitos dos teóricos literários para o campo bíblico; Jaldemir Vitória (2016), o mais recente brasileiro encontrado nesta pesquisa, trabalha na mesma linha do citado anteriormente, aplicando diretamente a teoria da narrativa aos textos bíblicos em geral e apontando sua relevância. Antes dele, porém, tratando-se de um brasileiro fazendo uso sério da teoria literária, deve-se mencionar João Cesário Leonel Ferreira que já havia trabalhado com profundidade em textos bíblicos narrativos especialmente nos Evangelhos (LEONEL, 2013; ZABATIERO; LEONEL, 2011).

### 2.2.2 Os estudos bíblicos no campo literário

Tendo abordado como os hermeneutas e exegetas começaram a fazer uso da teoria narrativa para interpretar textos religiosos, a partir deste ponto passa-se a considerar o caminho inverso, ou seja, como a temática bíblica influencia a literatura ficcional.

Em *Mimesis*<sup>19</sup> (2011), uma obra de referência para os estudos de letras, Auerbach aborda como a literatura ocidental se fundamentou pela concepção do mundo grego e do mundo judaico-cristão. Ele faz uma comparação do episódio bíblico em que Abraão leva seu filho Isaque para ser sacrificado com a Odisséia, de Homero, que é outra das bases da literatura ocidental. Ele verifica como a Odisséia preenche todos os espaços não deixando nada inacabado (AUERBACH, 2011, p. 3), enquanto que a narrativa bíblica mantém muitos espaços abertos, com uma narrativa rápida e sem muitas explicações (AUERBACH, 2011, p. 7-9). Segundo o crítico, “esses estilos exerceram sua influência constitutiva sobre a representação européia da realidade” (AUERBACH, 2011, p. 20).

Northrop Frye também tomou esse caminho de apresentar o parentesco da Bíblia com a literatura ocidental. O título original de seu livro, *The Great Code*, foi tomado de William Blake, o qual dizia que “o Antigo e o Novo Testamentos são o Grande Código da Arte” (2004, p. 15). O crítico considera que até o séc. XVIII a literatura ocidental operou dentro da estrutura imaginativa da Bíblia e em grande parte ainda o faz (2004, p. 9). Segundo ele, alguém que não conhece a Bíblia não poderá entender o que se passa nas obras de Milton e de Blake, que eram mais bíblicos até para os padrões da época (2004, p. 10). Apesar da Bíblia ser composta de muitos livros, foi como uma unidade que ela “pesou sobre a imaginação do Ocidente” (2004, p. 11).

Até mesmo o tipo de narrativa que se produz no ocidente desde há muito tempo deriva da Bíblia. Alter afirma que “é um fenômeno peculiar e culturalmente significativo que, entre os povos antigos, somente o de Israel tenha escolhido expressar suas tradições nacionais em prosa.” (ALTER, 2007, p. 47). A respeito disto, Talmon<sup>20</sup> faz o seguinte apontamento:

O predomínio notável na Bíblia da narração em prosa simples que cumpre as funções para as quais outras literaturas revertem para o gênero épico: contos heróicos, historiografia, até mesmo mito e cosmogonia. O fenômeno é muito marcante para ser coincidência. Proponho que os antigos escritores hebreus propositadamente nutriram e desenvolveram narração em prosa para tomar o lugar do gênero épico que por seu conteúdo estava intimamente ligado ao mundo do paganismo e parece ter tido uma posição especial nos cultos

<sup>19</sup> Edição alemã original de 1946. Primeira edição em português de 1971

<sup>20</sup> Shemaryahu Talmon foi professor na Universidade Hebraica de Jerusalém.

politeístas. [...] Parece que, no âmbito do culto, os escritores hebreus desenvolveram o salmo historiográfico como um substituto para a epopéia. Os grandes atos de Deus na criação do mundo e na história foram assim relacionados e possivelmente recitados num gênero especificamente israelita. (TALMON, 1978, p. 354,355, tradução nossa)

Se, como tudo indica, a origem da prosa direta provém do judaísmo, a influência da Bíblia na literatura ocidental é ainda mais marcante e o estudo da narrativa bíblica tem uma importância maior na literatura do que demonstra a atenção que tem sido dada a ela no âmbito das letras, ao menos no Brasil.

A literatura contemporânea tem sido produzida cada vez mais por pessoas que já não tem tanta afinidade com a Bíblia, o que tem feito com que personagens e enredos bíblicos se ausentem da nova literatura. No entanto, quando se fala em prosa direta, característica ainda da literatura ocidental contemporânea, a influência da Bíblia se mantém presente. Flávio Aguiar, tradutor da obra de Frye, escreve no posfácio da edição brasileira de *Código dos Códigos*:

Podemos ver a fábula de uma narrativa ficcional, ou seu arranjo na narração que compõe o enredo, como uma sucessão de acontecimentos dispostos no tempo, mesmo que haja *flashbacks* e antecipações reveladoras. Mas também podemos ver ambas, fábula e narração, como uma estrutura simultânea de imagens e situações que se articulam. A forma particular da obra literária se torna significante e perceptível pelo modo como essas visões, a diacrônica e a sincrônica, se articulam. Foi a Bíblia, mais do que a tradição clássica, que criou esse processo e esse procedimento sobretudo no plano interno das obras, e foi a Bíblia também que, por assim dizer, “ensinou” os escritores, mesmo os modernos, a proceder desse modo. (2004, p. 276)

Dessa forma, a influência da Bíblia é bastante sutil e pode passar facilmente despercebida. Mesmo assim, ela está presente na literatura contemporânea de autores que nem mesmo a conhecem.

### 2.2.3 Conclusão

Considerando que a Bíblia é literatura, é indispensável que seja tratada como tal mesmo dentro dos círculos de estudos teológicos. Por outro lado, sendo a Bíblia elemento embaixador da literatura ocidental, deve ser um dos objetos de estudos literários. A relação intrínseca da Bíblia com a religião tanto prejudica seu tratamento como literatura pelos estudiosos da área da teologia quanto desmotiva os estudiosos da literatura em desenvolverem material sobre ela. Se por um lado até nos campos teológicos mais conservadores o interesse pelo aspecto literário da Bíblia tem crescido, por outro, ainda poucos críticos literários tem

tido a Bíblia como seu principal *corpus*. Por conta disto, a interdisciplinaridade é o que poderá preencher tal lacuna.

Não havendo muitos críticos literários que atuam principalmente na área bíblica será necessário recorrer ao material já produzido pelos teólogos e exegetas. Da mesma forma, não havendo muito material em estudos bíblicos que leve seriamente em consideração a teoria literária, é no campo literário que se deve buscar as ferramentas que ainda faltam. Considerando que a presente pesquisa pertence à área da literatura, cujo *corpus* é parte da Bíblia, e que não há muito em literatura que trate dela, antes de seguir com uma análise literária será apresentada uma pequena abordagem introdutória a respeito dos três livros envolvidos. Pelo mesmo motivo, durante toda a análise se recorrerá também a estudiosos da área da teologia exegética.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DOS LIVROS DE SAMUEL, REIS E CRÔNICAS

Na tradução da Escritura Hebraica para o grego, a Septuaginta (LXX), os livros de Samuel, Reis e Crônicas foram separados em dois volumes cada um e a tradição cristã seguiu este formato. No presente estudo se fará referência à obra como no original, ou seja, tratando cada obra como um só livro. Apenas para efeito de referência é que se usará a terminologia “primeiro” e “segundo” (1 e 2 Sm; 1 e 2 Rs; 1 e 2 Cr).

Samuel e Reis estão em sequência tanto no cânon hebraico quanto no cânon cristão. Crônicas, por sua vez, encontra-se na sequência de Reis no cânon cristão, mas ocupa geralmente o último lugar no cânon hebraico. No cânon cristão os três livros estão entre os chamados livros históricos. A nomenclatura e organização dos livros no cânon hebraico é diferente. Nele Samuel e Reis estão entre os livros chamados “profetas anteriores” enquanto que Crônicas fica entre os livros chamados “Escritos”.

Samuel e Reis funcionam como uma obra só, narrando todo o período da monarquia. Na LXX o conteúdo de ambos é organizado em primeiro, segundo, terceiro e quarto livro dos Reis. Eles fazem parte de um grupo de livros chamados deuteronomistas, pois têm fundamento no livro de Deuteronômio, o quinto livro da Lei, no qual se encontra a doutrina da retribuição, ou seja, que havendo obediência à lei haverá bênçãos, havendo desobediência, maldição. Os livros deuteronomistas registram histórias de como tal princípio foi vivido pela monarquia e pelo povo de Israel até culminar no exílio da Babilônia por causa da idolatria.

Crônicas é uma obra pós-exílica que procura fortalecer a esperança messiânica, ou seja, a vinda de um líder perfeito que reinaria sobre Israel. É parte da literatura chamada

cronista, a qual procura retomar os princípios da retribuição. Mas, ao contrário dos livros deuteronomistas que procuram provocar arrependimento nos israelitas, os livros cronistas têm o propósito de centralizar no templo de Jerusalém a identidade de um povo que em parte retorna à sua terra, em parte permanece no exílio, e na atividade sacerdotal e levítica além de convencê-lo a aproveitar a nova oportunidade que Deus lhes concedia e ser fiel a partir daquele momento e colher as bênçãos em vez de novas maldições.

O retorno do exílio exigia tal preocupação, uma vez que o povo judeu havia vivido por muito tempo inserido numa cultura diferente, e então precisaria assumir uma identidade que proporcionasse unidade. Essa necessidade se intensifica no fato de que o retorno se deu em várias etapas e que nem todos retornaram. A identidade do povo judeu precisaria acontecer de modo a incluir aqueles que permaneceram dispersos.

Todos esses livros são de autoria anônima, há várias hipóteses defendidas por diferentes estudiosos, porém, permanece uma questão indefinida. A data da escrita deve necessariamente acompanhar as teorias de autoria, fazendo com que as teorias de data e autoria influenciem uma à outra. O fato é que os livros bíblicos citam fontes e que era comum copiar trechos inteiros. Assim, podemos falar, não de uma data da autoria de cada livro, mas uma data final de composição.

### 2.3.1 Samuel

Geralmente, considera-se que Samuel foi escrito entre 930 e 722 a.C. A primeira data é sugerida pelo fato de Ziclague ser mencionada em 1 Samuel 27.6 como “pertencente aos reis de Judá até ao dia de hoje”, indicando que o reino já estava dividido no momento da escrita (ARCHER, 1991, p. 209). A segunda data se impõe por causa do plural “reis”, que implica em ser escrito durante o reino dividido após o reinado do segundo rei de Judá (PINTO, 2006, p. 253). Tradições indicam o profeta Samuel como o autor de 1 Samuel 1-24, sendo o restante atribuído aos profetas Natã e Gade (ELLISEN, 2007, p. 110).

Conferir um título a um livro que originalmente não o possui tem influência de pressupostos. Da mesma forma que, dado o título, ele influenciará os leitores. O título “Samuel” é influenciado pelo fato do profeta ser o personagem de maior influência naquele período (ARNOLD; BEYER, 2001, p. 196). Embora o livro narre seu falecimento e não mais o mencione, ele é aquele que teve grande influência na formação da monarquia. Ele é o personagem portador de uma ideologia que se seguirá até o final, mesmo depois de sua morte. Joel Rosenberg comenta que:

“a predominância direta ou indireta de Samuel em I Samuel e sua predominância ideológica menos óbvia em II Samuel (onde ele não é, sob outros aspectos, jamais mencionado) tornam a designação “I e II Samuel” não apenas apropriada, mas um desafio significativo à interpretação literária” (1997, p. 135).

O título na tradição judaica é Samuel, mas ao ser traduzido, a Septuaginta, versão grega da Escritura Hebraica, o divide e lhe atribui o título 1 Reis e 2 Reis, transformando o livro de Reis em 3 Reis e 4 Reis. De fato, o assunto tratado em Samuel e Reis é a monarquia. Mas, ao atribuir tal título ao livro de Samuel, a obra retira de Samuel o foco e o coloca sobre os monarcas. Acerca da divisão de Samuel em duas partes sob o mesmo título, Rosenberg afirma:

Três figuras em particular, formam o foco narrativo, em uma ordem ascendente de elaboração: Samuel, Saul e Davi. Em vez de considerar os três como sujeitos de ciclos distintos de histórias, ou mesmo de ciclos interligados de histórias, deveríamos entender que o trabalho abrange três conflitos ou lutas principais: entre Samuel e Saul, entre Saul e Davi e entre Davi e o legado comum de Samuel e Saul. (1997, p. 137)

Assim, o livro de Samuel possui três momentos importantes sob os personagens Samuel, Saul e Davi, tendo Samuel sua ideologia presente em toda obra.

### 2.3.2 Reis

O livro de Reis não reclama uma autoria em seu texto; é anônimo como a maioria dos livros da Escritura Hebraica. Pela tradição judaica, ao livro de Reis é atribuída a autoria de Jeremias, o profeta que tinha uma forte atuação na provável época de sua escrita (ARNOLD; BEYER, 2001, p. 222).

A data de Reis não pode ser anterior ao último rei de Judá. Portanto, a data mais remota possível da compilação final, conforme 2 Reis 25.27-30, seria a reabilitação do rei Joaquim em 550 a.C., meados do exílio (PINTO 2006, p. 308). A tradição hebraica atribuiu-lhe o título de *Wahamelek*, a primeira palavra do livro, que significa “sendo o rei” (ELLISEN, 2007, p. 126), parte da expressão “sendo o rei Davi já velho...”. Essa maneira de intitular um livro pela primeira palavra era comum na cultura hebraica, pois os livros originalmente não possuíam títulos. A Septuaginta separou o livro em duas partes e, como já mencionado, lhe atribuiu os títulos 3 Reis e 4 Reis.

A estrutura do livro se apresenta em três partes principais: a monarquia unida (1 Rs 1-11); a história sincrônica dos reinos divididos de Judá e Israel até a queda deste (1 Rs 12-2 Rs



17) e eventos subsequentes de Judá até a sua queda (2 Rs 18-25) (SAVRAN, 1997, p. 163). George Savran descreve a ênfase temática de Reis enquadrada numa estrutura quiástica, em cujo centro se encontra a ascensão e queda do culto a Baal, patrocinado pelos monarcas nortistas, apontando para a vitória dos profetas sobre eles (1997, p. 162-163).

O livro tem como objetivo, além de dar e preservar a história de Israel e de sua monarquia, promover o arrependimento, tendo ideologizado que o exílio foi causado pela infidelidade religiosa, principalmente a idolatria (ELLISEN, 2007, p. 128-129). Isto funcionaria também como uma explicação para o povo israelita ter se tornado escravo na Babilônia (PINTO, 2006, p. 312).

### 2.3.3 Crônicas

O livro de Crônicas, como a maioria dos livros bíblicos, não possui um título original. O livro de Crônicas foi primeiramente chamado *dedibhrê hayāmēm* (palavras dos dias), expressão que ocorre diversas vezes no livro de Reis para referência aos registros da corte (PINTO, 2006, p. 355). Quando traduzido para o grego foi dividido em dois volumes, como aconteceu com Samuel e Reis, e chamado de *Paraleipomena* (coisas omitidas). O título mais usado nas traduções de hoje vem do título dado por Jerônimo em sua tradução para o latim: “uma crônica de toda a história sagrada”, simplificado para “Crônicas”. As traduções continuaram a usar a divisão em dois livros da tradução grega. Nessa divisão 1 Crônicas tem paralelo com o livro de Samuel, e 2 Crônicas corresponde ao período tratado no livro de Reis. Nesta pesquisa ele será chamado apenas de “livro de Crônicas”, reservando as referências de primeiro e segundo livro apenas para localizar o texto comentado.

Como é comum entre os livros do Antigo Testamento, Crônicas é um livro cuja autoria se mantém no anonimato. Como testemunho, pode-se contar com a tradição hebraica, que aponta o sacerdote Esdras como o seu escritor (ELLISEN, 2007, p. 141). Se comparado ao livro de Esdras a tradição é endossada na comparação do estilo literário, na ênfase sobre o lugar da comunidade levítica dentro da nação, e na repetição quase idêntica entre o final de Crônicas e o início de Esdras. Por outro lado, há também temas diferentes trabalhados num livro que não se encontra no outro como é o caso do casamento de israelitas com mulheres estrangeiras, que não se encontra em Crônicas, e o tema da união entre o reinado e o culto no templo, que não encontra paralelo em Esdras. Isto não é decisivo pelo fato de um autor não ser obrigado a tratar de todos os seus interesses em todas as suas obras. No entanto, fica claro que no mínimo o livro de Crônicas teve a influência de Esdras.

A data mais antiga possível para a escrita do livro é limitada pelo decreto de Ciro, por volta de 539 a.C., mencionado no final do livro. As referências às gerações posteriores a Zorobabel delimitam a data mais recente. O livro apresenta a descendência de Zorobabel até determinada geração. Entende-se que a época da última geração corresponderia ao período mais recente no qual o livro deveria ter sido escrito, pois se fosse ainda mais recente teria incluído outras gerações. Há uma variante na interpretação da genealogia de Zorobabel em 1 Crônicas 3:19-24:

<sup>19</sup> Os filhos de Pedaías: Zorobabel e Simei; os filhos de Zorobabel: Mesulão e Hananias; e Selomite, irmã deles; <sup>20</sup> e Hasuba, Oel, Berequias, Hasadías e Jusabe-Hesede; cinco ao todo. <sup>21</sup> Os filhos de Hananias: Pelatias e Jesaías; os filhos de Refaías, os filhos de Arnã, os filhos de Obadias, os filhos de Secanias. <sup>22</sup> O filho de Secanias foi Semaías; os filhos de Semaías: Hatus, Igal, Barias, Nearias e Safate; seis ao todo. <sup>23</sup> Os filhos de Nearias: Elioenai, Ezequias e Azricão; três ao todo. <sup>24</sup> Os filhos de Elioenai: Hodavias, Eliasibe, Pelaías, Acube, Joanã, Delaías e Anani; sete ao todo.

Há intérpretes que advogam que Refaías, Arnã, Obadias e Secanias (v. 21) teriam sido contemporâneos de Zorobabel, outros entendem que seriam filhos de Hananias. A primeira interpretação implica em ser a descendência de Zorobabel mencionada até seus netos, a segunda, até a sexta geração. Se a primeira interpretação estiver correta a data seria por volta da segunda metade do século V a.C., caso o texto refira-se a seis gerações, a data seria a do século IV a.C. Uma vez que a genealogia sempre segue um dos filhos, e que o texto dá sequência à geração de Secanias, a segunda interpretação é mais provável.

Com respeito ao seu contexto histórico, deve-se dizer que o povo de Judá foi exilado quando subjugado pela Babilônia, e retornou pela ordem de Ciro, o rei da Pérsia, depois que esta conquistou a Babilônia. Com uma política diferente, os persas procuravam bons relacionamentos, principalmente com os povos que acreditavam serem adoradores de deuses bons (ELLISEN, 2007, p. 166). Depois que Ciro fez o decreto para que Israel retornasse e reconstruísse o templo em Jerusalém, quatro caravanas foram organizadas, uma com Zorobabel, uma com Esdras e duas com Neemias.

O livro foi escrito para um povo que havia retornado do exílio com grandes desafios e que precisava de uma identidade que contemplasse os judeus que habitavam novamente em sua terra e aqueles que permaneceram onde estavam estabelecidos há décadas. Por isso, ele precisava entender quem era e quais os seus deveres e privilégios. O cronista, pela sua própria condição de liderança religiosa, sentia-se na tarefa de encorajar seu povo a aderir à nova situação como a identidade mundial dos judeus: todos voltados para o templo e todos debaixo

de um mesmo rei que está em associação com o templo e a narrativa foi o seu método discursivo.

A obra se estrutura em duas principais partes: 1 Crônicas 1-9 e 1 Crônicas 10 a 2 Crônicas 36, distintas em gênero literário. Sem o dinamismo da narrativa e percorrendo rapidamente a história desde o início de toda a Bíblia, a primeira parte constitui-se de genealogias. Elas situam a história da monarquia dentro da história geral e através de uma estrutura quiástica antecipam a centralidade temática da ordem religiosa no livro, colocando no centro a descendência dos levitas. O quiasmo é comum no livro de Crônicas como estrutura literária (BERGER, 2014, p. 1-31).

#### 2.3.4 Características Literárias

Samuel, Reis e Crônicas são livros essencialmente narrativos. Dentro de livros narrativos pode-se encontrar outros gêneros menores, mas sempre tendo como finalidade de preparar, ilustrar ou embasar o argumento da narrativa geral, tais como genealogias, relatórios, cartas e outras.

O espaço em que se passa a história é basicamente o território de Israel. Dependendo do trecho de cada livro pode ser especificado em qual local de Israel, ou se é o reino do norte ou do sul, ou algum espaço além desse, mas isto é pontual. O tempo em Samuel-Reis é muito amplo, desde o nascimento de Samuel em 1100 a.C., passando pela divisão do reino em 931 a.C., pela queda da monarquia de Israel em 722 a.C. até o final da monarquia de Judá em 561 a.C. O tempo em Crônicas vai além, até o decreto de Ciro, rei da Pérsia, ordenando que os judeus voltem à sua terra e reconstruam Jerusalém e o templo, em 539 a.C. Os livros de Samuel e de Reis juntos abrangem todo o período da monarquia de Israel, começando um pouco antes. O livro de Crônicas, se considerada a genealogia como história, começa com o início da humanidade e vai até o retorno do exílio. É um tempo muito grande para que se possa falar, por exemplo, de um protagonista ou de um antagonista, a menos que se considere Deus como protagonista, uma vez que ele é o único que pode se apresentar em toda a história e a controla. Sob promessas, bençãos e punições divinas, conta-se a história de uma dinastia: como ela chegou ao poder e quando e como ela chegou ao seu fim, apesar de deixar clara a continuidade da existência da sua descendência.

Tendo em vista o tempo em que a história contida nestes livros se passa, é prudente nomear em cada geração os protagonistas, co-protagonistas, antagonistas, personagens

secundários ou figurantes. Quanto ao livro de Reis, Savran faz um apontamento que pode igualmente ser aplicado a Crônicas:

Não há uma figura isolada, como Josué, cuja vida sirva como princípio organizador para o livro. Tampouco podemos isolar alguns protagonistas principais cuja interação, como a de Saul e Davi em 1 Samuel, crie uma estrutura dramática. A unidade dominante de Reis deriva da apresentação de uma história contínua da monarquia de Israel de Salomão a Zedequias e da linguagem formular com que o reinado de cada governante é delineado e avaliado pelo narrador. (1997, p. 162).

Em geral, o protagonista será o rei do período que determinado trecho do livro está retratando. Há reis que “fizeram o que era reto perante o Senhor” e “reis que não fizeram o que era reto perante o Senhor”. Se considerar que Deus é o protagonista da obra como um todo, seja ela, Samuel, Reis ou Crônicas, pode-se considerar também que cada um desses reis funciona como co-protagonistas ou como antagonistas. Mas é preferível considerar o personagem “Deus” como o personagem onipotente, onipresente e onisciente, que atua como legislador e juiz, podendo assim sustentar a autoridade da ideologia.

Intitular o livro de Samuel desta forma sugere o profeta como protagonista. É verdade que a grande questão da obra é a chegada de Davi ao trono. Porém, com igual convicção, pode-se afirmar que Samuel é o personagem decisivo para que isto se concretize. Samuel é o último dos juizes de Israel, um tipo de líder que existiu antes da monarquia. Ele atua também como profeta, aquele com quem Deus fala e a quem Deus orienta. Samuel unge o primeiro rei, Saul, da tribo de Benjamim, e, quando este é rejeitado por Deus, unge também a Davi, que dará origem à dinastia definitiva daquela nação.

Quanto ao enredo, o que se encontra é uma sucessão de diversos deles, podendo dizer que o que os une é o personagem “Deus”, suas promessas e a maneira como ele vai conduzindo a história e executando as bênçãos e punições estipuladas na aliança da Lei, conforme Deuteronômio 28. É possível também considerar a ideologia deuteronomista como aquela que une a história de cada rei em Samuel-Reis ou a ideologia cronista como o elo entre as histórias em Crônicas.

As tensões são abundantes em cada período da história. Cada rei é apresentado como bom ou mau de acordo com sua conformidade ou não com a Lei de Moisés. Há um momento especialmente tenso na história quando parece que a dinastia davídica estaria exterminada, quando um bebê é preservado secretamente de uma chacina e escondido para ser apresentado no futuro como o legítimo rei (2 Rs 11; 2 Cr 22.10-23.11).

Quanto ao livro de Samuel, apesar de levar o nome do profeta e juiz, sua vida já não existe mais no segundo livro. Ele é apresentado no início como protagonista, perdendo essa posição posteriormente para o rei Davi. Na literatura bíblica é comum que a existência de um personagem de relevância seja apresentada como tendo origem em um milagre. O personagem Samuel tem a função, na obra como um todo, de legitimamente apresentar Davi como rei ao seu povo. Por isso, ele nasce de uma mulher estéril que vai aproveitar sua ida ao santuário, o que acontece uma vez por ano, para suplicar a Deus por um filho. Esse filho que nasceria é prometido a Deus, numa outra oportunidade quando já desmamado, deixado no santuário para servir (1 Sm 1). Além disso, Deus fala com Samuel (1 Sm 3.1-14). Tais acontecimentos o qualificam como testemunha verdadeira e portadora de autoridade para apresentar Davi como o rei escolhido por Deus.

No livro de Samuel, Davi chega ao trono depois de passar por diversas tensões e também o mantém em meio a tensões. Em Crônicas o reinado de Davi é apresentado de forma mais tranquila, omitindo-se as adversidades como se, com tranquilidade ele subisse e se mantivesse no trono.

Tanto em Samuel-Reis quanto em Crônicas, Davi é o personagem portador de uma ideologia para a nação israelita; ele que teve a intenção de construir um templo para substituir a tenda que servia como santuário, e também Salomão, seu filho, que por fim constrói o templo. Em Samuel-Reis as tensões são grandes em torno de Davi e Salomão ao serem apresentadas suas falhas. Em Crônicas, ambos são apresentados de forma idealizada. Todos os reis que os sucedem, especialmente no reino de Judá no período da monarquia dividida onde a dinastia de Davi se perpetua, são apresentados a partir da perspectiva do ideal encontrado em Davi e Salomão. São todos avaliados de acordo com seu alinhamento ideológico com Davi.

Em Samuel, Reis e Crônicas o narrador é elaborado em terceira pessoa, como em quase toda a Bíblia. Intrusão, onisciência e onipresença são marcantes como suas características. O que esta pesquisa pretende definir é o grau da intrusão do narrador na história e a mudança no ponto de vista avaliativo, mas as três obras apresentam tais características.

A respeito do estilo, Alter afirma que “a idade de ouro da narrativa hebraica foi a era da Primeira nação, quando a grande sequência de obras do Gênesis a Reis recebeu sua formulação inicial” (ALTER, KERMODE, 1997, p. 43). Luís Alonso Schökel<sup>21</sup>, descreve o estilo do livro de Samuel e introduz sua leitura da seguinte forma:

---

<sup>21</sup> Schökel foi professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, com grande contribuição ao considerar a Bíblia como obra literária e demonstrando como ela influenciou a literatura da Espanha. Embora a Bíblia do Peregrino

O que é indubitável e indiscutível é a maestria narrativa das páginas que se seguem. Aqui a prosa hebraica atinge um ápice clássico. A arte de contar se mostra inesgotável nos temas, intuitiva do essencial, criadora de cenas impressionantes e inesquecíveis, capaz de dizer muito em pouco espaço e de sugerir mais. (2002, p. 485)

Por isso, o estilo de Crônicas não é magistral como o de Samuel e o de Reis. Surgem novas formulações mais preocupadas com a ideologia do que com uma narrativa artística. Crônicas é fruto desse período mais recente e pode ser em parte considerado como um novo gênero.

Um grande prejuízo se estabeleceu quando a crítica da Bíblia começou a trabalhar com suas narrativas considerando-as como colchas de retalhos. Perdeu-se o foco da narrativa bíblica ao se pretender estudar suas possíveis fontes. Tzvetan Todorov, tratando de Odisséia, criticou aqueles que determinam quais trechos são inserções e interpolações. Ele questiona as leis de uma estética que se propõe a estabelecer qual seria a narrativa pura, como se jamais uma narrativa pudesse descrever num mesmo personagem uma postura psicológica diferente de anteriores, como se não pudesse variar seu estilo, como se a versão mais velha fosse sempre a melhor, como se sempre uma contradição fosse evidência de múltipla autoria, como se uma repetição necessariamente refletisse inautenticidade, e como se toda digressão fosse um acréscimo posterior vindo de um autor diferente (2008, p. 105-108).

A inocência da crítica de erudição é, evidentemente, falsa; esta aplica conscientemente ou não, a toda narrativa, critérios elaborados a partir de algumas narrativas particulares (ignoro quais sejam). Mas há também uma conclusão mais geral a ser tirada: é que a narrativa primitiva não existe. Não há narrativa natural; toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos. (TODOROV, 2008, p. 108).

A crítica bíblica sofreu as mesmas influências teóricas descritas por Todorov. Por muito tempo a exegese considerou a Bíblia uma colcha de retalhos mal feita, se comportou como uma ciência que desfaz e classifica esses recortes. A ilusão de que é possível reconstituir as famílias desses retalhos causou o prejuízo de os estudiosos não perceberem a unidade literária. Quanto a isto, afirma Robert Alter:

Os redatores demonstraram gênio na criação de brilhantes colagens a partir de materiais tradicionais, embora minha opinião seja a de que eles não

hesitaram em mudar uma palavra, uma expressão, talvez mesmo todo um discurso ou relato do narrador a fim de criar precisamente o tipo de interconexões de estrutura, tema e motivo. Se a análise literária, com exceção de uma recente manifestação sectária que rejeita radicalmente todas as unidades, é, de uma maneira ou de outra, uma resposta à atividade esemplástica da imaginação literária, não pode surpreender que a crítica literária da Bíblia tenda a descobrir unidades onde estudiosos da Bíblia anteriores, seguindo o imperativo oculto do “quanto mais atomístico, mais científico”, encontram descontinuidades, contradições, duplicações, fissuras. A nova perspectiva literária, permitam-me enfatizar, não vem restaurar o caráter unitário inconsútil do texto bíblico acalentado pela tradição piedosa, mas argumenta de várias maneiras que esses estudos, à força de enfocar excessivamente as suturas, desviou a atenção do desenho do todo. (In: ALTER, KERMODE, 1997, p. 38)

Isto ele diz exaltando a genialidade dos redatores ao trabalhar com materiais previamente existentes, criando precisas interconexões de estrutura, tema e motivo sem hesitar em mudar palavras, expressões, um discurso ou relato original. Os livros bíblicos são obras artísticas que merecem mais atenção do que tem recebido nos meios literários. Estudar os seus discursos e comparar as estratégias narrativas estabelecidas dentro de cada situação histórica pressupõe que a literatura bíblica não se baseia numa preocupação meramente estética, mas que se propõe a influenciar um modo de vida e uma cosmovisão.

O próximo passo é comparar o material de análise com suas fontes em termos de gênero literário e verificar os textos paralelos com os quais se trabalhará. Feito isto, os textos paralelos serão comparados para se apurar as estratégias narrativas utilizadas no estabelecimento de um novo discurso religioso.

### 3. DESCRIÇÃO DAS OMISSÕES, DAS INSERÇÕES E DOS PARALELOS ENTRE OS LIVROS DE SAMUEL E REIS E O LIVRO DE CRÔNICAS

O livro de Crônicas tem como característica a releitura de todo o material em que consta a história do período da monarquia do povo de Israel. A razão para a escrita de outro livro sobre o mesmo período somente se explica se contiver um novo propósito para o estabelecimento de um novo discurso. Mas, para que se possa verificar sob o ângulo literário, primeiramente se verificará o gênero literário de Crônicas e sua relação com suas fontes canônicas. Então, se descreverá as diferenças e semelhanças entre as duas obras anteriores e o livro de Crônicas. Feito isto, se examinará nos textos paralelos como o narrador elaborou seu discurso em relação a tudo o que omitiu e inseriu.

#### 3.1 GÊNERO LITERÁRIO DO LIVRO DE CRÔNICAS

Crônicas é um nome para o livro que pode ser confundido facilmente com o atual gênero literário de mesmo nome: a “crônica”. Os livros da Bíblia não possuem títulos originais. É verdade que um título pode falar muito sobre a obra. No entanto, deve-se levar em conta quando e quem o atribuiu. No caso dos livros bíblicos, cujos títulos são diferentes dependendo da tradição que os recebe, refletem o que o receptor compreendeu como sendo a natureza do livro e não necessariamente o que o seu autor pretendeu que fosse ou o que o leitor contemporâneo entende que ela seja.

O gênero “crônica”, como concebido atualmente, toma seu nome da palavra grega *khronos*, que significa “tempo” e também nomeia o deus grego que personifica o tempo. É do radical desta palavra que surge o termo “crônica”, para designar um relato, uma narrativa na ordem em que os fatos sucederam, ou seja, cronologicamente. Este é o sentido primordial, mas há um segundo, mais atualmente relacionado à narrativa, que relaciona fatos do dia a dia (BENDER; LAURITO, 1993, p. 10-11), o que faz com que, somado à brevidade, simplicidade e efemeridade, uma crônica seja tão bem associada ao gênero jornalístico (SÁ, 1987, p. 10-11).

Quanto ao processo de designação histórica do gênero, Angélica Soares afirma que

No início da era cristã, chamava-se crônica a uma relação de acontecimentos organizada cronologicamente, sem nenhuma participação interpretativa do cronista. Nessa forma, ela atinge o seu ponto alto na Idade Média, após o século XII, quando já apresentava uma perspectiva individual da história, como fez Fernão Lopes, no século XIV. As simples relações de fatos passam,



então, a chamar-se “cronicões”. E, no século XVI, o termo ‘crônica’ começa a ser substituído por história. (1999, p. 64)

Na atualidade, uma crônica é caracterizada pela liberdade do autor, que parece nem precisar de um narrador ficcional, causando a ilusão de acaso pela sua aparente superficialidade (SÁ, 1987, p. 9-10). Como já mencionado no capítulo anterior, o título em português do livro bíblico derivou-se do título empregado por Jerônimo em sua tradução para o latim, a Vulgata latina, que é do final do século IV e início do século V. De “uma crônica de toda a história sagrada”, o título foi simplificado para “Crônicas”, do latim *chronicon*. É um título anterior ao moderno conceito de “crônica” e não se trata, portanto, de crônicas no mesmo sentido. Há semelhanças, mas há também diferenças entre o título do livro e a definição contemporânea do gênero “crônica”.

O título bíblico mais comum<sup>22</sup> para o livro bíblico, Crônicas, está relacionado ao sentido de transmitir os acontecimentos dos reis na ordem em que aconteceram. Tratando-se de ocorrências diárias referentes à monarquia e temas relacionados a ela, o livro se aproxima do que hoje é chamado de crônica. Por outro lado, tratando-se de histórias comentadas e cheias de interferência do narrador e sem o viés ficcional, se distancia.

De modo mais genérico, pode-se afirmar que o gênero literário de Samuel, Reis e de Crônicas é o mesmo, ou seja, narrativo. Há discussões sobre as narrativas serem históricas, pura ficção, ficção historicizada ou história ficcionalizada<sup>23</sup>, o que não está no foco do presente estudo. Porém, há uma diferença importante que não pode passar despercebida, que é o nível de intrusão do narrador. Para analisar este aspecto, verificar-se-á primeiramente a característica da narrativa hebraica para depois demonstrar as diferenças entre o nível de intrusão do narrador em Samuel e Reis em relação ao narrador no livro de Crônicas.

No que se refere à arte narrativa, Samuel e Reis apresentam uma preocupação maior com a estética. Alter e Bar-Efrat, por exemplo, citam em abundância exemplos de Samuel e Reis. Crônicas não é preferência para nenhum dos dois para exemplificar a arte da narrativa hebraica. A razão disto deve estar no fato do narrador de Crônicas se fazer muito mais presente em seus longos relatórios e em suas muitas avaliações. Crônicas parece um livro muito mais técnico do que artístico. Muito de sua arte dramática vem de Samuel e Reis.

Bar-Efrat, referindo-se ao método cênico ou dramático, afirma que “há uma clara tendência a preferir esse método em narrativa bíblica, e é isso que lhe confere o seu caráter

---

<sup>22</sup> Os diversos títulos do livro estão comentados no capítulo anterior.

<sup>23</sup> ALTER, 2007, p. 46-47

vivo e dramático” (2004, p. 35, tradução nossa). Robert Alter chama a parte dramática do enredo de “evento narrativo” (2007, p. 102). Segundo ele,

a narração em terceira pessoa geralmente é apenas uma transição entre unidades mais extensas em discurso direto; quanto à perspectiva, a reafirmação em terceira pessoa do que foi dito em diálogo direciona a atenção para os interlocutores, as ênfases, as divergências entre o que eles dizem e o relato do narrador [...]. Em outras palavras, os escritores bíblicos muitas vezes estão menos interessados nas ações enquanto tais do que em como os personagens as praticam ou reagem a elas; e o discurso direto é o principal instrumento para a revelação das respostas, variadas e às vezes sutis, dos personagens às ações em que estão envolvidos. (2007, p. 105-106)

Onde houver um discurso direto no texto narrativo bíblico se encontrará algo de grande relevância para o enredo. Tal recurso serve como “um processo real de cogitar possibilidades, esmiuçar sentimentos, ponderar alternativas ou tomar decisões” (2007, p. 108-109).

Conforme esses estudiosos, o ponto central de uma narrativa bíblica está na cena dramatizada. O narrador usa sumários para preparar o leitor para a encenação e para direcionar sua leitura dos discursos diretos. Assim, quanto às diferenças da narrativa no livro de Crônicas, a grande quantidade de relatórios e explicações do narrador de Crônicas funcionam como comentários das partes dramáticas. Elas preparam ou concluem o evento narrativo ou o comentam durante as cenas. Conforme Steven S. Tuell,

A característica mais distintiva de Crônicas é o elevado grau com que ele reproduz outros textos bíblicos, particularmente a narrativa em Samuel-Reis. Um tipo de literatura descoberta entre os chamados Pergaminhos do Mar Morto de Qumran parece muito semelhante a Crônicas na composição. (2001, p. 7, tradução nossa)

A literatura a que Tuell se refere é chamada de “Bíblia reescrita”, um gênero que repete textos da Escritura Sagrada, mas que inclui grande quantidade de suplementos e interpretações. Ele continua:

Exemplos de Qumran incluem o livro dos Jubileus e o Gênesis Apócrifo. No entanto, o exemplo mais conhecido do gênero Bíblia reescrita é a famosa obra do historiador judeu Josefo, *Antiguidades Judaicas*, com relatos da história do povo de Israel a partir da Bíblia hebraica. Sem dúvida, o cronista foi o inventor da Bíblia reescrita. Em Crônicas, como em outros exemplos deste gênero, o texto original é seguido de perto e fielmente. No entanto, também é ampliado com material adicional, e revisto de maneiras que visam unificar a tradição em uma base bíblica. (2001, p. 7, tradução nossa)

Se é assim, temos no livro de Crônicas uma diferença essencial de gênero literário bastante pertinente à presente pesquisa. Uma narrativa em que o narrador está muito mais evidente do que nas obras mais antigas que usa como fontes (Samuel e Reis), tem uma função específica. Essa função é a de comentar e formalizar realmente um novo discurso. Ao fazer isto, o narrador coloca as histórias já consagradas contribuindo para a sedimentação da identidade dos israelitas pós-exílicos de acordo com seu novo estado, porém, sem deixar de manter viva a identificação com a antiga tradição.

Enquanto outros povos antigos tenham empregado o gênero épico para manifestar suas tradições (TALMON, 1978, p. 354), apenas o povo de Israel se utilizou da prosa para tal (ALTER, 2007, p. 47). O fato de o gênero épico estar tão intimamente relacionado ao paganismo e ao culto politeísta e também o fato de Israel ser o único povo antigo a utilizar a prosa direta tornam-se tão significativos que levam Talmon a propor que os antigos escritores hebreus tenham desenvolvido a prosa direta para substituir o gênero épico (1978, p. 354).

Crônicas continua sendo essencialmente narrativa, porém, a diferença que há entre este livro e Samuel-Reis dentro do gênero literário narrativo produz características muito peculiares no ato de narrar. O autor precisa elaborar um narrador bastante intruso, colocando em sua voz as explicações, avaliações, relatórios, etc. É nesse ponto que entra a análise narrativa fazendo a comparação entre os narradores de Samuel-Reis e Crônicas.

### 3.2 SAMUEL E REIS COMO FONTES DE CRÔNICAS

Os três livros com que esta pesquisa está trabalhando são dependentes de fontes históricas. Algumas delas são mencionadas, mas provavelmente existem outras. O livro de Samuel menciona apenas uma fonte: o livro dos Justos (2 Sm 1.18), o qual já fora citado no livro de Josué (10.13). É uma obra perdida e, pelo conteúdo que se repete, provavelmente trata-se de registros de celebrações de atos de heróis. Há quem o identifique com o livro das Guerras do Senhor, citado em Números 21.14 (SELMs, 1991, p. 949-950).

A primeira parte do livro de Crônicas, que corresponde a Samuel, apresenta como fontes o Livro dos Reis de Israel (1 Cr 9.1), as Crônicas de Samuel (1 Cr 29.29), as Crônicas do profeta Natã (1 Cr 29.29) e as Crônicas de Gade (1 Cr 29.29). Nenhuma das fontes citadas ainda existe. Além destas, outras podem ser deduzidas, como os livros canônicos de Gênesis (5.1-20, 35.22, 49.3,4), Êxodo (6.15), Números (26.12-14), Josué (7.1) e Rute (4.18-22), usados para compor a seção das genealogias; Juízes (1.21 – cf. 1 Cr 11.4), Salmos (96, 105.1-15, 106.1,47,48 - cf. 1 Cr 16.8-36).

O livro dos Reis apresenta duas fontes: o Livro da História dos Reis de Israel (1 Rs 14.19; 15.31; 16.5,14,20,27; 22.39; 2 Rs 1.18; 10.34; 13.8,12; 14.15,28; 15.11,15,21,26,32) e o Livro da História dos Reis de Judá (1 Rs 14.29; 15.7,23; 22.46; 2 Rs 8.23; 12.19; 14.18; 15.6,36; 16.19; 20.20; 21.17,25; 23.28; 24.5). Correspondendo ao período narrado em Reis, a segunda parte de Crônicas tem como fontes: o Livro da História de Natã (2 Cr 9.29), o Livro da História de Semaías (2 Cr 12.15), História dos Videntes (2 Cr 33.19), Profecia de Aías (2 Cr 9.29), Visões de Ido (2 Cr 9.29), Registro das Genealogias (2 Cr 12.15), o Livro da História do Profeta Ido (2 Cr 9.29; 12.15; 13.22), o Livro da História dos Reis de Judá e Israel (2 Cr 16.11; 25.26; 28.26; 32.32), o Livro da História dos Reis de Israel e Judá (2 Cr 27.7; 35.27; 36.8), o Livro da História dos Reis de Israel (2 Cr 20.34) e o Livro de Lamentações (2 Cr 35.25), Visão do profeta Isaías, filho de Amoz (2 Cr 26.22; 32.32). A citação desse material também visa fornecer ao leitor a possibilidade de pesquisar aquilo que não foi do interesse do escritor colocar em sua obra. Entre as fontes não citadas é possível deduzir Isaías 36.1-39.8 (2 Cr 32) e Jeremias 52.1-30 (2 Cr 36.11-21).

A respeito da relação do livro de Crônicas com os livros de Samuel e de Reis, o que se debate é se realmente o autor de Crônicas transcreveu trechos desses livros ou se apenas utilizou fontes comuns (ARCHER JR., 1991, p. 352). A maioria dos estudiosos do assunto entende que Samuel e Reis foram fontes para a composição de Crônicas.<sup>24</sup> Se levar em consideração que os livros mencionados em Samuel e Reis não se repetem entre os mencionados em Crônicas, pode-se considerar que Samuel e Reis foram as próprias fontes para o Cronista que incrementou a história com outras fontes. É sobre esta hipótese que a presente pesquisa se fundamenta. De qualquer forma, variações em palavras, expressões ou no próprio arranjo demonstram que a obra não é simplesmente uma costura de fragmentos, e sim um trabalho proposital sob reflexão. Tal reflexão teria deixado suas marcas no texto e são elas que esta pesquisa se propõe a analisar.

Considerando o enredo do reinado de Ezequias, que encontramos em Isaías, Reis e Crônicas, pode-se notar claramente a tendência do autor de Reis copiar mais fielmente de sua fonte do que o de Crônicas (Is 36.1-39.8; 2 Rs 18.1-20.22; 2 Cr 29.1-32.33). Reis também acrescenta ao texto de Isaías, mas não o altera. Também nada retira senão o cântico de Ezequias (Is 38.9-22). Vê-se que neste ponto o autor de Reis segue muito fielmente o texto fonte. Isto é um indício de que os outros trechos do livro podem ter seguido muito mais

---

<sup>24</sup> Como exemplos pode-se citar: MCKENZIE, 2004, posição 435-457; JAPHET, 1993, p. 16-18; CURTIS; MADSEN, 1994, p. 17; BRAUN, 1986, p. xxxiii

fielmente os textos fontes do que o cronista. Além de demonstrar que Reis, tem uma preocupação histórica muito maior e que Crônicas busca um ideal.

Para detectar o que o cronista fez e que recursos literários utilizou, será necessário analisar quais os trechos de Samuel e Reis foram omitidos e quais os trechos que em Crônicas foram inseridos, quais os temas que ficaram de fora e quais foram destacados. Embora não tenha se limitado a eles, o cronista reconheceu e respeitou a autoridade dos livros já canonizados (ARNOLD; BEYER, 2001, p. 254). Ao fazer uso de suas narrativas, ele recorta, acrescenta, altera a ordem e faz mudanças comentando a história, elaborando seu discurso e transmitindo seu ideal a uma nova geração. Por isso, verificar aquilo que foi deixado e aquilo que foi inserido faz parte do processo de identificar o foco avaliativo do livro de Crônicas.

### 3.3 COMPARAÇÃO ENTRE O LIVRO DE CRÔNICAS E SUAS FONTES

Mesmo sem uma leitura atenta se percebe que grandes seções foram omitidas e outras igualmente extensas foram inseridas.<sup>25</sup> O que carece de um estudo mais detalhado são os acréscimos e omissões dentro das histórias repetidas. Considerando o tamanho dos livros e a natureza comparativa da pesquisa, neste ponto se fará uma averiguação das obras relacionadas para se definir quais partes precisarão ser analisadas mais detalhadamente.

Antes de se chegar ao âmbito dos pequenos detalhes, portanto, será necessário especificar quais foram as grandes omissões e as grandes inserções. Este procedimento já será um filtro para se chegar ao âmbito mais específico. Distinguir-se-á as partes omitidas, as partes acrescentadas e quaisquer outras alterações de Crônicas em relação aos livros de Samuel e Reis a fim de delimitar o material.

#### 3.3.1 Comparação entre os textos de Samuel e Crônicas

A primeira grande parte omitida pelo narrador de Crônicas é praticamente o primeiro livro de Samuel inteiro. Apenas o último capítulo é parte do interesse do narrador. Ele omite, portanto, toda a história do rei Saul, o primeiro rei israelita. O livro de Samuel começa com a história do profeta Samuel, desde antes de seu nascimento, o motivo pelo qual foi consagrado a Deus e sua mocidade (1 Sm 1.1-2.26); suas primeiras profecias e visões (1 Sm 2.27-3.21); os problemas dos israelitas com os filisteus (1 Sm 4.1-7.17); o pedido do povo por um rei (1

---

<sup>25</sup> Como exemplo, pode-se mencionar as longas narrativas dos reis do reino do norte e as muitas genealogias, listas e relatórios inseridos.

Sm 8.1-22); a escolha de Saul, da tribo de Benjamim, como rei (1 Sm 9.1-11.15); o reinado de Saul, sua desobediência a Deus, a escolha de Davi, da tribo de Judá, para ser o próximo rei e seu sucesso como guerreiro (1 Sm 12.1-30.31). Somente o capítulo 31 do primeiro livro de Samuel é inserido no livro das Crônicas, aquele que narra a morte de Saul. Porém, antes de inseri-lo, o narrador dará uma extensa genealogia desde Adão, o primeiro homem da Bíblia, até os seus dias.

A genealogia (1 Cr 1.1-9.34) resume muito da história sem precisar contá-la novamente, mas trazendo à memória dos leitores tudo aquilo que a tradição já se incumbira de incutir na mente dos israelitas em termos de uma ideologia religiosa e nacional. A maneira como a genealogia foi colocada traz um discurso que será refletido no restante da obra, ou seja, a ideologia do livro sumariada pela genealogia. Ela tem uma forma quiástica, sendo de fora para dentro: mundo, Israel, tribos reais<sup>26</sup>, demais tribos, levitas (SPARKS, 2008). Assim, as tribos reais emolduram as partes referentes às tribos de Israel, e os levitas ficam centralizados. Isto já antecipa a ideologia do livro e ajuda a explicar as omissões e os acréscimos do narrador. A ideologia é que os levitas devem ser valorizados como os únicos que podem realizar serviços no templo e todas as demais tribos dependem deles para o ato de adoração, sem o qual não há bênçãos sobre toda a nação. As tribos reais são duas: Judá, de onde vem a dinastia de Davi, tida como ideal por promover o culto (templo, serviço religioso levita), e Benjamim, que teve unicamente Saul no trono, o primeiro rei, que foi infiel e que por isso não deveria permanecer no trono.

Logo em seguida há outra seção omitida (2 Sm 1.1-4.12). Nesta parte consta como o reino passou a Davi, o que não aconteceu tão facilmente. O texto mostra Davi indisposto a buscar o trono inapropriadamente (1.1-27) ou prematuramente (2 Sm 2.1-3.5). Mesmo que tudo colabore para que Davi seja o rei, ele se dissocia de toda trama contra seus oponentes. É mais uma história que mostra que Davi não assumiu o trono de forma tão tranquila (2 Sm 3.6-4.12). De toda esta seção, apenas 3.2-5 foi aproveitado pelo narrador de Crônicas ao elaborar a grande genealogia inicial. De início o reino de Davi era apenas Judá.

O narrador cronista, em 1 Crônicas 11.1-9, mantém o texto de 2 Samuel 5.1-10, no qual a totalidade dos israelitas se reúne para a entronização de Davi. Além disso, fato de grande importância que consta neste trecho é a tomada de Jerusalém e o crescimento do poder do novo rei. O restante do capítulo (2 Sm 5.11-25), embora deslocado mais à frente (1 Cr 14.1-17) em seu enredo, é também aproveitado pelo narrador. Neste trecho consta o apoio de

---

<sup>26</sup> Tribo real é o nome escolhido para designar as tribos que tiveram ao menos um rei em Israel, no caso, Benjamim e Judá.

Hirão, rei de Tiro, a Davi, a investida dos filisteus contra o novo rei de Israel e sua vitória sobre eles, tendo como fato indispensável que Davi nada fez antes de consultar a Deus. Sua vitória mostrou que Deus o ajudava, dando-lhe inclusive a estratégia.

Depois disto o narrador de Crônicas traz para a sequência de seu enredo 2 Samuel 28.8-39, que mostra outra vitória sobre os filisteus; uma relação de homens valentes que estavam sob a direção de Davi e alguns de seus feitos extraordinários, além do respeito que Davi tinha pelas suas vidas. Isto revela o poder de Davi, seu caráter e o apoio de Deus. Tendo deslocado o texto de 2 Samuel para trás, acrescenta ao seu enredo os capítulos 12.1-13.4 (1 Cr). Foi importante para o narrador incluir esta parte. Valentes com grandes qualidades que se ajuntaram a Davi, incluindo os da casa de Saul e das diversas tribos de Israel. O exército formado foi muito grande e contribuiu para fazer de Davi o rei em lugar de Saul. Todo Israel queria Davi como rei. Houve provisão de alimento. Há uma fala de Davi em discurso direto pronunciando sua intenção de trazer a arca da aliança, que nos dias de Saul não houve tal privilégio (13.3).

1 Crônicas 13.5-14 corresponde a 2 Samuel 6.1-11, que consta de uma tentativa de levar a arca da aliança para Jerusalém. A tentativa foi frustrada porque não foi levada da forma correta, ou seja, foi levada num carro de boi quando só poderia ser conduzida por levitas da maneira como a lei orientava (Nm 4.1-15; Dt 10.8). Quando os bois tropeçam e a arca se desequilibra sobre o carro, Uzá tenta salvá-la, mas morre, porque ninguém poderia tocar na arca. É um texto que defende a exclusividade dos levitas como condutores da arca.

Como a sequência de 1 Crônicas 14.1-17, que desloca 2 Samuel 5.11-25, já fora comentada anteriormente, verifica-se agora a inserção do texto de 1 Crônicas 15.1-24. Neste ponto, narra-se como Davi traz a arca para Jerusalém. Após o fracasso (1 Cr 13.5-14), reconhece que só os levitas poderiam transportá-la (1 Cr 15.2,12-13). Preparou um lugar para ela, reuniu todo o Israel (uma indicação da unificação do reino), reuniu especialmente os sacerdotes e levitas, descrevendo cada clã desta tribo para deixar registrado tudo como era antes para ser também depois do exílio. Todos cumpriram rigorosamente os ritos exigidos na Lei. Menciona que Davi organizou os levitas em músicos instrumentistas e cantores.

O Texto de 2 Samuel 6.12-23 é reproduzido em 1 Crônicas 15.25-16.43, porém, com um relevante acréscimo: a designação dos levitas e sacerdotes que ministrariam diante da arca e os músicos, um hino de gratidão e louvor a Deus com a concordância de todo o povo e a indicação de que os sacrifícios eram feitos de acordo com a Lei de Moisés (1 Cr 16.4-42). Ao mesmo tempo em que o narrador insere muita informação, também omite a desaprovação de

Mical, esposa de Davi e filha do rei Saul, a Davi por ter este se humilhado ao demonstrar alegria com a chegada da arca (2 Sm 6.20b-23).

O texto seguinte também é reproduzido. O capítulo 7 de 2 Samuel narra como o rei Davi decidiu construir o templo em Jerusalém e Deus não aceitou. Dois longos discursos diretos são apresentados, o de Deus e o de Davi, nos quais os motivos da não aceitação são apontados com a promessa de que o sucessor de Davi o faria. A resposta de Davi reconhece os feitos divinos em sua vida e se submete à vontade de Deus. A reprodução desta cena no capítulo 17 de 1 Crônicas é quase idêntica, divergindo apenas em poucas palavras ou expressões que não correspondem a alterações significantes. A única observação realmente importante que se faz acerca da reprodução é a omissão da condicional da promessa: o filho de Davi construiria o templo e seu trono seria firmado para sempre, mas seria castigado caso se tornasse transgressor (2 Sm 7.14). Uma série de vitórias de Davi é mencionada em seguida (1 Sm 8) e reproduzidas em 2 Crônicas 18.

O narrador omite o capítulo 9 de 2 Samuel em Crônicas, texto em que Davi procura fazer o bem a um descendente de Saul. O capítulo 10 de 2 Samuel é reproduzido em 1 Crônicas 19: Davi resolve fazer o bem ao filho do rei amonita, depois de sua morte, para retribuir em seu filho a bondade que recebera daquele rei. No entanto, Davi é mal interpretado e seus enviados são humilhados. Disto se desencadeia uma batalha com a vitória dos homens de Davi sobre os amonitas e também sobre os sírios que com eles se aliaram. 1 Crônicas 20.1-3 narra a destruição da terra dos amonitas pelos oficiais de Davi e a conquista de Rabá. Este trecho reproduz 2 Samuel 11, porém omite a parte mais extensa que, para o escritor do livro de Samuel seria a parte mais importante, o pecado de Davi e a repreensão do profeta Natã (2 Sm 11.2-12.28). Seu pecado foi o adultério com Bete-Seba e sua responsabilidade na morte de seu marido Urias. Antes de apresentar o profeta que o repreenderia o narrador apresenta sua avaliação: “Porém isto que Davi fizera foi mal aos olhos do SENHOR (11.27). O enredo de Samuel demonstra que tal pecado de Davi foi punido severamente (PINTO, 2006, p. 301-304), reservando quase nove capítulos para relatar tensões na vida e reinado de Davi. Tais tensões foram: o estupro ocorrido dentro da família de Davi (2 Sm 13.1-19), a morte de seu filho Amnon (2 Sm 13.20-33), a instabilidade nacional (2 Sm 13.34-14.33) e o ponto mais alto da punição divina, quando Absalão, filho de Davi, monta uma rebelião (2 Sm 15.1-18.33), que não foi bem sucedida, mas que gerou um estado de inquietação (2 Sm 19.1-20.26).

Todas estas situações vergonhosas na família e no reino de Davi foram omitidas pelo narrador de Crônicas, como também o capítulo 21 de 2 Samuel, onde diz que Davi reparou o



erro de Saul para que a fome que já durava três anos cessasse. O narrador omite ainda 2 Samuel 21.15-17, onde a fragilidade de Davi fica evidente por causa de seu cansaço e por sua vida ter sido salva por um homem seu. O narrador reproduz a partir deste ponto (2 Sm 21.18-22), onde outras vitórias de Davi são mencionadas, inclusive contra homens fortes e gigantes (1 Cr 20.4-8). O livro de Samuel ainda coloca um cântico que relata a fragilidade de Davi e a dificuldade com que reassumiu o trono (2 Sm 22) além, de suas últimas palavras. (2 Sm 23.1-7). O texto da sequência (2 Sm 23.8-39) fora utilizado pelo narrador, porém colocado em seção anterior (2 Cr 11.10-47), conforme já comentado.

SAMUEL	CRÔNICAS
<b>2 Sm 9.1-13</b> – Davi faz bem a um descendente de Saul	
<b>2 Sm 10.1-19; 1 Cr 19.1-9</b> - Davi resolve fazer o bem ao filho do rei amonita	
<b>2 Sm 11.1-12.28</b> – o pecado de Davi <sup>1</sup> Decorrido um ano, [...]; porém Davi ficou em Jerusalém. <b>11.2-12.25</b> – o adultério de Davi, sua responsabilidade na morte de Urias e a repreensão do profeta Natã. <b>12.26-31</b> – a tomada de Rabá <sup>30</sup> Tirou a coroa da cabeça do seu rei [...]. Voltou Davi com todo o povo para Jerusalém.	<b>1 Cr 20.1-3</b> – a tomada de Rabá <sup>1</sup> Decorrido um ano, [...]; porém Davi ficou em Jerusalém;  <sup>2</sup> Tirou Davi a coroa da cabeça do seu rei [...]. Voltou Davi, com todo o povo, para Jerusalém.
<b>13.1-19</b> - O estupro de Tamar	
<b>13.20-33</b> – a morte de Amnon	
<b>13.34-14.33</b> – a instabilidade nacional	
<b>15.1-18.33</b> - A rebelião de Absalão	
<b>19.1-20.26</b> – inquietações no reinado de Davi	
<b>21.1-14</b> – Davi repara o erro de Saul para que a fome da terra cesse	
<b>2 Sm 21.15-17</b> – Abisai salva a vida de Davi	
<b>2 Sm 21.15-17; 1 Cr 20.4-8</b> - Guerras e vitórias sobre os filisteus	
<b>2 Sm 22.1-51</b> – Cântico de Davi	
<b>23.1-7</b> – últimas palavras de Davi	
<b>23.8-39</b> – relação dos valentes de Davi	<b>11:10-47</b> – relação dos valentes de Davi (texto deslocado no enredo)

Diferentemente de outras passagens, em 1 Crônicas 21.1-27 o narrador mantém o pecado de Davi que consta em 2 Samuel 24.1-25. Neste texto encontra-se o subsídio que o narrador precisava para indicar claramente o motivo da escolha do local onde o templo

deveria ser construído. Aqui termina o livro de Samuel, mas o livro de Crônicas continua e indica porque o templo seria construído ali com base no último capítulo de Samuel (1 Cr 21.28-22.1).

Segue o longo acréscimo final do primeiro livro de Crônicas, mostrando como Davi tomou a atitude de deixar tudo provido para a construção do templo na época de seu filho Salomão, tanto a mão de obra quanto o material. Davi deu todo incentivo e organizou as ordens de sacerdotes e levitas em turnos e de acordo com as diversas funções: músicos, porteiros, oficiais. O texto provê exemplos de generosidade que demonstram o apoio recebido por Davi (1 Cr 22.2-29.30).

### 3.3.2 Comparação entre os textos de Reis e Crônicas

O segundo livro das Crônicas é paralelo aos livros de Reis. De início, os dois primeiros capítulos de Reis foram omitidos. 1 Reis 1.1-2.46 mostra que o reino não passou a Salomão de forma tão fácil e natural. Houve tramas, lutas e mortes até mesmo dentro da família real. Quase todo o enredo do reinado de Salomão terá paralelo em ambos os livros, com trechos omitidos e outros acrescentados. Apenas a parte final será totalmente omitida em Crônicas.

Verificando as diferenças dentro da reprodução deste relato, percebe-se inicialmente a omissão de 1 Reis 3.1-3. Ali consta um comentário de que Salomão casou-se com a filha do Faraó, o que não parece apresentar um fator positivo na vida de Salomão, uma vez que se pode deduzir que, terminado o templo, ela não permaneceria na cidade. A informação de que o povo e seu rei sacrificavam nos diversos altares é apresentada como uma exceção à boa conduta. O narrador constrói ao redor da informação de 1 Reis 3.4, que Salomão ofereceu mil holocaustos no alto de Gibeão (2 Cr 1.1-6). Em torno desta informação ele enaltece a Salomão e, em vez de dizer que Salomão foi a Gibeão para sacrificar por estar ali o alto maior, ele coloca a razão de sua ida até lá, no fato de ali estar a tenda da congregação. Afirma também o narrador cronista que o povo ia com Salomão a Gibeão, em vez de frisar que o povo oferecia sacrifícios nos altos. 2 Crônicas 1.6-13 é paralelo a 1 Reis 3.5-15, ambos constando o relato da aparição de Deus a Salomão que lhe ofereceu a oportunidade de pedir o que quisesse. Salomão pede sabedoria e Deus lhe concede não só sabedoria quanto os bens materiais que não pediu.

O relato de 1 Reis 4.1-38, que consta da relação de oficiais reais (vv. 1-19), da descrição da prosperidade de Salomão (vv. 20-26) e de sua sabedoria (vv. 27-34), foi omitido

em Crônicas. O narrador não deixa de relatar a prosperidade de Salomão, mas para isto preferiu deslocar 1 Reis 10.26-29 para a sequência da aparição divina.

Um texto com muitos acréscimos e omissões, mas ainda paralelo a 1 Reis 5.1-18 é 2 Crônicas 2.1-18, o texto em que Salomão resolve construir o templo e pede ajuda a Hirão, rei de Tiro. O paralelo continua descrevendo o lugar santo e o santo dos santos (1 Rs 6.1-28; 2 Cr 3.1-14). No livro de Reis a sequência é a descrição dos palácios do rei (1 Rs 7.1-14), mas este relato não encontra paralelo em Crônicas. Então, encontra-se em 2 Crônicas 3.15-4.22 a descrição dos objetos que Salomão fez para o interior do templo (1 Rs 7.15-50); em 2 Crônicas 5.1-7.3, a narrativa do transporte dos objetos que Davi deixara prontos e a arca da aliança para dentro do templo (1 Rs 7.51-8.61); em 2 Crônicas 7.4-8.18, a celebração da festa e a conclusão da construção do templo (1 Rs 8.62-9.28); em 2 Crônicas 9.1-12, o episódio em que a rainha de Sabá ouve a fama de Salomão e vem a ele conhecer da sua sabedoria (1 Rs 10.1-13); e em 2 Crônicas 9.13-28, novas descrições das riquezas de Salomão (1 Rs 10.14-29).

1 Reis 10.26-29 já havia sido transcrito em 2 Crônicas 1.14-17 praticamente sem variações, mas parte dos versículos 26 e 28 e o versículo 27 inteiro são mantidos em 2 Crônicas 9.25-28. Isso forma uma inclusão de 2 Crônicas 1.14-9.28. Pode-se dizer que 1 Reis 4.1-10.29 também forma uma inclusão por causa do tema repetido, mas a maneira como está em Crônicas a torna mais evidente por se tratar de transcrição.

Os casamentos de Salomão com mulheres estrangeiras, o pecado da idolatria em que ele caiu por causa delas e o castigo que Deus lhe impôs (1 Rs 11.1-40) ficam de fora do texto de Crônicas. A morte de Salomão encontra-se em ambos os textos (1 Rs 11.41-43; 2 Cr 9.29-31).

O reinado de Roboão é retratado tanto em Reis quanto em Crônicas (1 Rs 12.2-14.31; 2 Cr 10.1-12.16). No reinado de Roboão o reino se divide em dois e a partir deste ponto o livro de Reis apresentará alternadamente os reis de Judá, reino do sul, e de Israel, reino do norte. O livro de Crônicas, por sua vez, traz apenas os reis de Judá. Durante o reinado de Jeroboão em Israel, Abias passa a reinar em Judá e é retratado em ambas as obras (1 Rs 15.1-7; 2 Cr 13.1-22), assim como seu sucessor Asa (1 Rs 15.8-24; 2 Cr 14.1-16.14). Durante o reinado de Asa começa a reinar em Israel o rei Nadabe (1 Rs 15.25). Ao findar o relato do rei Asa o livro de Reis fará uma breve menção a Josafá, deixando para relatar sua história juntamente com a do rei Acabe de Israel. O livro de Crônicas omite os reis de Israel Nadabe (1 Rs 15.25-32), Baasa (1 Rs 15.32-16.7), Elá (1 Rs 16.8-14), Zinri (1 Rs 16.15-20) e Onri (1 Rs 16.21-28) e toma a breve menção ao rei Josafá de Judá deixada pelo livro de Reis no final

da narrativa sobre Asa e a desenvolve. Tal desenvolvimento mostra o fortalecimento militar de Josafá bem como seu interesse na religião ordenando que se ensinasse a todo o seu reino a Lei do Senhor (2 Cr 17.1-19).

Depois da breve menção a Josafá e de falar dos reinados de cinco reis de Israel, o livro de Reis seguirá com uma longa narrativa sobre o rei Acabe (1 Rs 16.29-22.40) e o ministério do profeta Elias que confronta a idolatria do rei e do reino. Nesta passagem há diversos relatos de milagres que confirmam Elias como profeta. É durante o reinado de Acabe que a narrativa sobre o rei Josafá de Judá tem início (1 Rs 22.1-51), onde a história destes dois reis se encontram (1 Rs 22.1-35). O livro de Crônicas retoma sua transcrição do livro de Reis justamente neste ponto (2 Cr 18.1-34), mencionando o rei Acabe somente onde a história deste interfere na de Josafá. Depois deste paralelo, o livro de Reis dá continuidade à história com o foco em Acabe (1 Rs 22.35-40) para depois relatar o fim do reinado de Josafá (1 Rs 22.41-50), enquanto o livro de Crônicas mantém o foco em Josafá, num longo texto (2 Cr 19.1-20.37). Nesta parte inserida, o narrador apresenta uma reprovação em discurso direto pelo fato de Josafá ajudar um rei perverso, mas destaca que de sua parte fez coisas boas (2 Cr 19.1-3). O narrador segue aprovando o rei Josafá que colocou o povo a buscar a Deus, que estabeleceu juízes (2 Cr 19.4-11) e que quando soube que inimigos viriam contra ele se colocou com todo o povo a buscar o seu Deus e enquanto os levitas louvavam a Deus os inimigos se destruíram uns aos outros (2 Cr 20 1-30). O livro de Reis, após a narrativa de Acabe, de Israel, e o livro de Crônicas, após a narrativa complementar do rei Josafá, de Judá, se encontram novamente no relato do final do reinado de Josafá (1 Rs 22.41-51; 2 Cr 20.31-37).

Conforme visualizado na figura abaixo, o final da narrativa de Josafá no livro dos Reis (1 Rs 22.51) é transcrito em Crônicas como introdução do reinado de Jeorão (2 Cr 21.1). O livro de Reis só trará a narrativa do rei Jeorão, de Judá, a partir de 2 Reis 8.16, de onde será acompanhado por 2 Crônicas 21.1. De 1 Reis 22.52 até 2 Reis 8.15, o livro de Reis apresentará o reinado de Acazias em Israel, que foi idólatra e por isso confrontado pelo profeta Elias (1 Rs 22.52-2 Rs 1.18), o profeta Eliseu como sucessor de Elias, com relatos de milagres de ambos (2 Rs 2.1-25), o reinado de Jorão, filho de Acabe e irmão de Acazias (2 Rs 3.1-27), diversos milagres e predições do profeta Eliseu que o confirmam como profeta, bem como endossam sua mensagem (2 Rs 4.1-8.15).

1 e 2 REIS	2 CRÔNICAS
<b>1 Rs 22.1-35a; 2 Cr 18.1-34</b> – aliança entre Josafá e Acabe e a morte de Acabe	
<b>1 Rs 22.35b-40</b> – final da narrativa de Acabe, rei de Israel	
	<b>2 Cr 19.1-20.30</b> – prosseguimento da narrativa de Josafá, rei de Judá
<b>1 Rs 22.41-51</b> – fórmula final do reinado de Josafá (retomada de Josafá para finalizar)	<b>2 Cr 20.31-37</b> – fórmula final do reinado de Josafá
<b><sup>51</sup>Josafá descansou com seus pais e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar.</b>	<b>2 Cr 21:1-20</b> – o reinado de Jeorão <b><sup>1</sup> Descansou Josafá com seus pais e foi sepultado com eles na Cidade de Davi; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar. [...]</b>
<b>1 Rs 22.52 - 2 Rs 1.18</b> – o reinado de Acazias, rei da Israel	
<b>2 Rs 2.1-25</b> – narrativa dos profetas Elias e Elizeu	
<b>2 Rs 3.1-27</b> – o reinado de Jorão, rei de Israel	
<b>2 Rs 4.1-8.15</b> – Milagres e predições do profeta Elizeu	
<b>2 Rs 8:16-24</b> – o reinado de Jeorão ----- [...] <sup>17</sup> Era ele da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar [...]	<b><sup>5</sup> Era Jeorão da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar [...]</b>

Os reinados de Jeorão e Acazias, de Judá, são retratados tanto em Reis quanto em Crônicas (2 Rs 8.16-29; 2 Cr 21.1-22.6), mas ao começar o relato sobre o cumprimento da profecia de Eliseu quanto ao reino de Israel (2 Rs 9.1-37) e seu rei Jeú (2 Rs 10.1-36), o livro de Crônicas novamente silencia. Os dois livros voltam a se encontrar no relato em que Atalia, filha de Acabe, de Israel, mata todos os filhos do rei, com exceção de Joás, que foi escondido por sua tia, e reina sobre Judá (2 Rs 11.1-3; 2 Cr 22.10-12). Ambos os livros prosseguem com interesse no reinado de Joás, de Judá (2 Rs 11.4-12.21; 2 Cr 23.1-24.27). Em Crônicas não é transcrito o reinado de Jeocaz (2 Rs 13.1-9) nem o de Jeoás (2 Rs 13.10-25), reis de Israel. Neste último conta o final do ministério do profeta Eliseu, o cumprimento de sua predição e o milagre realizado após sua morte.

O rei Amazias, de Judá (2 Rs 14.1-20), é a parte do livro de Reis que volta a ser interessante ao narrador de Crônicas (2 Cr 26.1-23). Em seguida, diversos reis de Israel são omitidos em Crônicas: Zacarias (2 Rs 15.8-12), Salum (2 Rs 15.13-16), Manaém (2 Rs 15.17-22), Pecaías (2 Rs 15.23-26) e Peca (2 Rs 15.27-31). Estão nas duas obras os reis de Judá Jotão (2 Rs 15.32-38; 2 Cr 27.1-9) e Acaz (2 Rs 16.1-20; 2 Cr 28.1-27). O último rei de Israel, Oséias, encontra-se somente em Reis (2 Rs 17.1-6).

Em cada um dos reis de Israel o narrador do livro dos Reis acrescentou uma avaliação negativa (1 Rs 15.26; 15.34; 16.13,16,25,30; 22.53; 2 Rs 3.2; 8.18,27; 10.31; 13.2,11; 14.24; 15.9,18,24,28; 17.7). O único que não foi avaliado diretamente foi o rei Salum, que reinou apenas por um mês (2 R 15.13-16). Findas as narrativas dos reis de Israel, o narrador faz uma grande avaliação geral de todos eles (2 Rs 17.7-41), na qual posiciona conceitualmente sua história no sentido de que o reino de Israel se findou, o povo foi levado cativo e outros povos foram colocados a habitar em sua terra por causa da idolatria e da rejeição da mensagem dos profetas (2 Rs 17.7-24). Segundo o conceito do narrador, até os que passaram a habitar a terra foram castigados por não servirem correta e exclusivamente o Deus de Israel, formulando um sincretismo religioso (2 Rs 17.25-41). Segundo Bar-Efrat

Um pequeno número de intervenções não prejudica a ilusão da realidade, e este, na verdade, é o método adotado por narradores na Bíblia. Intervenções diretas não são nem numerosas nem extensas, e isso contribui consideravelmente para a vivacidade e imediaticidade das narrativas bíblicas, embora não seja, obviamente, o único fator que lhes confere caráter dramático. (2004, p. 31-32, tradução nossa).

O narrador deixou para avaliar os reis de Israel depois de ter terminado a história deles. A avaliação é longa, mas deixar para o final permitiu manter a dramaticidade e o envolvimento emocional do leitor durante o enredo. Esta estratégia diverge do narrador em Crônicas, o qual prefere conduzir o leitor desde o início a observar a história pela sua perspectiva ideológica.

O restante dos reis é de Judá e encontra-se tanto no livro de Reis quanto no de Crônicas. São eles: Ezequias (1 Rs 18.1-20.21; 2 Cr 29.1-32.33), Manassés (2 Rs 21.1-26; 2 Cr 33.1-20), Josias (2 Rs 22.1-23.30; 2 Cr 34.1-35.27), Jeoacaz (2 Rs 23.31-33; 2 Cr 36.1-3), Jeoaquim (2 Rs 23.34-24.7; 2 Cr 36.4-8), Joaquim (2 Rs 24.8-17; 2 Cr 36.9-10) e Zedequias (2 Rs 24.18-25.30; 2 Cr 36.11-21).

Crônicas termina com um importante acréscimo, que é o decreto de Ciro, o rei da Pérsia, ordenando que os judeus retornassem a Jerusalém a fim de reconstruir o templo (2 Cr 36.22-23). O narrador de Crônicas mostra como os reis que quiseram construir o templo ou restaurá-lo foram agradáveis a Deus. Ele mostra isso durante toda a monarquia de Israel e Judá. No tempo da escrita do livro não havia rei em Jerusalém. Judá era nada mais do que a província persa de *Yehud*. O rei era Ciro, da Pérsia. O final do livro é fundamental para entender o propósito político da obra. Nele consta a carta de Ciro:

Os que escaparam da espada, a esses levou ele para a Babilônia, onde se tornaram seus servos e de seus filhos, até ao tempo do reino da Pérsia; para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, até que a

terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram. Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o SENHOR, seu Deus, seja com ele. (2 Cr 36,20-23, grifo nosso)

Terminando o livro dessa forma, a história se conclui com nova construção do templo e nova restauração do culto, e agora o rei que fez isto foi Ciro. Esta é uma novidade expressiva em relação ao livro de Reis. Ela interpreta que Judá continua debaixo do governo providencial de seu Deus através de Ciro. Há uma palavra favorável ao rei da Pérsia, pois o narrador diz que o que Ciro fez foi dito por uma profecia de Jeremias da parte do Deus de Israel, que foi este Deus quem despertou Ciro para realizar aquele feito, e nas próprias palavras do rei persa em sua carta, ele afirma que o Deus dos judeus foi quem lhe deu os reinos da terra e lhe mandou edificar o templo em Jerusalém.

Neste ponto é relevante considerar o que diz o livro de Esdras:

No segundo ano da sua vinda à Casa de Deus, em Jerusalém, no segundo mês, Zorobabel, filho de Sealtiel, e Jesua, filho de Jozadaque, e os outros seus irmãos, sacerdotes e levitas, e todos os que vieram do cativoiro a Jerusalém começaram a obra da Casa do SENHOR e constituíram levitas da idade de vinte anos para cima, para a superintenderem. (Ed 3.8)

De acordo com a genealogia, Zorobabel, nomeado por Ciro para dirigir a construção juntamente com o sacerdote Jesua, era descendente de Davi. Então, não se tem um rei davídico no trono, mas tem um descendente davídico no comando sob um rei que determina a construção. Aqui encontra-se uma ideologia que parece pretender legitimar a presente situação dos judeus sob a Pérsia. Os valores que percorreram o livro estão presentes: um rei que quer restaurar o templo e o culto e um descendente de Davi no comando.

Shigeyuki Nakanose oferece a interpretação de que Crônicas é uma releitura que favorecia o império persa no sentido de facilitar a arrecadação de impostos com a centralização do templo e do culto em Jerusalém e de fortalecer sua fronteira contra a possível tentativa de avanço do Egito em direção aos seus territórios. Também enxerga o livro como uma legitimação dos levitas no período pós-exílico, fornecendo a eles funções anteriormente não usufruídas, colocando-as como se fossem criadas por Davi (2005, p. 143-153).

Que tal releitura favorecia o império persa é evidente, porém, deve-se levar em conta que não era o interesse da Pérsia que deveria ser visto na constituição da obra, mas o dos

judeus. Isto é, os próprios judeus, ou pelo menos o responsável por esta obra, viam um benefício na sujeição a Ciro. Assim, os interesses da Pérsia e da liderança judaica convergiam entre si.

Quanto à descrição da função dos levitas como legitimação de algo antes inexistente, também pode ser lido de outra forma. A leitura proposta aqui é que os levitas tiveram no passado o espaço descrito em Crônicas, mas não haviam recebido em obras anteriores a mesma atenção pelo fato de seu reconhecimento não ter sido objeto de disputa. A novidade no discurso do livro de Crônicas seria, portanto, a ênfase, motivada por um questionamento ou negligência no período pós-exílico.

### 3.3.3 Uma Avaliação da comparação

Apesar de haver muito material de Samuel e de Reis em Crônicas, há diferenças significativas a serem consideradas. A determinação do foco narrativo avaliativo também depende delas. Nota-se que as diferenças entre os livros de Samuel e Reis e o livro de Crônicas são: omissões, acréscimos e alterações de lugar no enredo. Embora não seja este o momento da pesquisa a considerar variações de palavras ou frases, é possível já detectar sua ampla ocorrência.

Pode-se verificar, pela descrição comparativa estabelecida acima, que o narrador evita falar de Saul em Crônicas. Praticamente todo o seu reinado foi omitido pelo narrador, assim também toda referência com respeito a seus descendentes. O narrador também não se interessou em narrar todos os obstáculos para que Davi e Salomão assumissem o trono. Além disso, todo pecado de Davi e Salomão foi omitido em Crônicas, com exceção daquela parte que baseia o motivo do local da construção do templo. O casamento de Salomão com a filha do Faraó também é omitido, e mais para frente, quanto à casa que construiu para ela, o narrador toma o cuidado de explicar que a intenção de Salomão fora o respeito com as coisas sagradas, pois a presença dela as profanaria. Reis registra os feitos dos reis tanto de Israel quanto de Judá, enquanto Crônicas trata só dos reis de Judá. Isto se dá porque Israel fora ao cativeiro assírio antes que Judá fosse levado à Babilônia. Judá retorna, mas Israel, não. Diferente do livro dos Reis, que pretendia apontar os pecados que culminaram no exílio e promover o arrependimento, Crônicas procura esclarecer quem eram aqueles que estavam retornando e o que cada um deveria fazer. Assim, o narrador cronista procura narrar fatos relacionados à construção do templo e às reformas religiosas para legitimar o culto em Jerusalém como o centro da identidade judaica em seus dias. Dentro deste propósito o



narrador do livro de Crônicas dá destaque ao sacerdócio e ao ministério levítico, em vez de focar no ministério profético, como os livros anteriores. A principal atividade profética era denunciar o pecado, enquanto que a atividade sacerdotal visava principalmente reparar o pecado através dos sacrifícios. O desprezo pelo sacerdócio era o desprezo por uma vida santa. Dessa forma, evidencia-se o valor defendido pelo narrador cronista ao omitir a atividade profética e acrescentar material sobre a atividade sacerdotal.

O narrador de Crônicas coloca seu foco avaliativo na importância dos sacerdotes e levitas. Os acréscimos verificados são de natureza religiosa. Ele está mais preocupado com reis em relação ao culto do que em suas guerras, como é o caso do livro de Reis.

Harold Bloom preocupou-se em demonstrar que todo autor é influenciado por outro que veio antes dele. Admirador de Shakespeare, diz que nenhum escritor posterior a ele conseguiu evitar a influência desse grande autor (2002, p. 19). Para Bloom a influência é sempre inevitável, e por isso o desejo por originalidade gera a angústia do poeta. Até mesmo quando o poeta faz exatamente o contrário de seu antecessor, ele está imitando (2002, p. 81). Pode-se verificar pela comparação entre os livros de Samuel e Reis e o livro de Crônicas, que a influência é patente. A nova obra completou algumas lacunas deixadas pela obra anterior e reutilizou as mesmas histórias para promover um discurso que os livros anteriores não traziam, mas sempre trazendo para a nova obra a influência da anterior.

A Bíblia como um todo é permeada abundantemente por todo tipo de intertextualidade. Não há preocupação em esconder as fontes ou demonstrar que determinada obra seja completamente original porque a interdependência canônica é fonte para a autoridade pretendida, além do fato de o autor não pretender ser um poeta, e sim alguém que infunde um discurso. No entanto, é útil verificar as maneiras pelas quais a influência acontece entre as obras pré-exílicas e a pós-exílica. Crônicas se comporta muitas vezes como comentário das obras anteriores. Não há, por exemplo, uma imitação no sentido de criar novas histórias com novos personagens que compartilhem pontos em comum de enredo. O que há é um aproveitamento das mesmas histórias, criando a partir delas próprias revisões como apropriação poética, completude, repetição e descontinuidade.

Exemplo disto é a história de Manassés, que no livro de Reis é retratado como alguém puramente mau (2 Rs 21.1-18), enquanto o livro das Crônicas menciona seu arrependimento (2 Cr 33.1-20). Com isto a narrativa reforça a doutrina da retribuição ao afirmar que Deus se tornou favorável para com ele depois de sua oração (2 Cr 33.19).

Mesmo não objetivando a mesma mensagem do livro de Reis, o autor de Crônicas acaba influenciado por ela. Não havia mais a necessidade de se lutar pelo abandono da

idolatria, mas quando ele se apropria da história de seu antecessor, o tema da idolatria se faz ainda presente.

Até aqui se verificou que, muito material narrativo foi copiado e muito dele omitido. O narrador das obras anteriores é trazido juntamente com a narrativa copiada para dentro da nova obra juntamente com sua influência. Por outro lado, toda inserção, omissão ou mudança dentro das narrativas copiadas traz para o novo texto uma nova forma de ler as antigas histórias. Acima de tudo o novo narrador fará a mediação entre a história e o leitor com um foco diferente. O próximo passo, portanto, é tomar as narrativas que há em comum entre Samuel-Reis e Crônicas e verificar como o narrador foi elaborado em Crônicas para produzir o novo discurso, verificando a intensidade de sua presença e o foco narrativo avaliativo.

#### 4. ANÁLISES DAS NARRATIVAS PARALELAS

Este capítulo apresentará uma análise das narrativas comuns a Samuel e Crônicas e a Reis e Crônicas. Aqui se procurará utilizar o método e as teorias propostas. Como o livro de Crônicas é o foco principal deste estudo, sempre que houver uma alteração na ordem da narrativa em relação a Samuel ou a Reis, será seguida a ordem de Crônicas.

Tendo constatado no capítulo anterior que Crônicas é uma obra que copia trechos de Samuel e de Reis, omite outros, às vezes modifica e explica, deve-se voltar a atenção para as narrativas paralelas. É um livro que se apropria de trechos de outros, sofre influência e constrói novo discurso. Verificar como o narrador tece os seus comentários e produz novo discurso é a tarefa desenvolvida a partir daqui.

##### 4.1 O REINADO DE SAUL (1 Sm 31.1-13; 1 Cr 10.1-14)

De todo o trecho de 1 Samuel 1.1 a 2 Samuel 4.12 a única narrativa paralela em Crônicas é aquela sobre o rei Saul (1 Cr 10.1-14). O texto constitui a narrativa da sua morte. Os filisteus perseguem os israelitas e matam os filhos de Saul. Temendo ser desonrado ao morrer nas mãos dos inimigos, o rei pede que seu escudeiro o mate, mas ele se recusa. Então, Saul se lança sobre sua espada e os israelitas, sabendo disso, abandonam suas cidades deixando-as para os filisteus. Ao encontrarem o corpo de Saul, os filisteus o decapitam, anunciam a todos de seu povo expondo seu cadáver em sua terra. Depois disto, homens valentes tomam o corpo de Saul e de seus filhos e levam a Jabes para sepultá-los.

Em Samuel há muitas narrativas a respeito desse rei, mas em Crônicas há apenas esta breve passagem. 1 Crônicas 10.1-14 é o único trecho do livro que transmite algo de todo o conflito que levou à transferência do reino de Saul para Davi. Ele é suficiente para introduzir o enredo do narrador cronista. Assim, conclui-se que ao omitir toda a dificuldade enfrentada por Davi, o narrador dá ao enredo um foco mais estrito na intervenção de Deus no que diz respeito à transferência do reino.

1 Samuel 31.1-13 corresponde a 1 Crônicas 10.1-12 com poucas mudanças ou omissões de palavras e expressões. É digna de nota a mudança da palavra “homens” (1 Sm 31.6) para “casa” (1 Cr 10.6). Esta substituição transfere o foco dos que lutavam ao lado do rei Saul para a sua família. Isto implica no fim de uma dinastia. Ao dizer “e toda a sua casa pereceu juntamente com ele” em vez de “e também todos os seus homens foram mortos naquele dia com ele” o narrador em Crônicas está apontando para a impossibilidade de a

dinastia se levantar novamente. Outra mudança facilmente perceptível é que o narrador em Samuel aponta o destino do corpo enquanto que o de Crônicas, o da cabeça decapitada de Saul (1 Sm 31.10; 1 Cr 10.10). No entanto, essa variação parece não influenciar o discurso.

Em dois momentos o narrador autoral faz uso de sua onisciência. Primeiro, quando afirma que Saul temeu os flecheiros; depois, ao afirmar que o escudeiro de Saul temeu matá-lo, conforme sua ordem. Essa onisciência encontra-se em Samuel e permanece em Crônicas (2 Sm 31.3-4; 1 Rs 10.3-4), ambos como sumário. O único trecho constituído de evento narrativo é a ordem de Saul para que seu escudeiro o execute para não ser humilhado pelos incircuncisos. O efeito dessa pequena dramatização aproxima o leitor da cena e permite que a história se passe do ponto de vista de Saul.

O ponto de maior interesse para esta pesquisa encontra-se no acréscimo que o narrador de Crônicas estabelece no final da narrativa (1 Cr 10.13-14), que é um comentário explícito, uma avaliação<sup>27</sup> da história. Ele dá significado à morte de Saul vinda de um plano superior, dizendo que Saul morreu “por causa da sua transgressão cometida contra o SENHOR, por causa da palavra do SENHOR que ele não guardara; e também porque interrogara uma necromante e não ao SENHOR”. E interpreta ainda mais, dizendo que além de Deus matar a Saul por ter tomado essas atitudes, pelo mesmo motivo também “transferiu o reino a Davi”.

Esse comentário, característico do narrador autoral, interpreta uma passagem omitida<sup>28</sup> em Crônicas, na qual Saul desobedece deliberadamente uma ordem divina (1 Sm 15.1-11). Em Samuel a rejeição de Saul acontece num evento narrativo, de forma dramatizada: “então veio a palavra do SENHOR a Samuel dizendo: Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras”.

A outra razão para a rejeição de Saul como rei foi o fato dele ter consultado uma necromante (1 Sm 28.1-25). Isto era contrário à lei de Moisés, conforme Levítico 20.27 e Deuteronômio 18.10-12. A morte e a perda do reino para Davi foi pronunciada mais uma vez num evento narrativo (1 Sm 28.16-19). A consulta à necromante vai desembocar na morte de Saul (1 Sm 31.1-12) após a narrativa do sucesso militar de Davi (1 Sm 29.1-30.31).

---

<sup>27</sup> Marguerat e Bourquin tratam da intrusão do narrador através de comentários explícitos que faz em sua própria voz. Segundo eles, avaliação e explicação são formas de glosa explicativa nas quais o narrador dirige-se diretamente ao leitor (2009, p. 125,128-129).

<sup>28</sup> A omissão da descrição do evento é um indício de que os leitores ideais conheciam aquele enredo, de modo que tornou-se desnecessário descrevê-lo novamente. Para os propósitos do narrador cronista bastaria a interpretação dele.

É notável que Saul não seja julgado por sua habilidade militar ou política, nem mesmo por suas falhas, conforme aponta Steven Mckenzie (2004, posição 1721)<sup>29</sup>. A ideologia é apresentada no sentido de que Davi não seria um golpista, mas um legítimo rei, e o argumento principal é que esta era a vontade de Deus, e que Saul não merecia o trono por ser infiel a Deus.

Esses dois episódios omitidos em Crônicas são apenas referidos brevemente em Crônicas para servirem de base para a avaliação do narrador autoral (1 Cr 10.13-14). O cronista cria um narrador autoral para explicitar seu ponto de vista ideológico avaliando em apenas dois versículos toda a história de Saul. Aquilo que precisaria da percepção do leitor dentro de uma longa narrativa, o narrador de Crônicas dá em poucas palavras, indo direto ao ponto de seu interesse com autoridade interpretativa. Isto significa que, o narrador não pretende desenvolver sua mensagem a partir de Saul, e sim de Davi. Ele é explícito com relação ao motivo que levou Saul a perder o trono preferindo que o leitor vivencie através da dramaticidade dos eventos narrativos a ascensão de Davi ao trono.

Nota-se que tanto em Samuel quanto em Crônicas o narrador interfere na história explicando-a de modo breve e o mais sutil quanto possível em torno do discurso direto de Saul. O narrador de Crônicas, no entanto, é muito mais intrusivo ao acrescentar seu ponto de vista ideológico com dois versículos no final.

## 4.2 NARRATIVAS DO REINADO DE DAVI

### 4.2.1 A Unção de Davi (2 Sm 5.1-10; 1 Cr 11.1-9)

Este trecho fala sobre a tomada de Jerusalém, a entronização de Davi e o crescimento do seu poder. Assim, não só Davi é retratado como o escolhido de Deus, como também Jerusalém é considerada como a cidade escolhida, aquela que exercerá grande importância na história de Israel. A ideologia da unidade de todas as tribos de Israel como irmãs debaixo de um mesmo rei é referida tanto em Samuel quanto em Crônicas por meio da expressão “todas as tribos de Israel” (2 Sm 5.1) ou “todo o Israel” (1 Cr 11.1). Em ambos os livros esses “todos” falam a Davi sobre a identidade deles como um só povo, sobre a liderança militar de Davi na época do rei Saul e sobre a profecia de que ele seria o rei (2 Sm 5.1-2; 1 Cr 11.1-2). Retratar isto num evento narrativo é sinal da importância dessa ideologia, procurando fazer o

---

<sup>29</sup> O livro citado utilizado encontra-se na versão eletrônica Kindle, que não possui numeração de páginas. A referência que o dispositivo oferece é em termos de posição.

leitor vivenciar a experiência. Segue-se um sumário relatando a unção de Davi como rei (2 Sm 5.3; 1 Cr 11.3a). Neste ponto o narrador de Crônicas vai além e acrescenta uma explicação: “segundo a palavra do SENHOR por intermédio de Samuel” (1 Cr 11.3b). Esta é uma avaliação autoral acrescentada à narrativa provinda de Samuel. Ela se baseia em 1 Sm 13.13-14, 15.10-11-28 e 16.12, que fazem parte das narrativas de Samuel omitidas em Crônicas.

1 Samuel	1 Crônicas
<p><b>13</b><sup>13</sup> Então, <u>disse Samuel</u> a Saul: <i>Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou; pois teria, agora, o SENHOR confirmado o teu reino sobre Israel para sempre.</i> <b>14</b> Já agora não subsistirá o teu reino. O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou.</p>	<p><b>11</b><sup>3</sup> Assim, pois, todos os anciãos de Israel vieram ter com o rei em Hebrom; e Davi fez com eles aliança em Hebrom, perante o SENHOR. Ungiram Davi rei sobre Israel, <b>segundo a palavra do SENHOR por intermédio de Samuel.</b></p>
<p><b>15</b><sup>10</sup> Então, <u>veio a palavra do SENHOR a Samuel</u>, dizendo: <i>11Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras.</i> <b>28</b> Então, Samuel lhe disse: O SENHOR rasgou, hoje, de ti o reino de Israel e o deu ao teu próximo, que é melhor do que tu.</p>	
<p><b>16</b><sup>12</sup> Então, mandou chamá-lo e fê-lo entrar. Era ele ruivo, de belos olhos e boa aparência. <u>Disse o SENHOR: Levanta-te e unge-o, pois este é ele.</u></p>	

Conforme a tabela acima<sup>30</sup> explicita, em Samuel não se trata de uma avaliação do narrador, e sim de discursos de Deus ao profeta e do profeta a Saul, discursos dentro de eventos narrativos. O livro de Crônicas omite a narrativa e traz a ideia para sua história pela intervenção autoral, como um ponto de vista avaliativo. A omissão da história em Crônicas criaria a necessidade do narrador fazer essa explicação. Mas, a maneira como as palavras encontram-se na voz do próprio narrador possui um efeito de autoridade muito forte.

A idade de Davi no início de seu reinado e o tempo que exerceu o poder (1 Sm 5.4) foram omitidos em Crônicas. O tempo que reinou em Hebrom e em Jerusalém foi deslocado para 1 Crônicas 3.4.

<sup>30</sup> As tabelas são apresentadas nesta pesquisa quando se julgar necessário ilustrar uma exposição. Elas constam de trechos das narrativas analisadas ou de resumos. Para diferenciar entre ambas são utilizadas fontes diferentes. Os resumos mantêm a mesma fonte do texto do trabalho, ou seja, *times new roman*, e os trechos da Bíblia são representados pela fonte *arial*. Muitas vezes os textos comparados são reproduzidos dentro do próprio texto da dissertação.

A tomada de Jerusalém mereceu primeiramente uma explicação em Crônicas que não constava em Samuel, onde apenas é mencionado que Davi foi a Jerusalém contra os jebuseus. Em Crônicas o narrador se faz fortemente presente explicando que Jerusalém chamava-se Jebus por ser habitada pelos jebuseus (1 Cr 11.4). O narrador em ambos os livros deixa que os jebuseus falem a Davi que ele não entraria ali, apelando pelo evento narrativo para a maior proximidade do leitor. Em Samuel os jebuseus afrontam a Davi dizendo que cegos e coxos não deixariam que ele entrasse (2 Sm 5.6), mas o narrador em Crônicas omite tudo o que é relacionado com os cegos e coxos e mantém apenas “tu não entrarás aqui” (1 Cr 11.5). Ambos seguem dizendo que, apesar da afronta, Davi tomou a fortaleza de Sião e explicam que “esta é a cidade de Davi” (2 Sm 5.7; 1 Cr 11.5). A omissão dos cegos e coxos na fala dos jebuseus em Crônicas prepara para que seja introduzido o início da liderança de Joabe. O evento narrativo continua sendo utilizado, mas a fala de Davi “todo o que está disposto a ferir os jebuseus suba pelo canal subterrâneo e fira os cegos e os coxos, a quem a alma de Davi aborrece” (2 Sm 5.8a) é substituída por “qualquer que primeiro ferir os jebuseus será chefe e comandante” (1 Cr 11.6a). Por isso, a explicação do narrador autoral “por isso, se diz: nem cego nem coxo entrará na casa” é omitida em Crônicas. Em lugar desta explicação o narrador de Crônicas faz um sumário: “Joabe, filho de Zeruia, subiu primeiro e foi feito chefe” (1 Cr 11.6b). Conforme Klein, a introdução de Joabe aqui se deve à sua importância nos eventos que serão narrados nos capítulos 18 a 21 e 26 a 27, uma vez que Joabe aparece frequentemente em 2 Samuel 2-3, trecho omitido em Crônicas. Este seria um local adequado para introduzi-lo (2006, 11.6§1)<sup>31</sup>.

Ambos os narradores prosseguem dizendo que Davi habitou na fortaleza. Ambos dizem que ela foi chamada de “cidade de Davi”. Mas uma diferença se estabelece em Crônicas quando ele substitui “e lhe chamou” (2 Sm 5.9) por “pelo que se chamou” (1 Cr 11.7). Fazendo isto, o narrador em Crônicas transforma uma simples informação em uma explicação, fazendo-se mais perceptível. Além disso, tendo introduzido a liderança de Joabe no reinado de Davi em lugar de falar sobre os cegos e os coxos, agora o narrador acrescenta que foi Joabe quem “renovou o resto da cidade” (1 Cr 11.8). A explicação encontrada na voz do narrador em Samuel (“Por isso, se diz: Nem cego nem coxo entrará na casa”) é omitida na voz do narrador em Crônicas. O narrador em Crônicas não acompanha o narrador de Samuel por não interessar aos seus propósitos.

---

<sup>31</sup> O livro citado utilizado encontra-se na versão eletrônica Olive Tree, que não possui numeração de páginas nem posição. A citação foi elaborada pelo autor desta pesquisa indicando a referência bíblica que o autor do livro comenta e o parágrafo. Para indicar o parágrafo não se conta aquele da tradução do texto bíblico, mas apenas os do comentário do texto.

Há um interesse em Crônicas em explicar quem foi Joabe e como ele tornou-se um oficial, quão competente foi e como contribuiu para o fortalecimento do rei Davi. Os narradores tanto de Samuel quanto de Crônicas terminam dizendo que Davi se tornava mais forte e que Deus era com ele (2 Sm 5.10; 1 Cr 11.9). Ambos são sucintamente avaliadores neste ponto.

Nota-se neste trecho o acréscimo de explicação sobre episódios de Samuel omitidos em Crônicas (1 Cr 11.3); omissão de informação sobre a idade de Davi e o tempo de seu reinado (2 Sm 5.4); mudança de local sobre o tempo em que Davi reinou em Hebron e em Jerusalém (2 Sm 5.5; 1 Cr 3.4); acréscimo de explicação quanto ao nome de Jerusalém antes de ser tomada por Davi (1 Cr 11.4); mudança de tema: em vez da oposição de cegos e coxos a Davi, o surgimento da liderança de Joabe e sua contribuição ao reinado de Davi (2 Sm 5.6,8; 1 Cr 11.6,8), mantendo tudo em evento narrativo; a transformação de um simples sumário em explicação (2 Sm 5.9; 1 Cr 11.7); e a manutenção da avaliação final (2 Sm 5.10; 1 Cr 11.9).

Conclui-se que as mudanças no foco narrativo avaliativo se alternam havendo omissão de intrusão do narrador quando se trata de algo irrelevante aos propósitos do narrador cronista, transformação de sumário em explicação e mudança de tema. As estratégias variam alterando a força do narrador e sua influência sobre o leitor. Percebe-se que a intrusão do narrador em Samuel quando seguida pelo narrador de Crônicas é sucinta.

#### 4.2.2 Relação dos Valentes de Davi (2 Sm 23.8-39; 1 Cr 11.10-12.40)

O texto que se segue é uma relação dos valentes de Davi que deram apoio para fazerem-no rei sobre Israel. O narrador apresenta outra vitória sobre os filisteus; uma relação de homens valentes que estavam sob a direção de Davi com pequenas narrativas de alguns de seus feitos extraordinários, além do respeito que Davi tinha pelas suas vidas. Isto aponta para o poder de Davi, seu caráter e o apoio de Deus.

O texto de 2 Samuel 23.8-39 é trazido para o início das narrativas de Davi, e para dar sequência natural a 1 Crônicas 11.1-9 o narrador introduz uma explicação: “que o apoiaram valorosamente no seu reino, com todo o Israel, para o fazerem rei, segundo a palavra do SENHOR, no tocante a esse povo” (1 Cr 11.10). Este acréscimo liga a narrativa à sequência de 1 Crônicas 11.1-9, onde tal explicação já havia sido dada (1 Cr 11.3) conforme demonstrado anteriormente. Além disso, vale destacar a expressão “segundo a palavra do SENHOR” por ser fortemente autoritativa diante do leitor. Conforme Ralph Klein, a autorização divina é que confirma a validade do apoio humano a Davi (2006, 11.10§4).



Assim, a inserção na voz do narrador autoral exerce forte influência em favor do ponto de vista ideológico da legitimação da dinastia davídica no período pós-exílico, quando ela poderia ser questionada pelo fato de ter conduzido Judá ao exílio (PRATT JR., 2008, p. 156-157).

Dentre as pequenas narrativas no meio da relação de valentes, uma é omitida: 2 Samuel 23.9b-11a. Em Crônicas, o narrador repete dois pequenos eventos narrativos onde estão duas falas de Davi. A primeira, quando ele deseja água (2 Sm 23.15; 1 Cr 11.17) e a segunda, quando ele recusa a água trazida com o risco das vidas dos valentes que foram buscá-la (2 Sm 23.17; 1 Cr 11.19), tendo passado pelo meio do acampamento dos inimigos (2 Sm 23.16; 1 Cr 11.18). É após esta segunda fala de Davi que há um acréscimo importante: “Pois, com perigo de sua vida, a trouxeram” (1 Cr 11.19).

A dúvida que se segue é se tais palavras seriam de Davi ou do narrador. A versão Almeida Revista e Atualizada mantém a dubiedade e deixa ao leitor a interpretação, pois não apresenta marcas específicas para discurso direto. Verificando-se as diversas traduções, percebe-se que não há consenso quanto a isto. Toma-se duas versões como exemplos. Segundo a interpretação dada pela Bíblia de Jerusalém (2004), tais palavras encontram-se nos lábios de Davi, pois aparece dentro das aspas. A Nova Versão Internacional (2000) interpreta como sendo palavras do narrador, apresentando-as depois de fechar as aspas. Não há razões gramaticais que possam resolver essa questão. No entanto, é preferível compreendê-las como sendo palavras do narrador explicando as palavras de Davi, porque é o que geralmente acontece em Crônicas. O acréscimo explicativo tornaria dispensável a fala de Davi, mas o narrador autoral prefere manter também o evento narrativo. Assim, ele enfatiza o tema dando ao leitor a experiência do drama, além de sua própria palavra com autoridade autoral.

Há algumas variações no meio do texto que se segue terminando com um acréscimo de uma relação de nomes. Tal acréscimo se estende até o capítulo 13 versículo 4. Este trecho continua de onde o narrador de Samuel parou e permanece na mesma maneira com pequenos sumários, relação de nomes, descrição de suas características e ocasionais eventos narrativos para dar vivacidade aos pontos fundamentais, além das características avaliações do narrador.

Pequenos sumários encontrados em 1 Cr 12.1-13.4 são referências a momentos da história relatada no livro de Samuel não transcritos em Crônicas, que situam a lista de homens. O primeiro sumário e lista está em 1 Crônicas 12.1-7, que faz referência a 1 Samuel 27.1-7. A “fortaleza do deserto” (1 Cr 12.8) é uma referência aos lugares seguros em que esteve Davi (1 Sm 22-24). Dentre as tribos de Israel mencionadas em 1 Crônicas 12.8-18 estão Gade (1 Cr 12.8), Benjamim e Judá (1 Cr 12.16). De Gade há uma relação de valentes.

De Benjamim e Judá menciona-se apenas que vieram alguns, mas por outro lado algo bastante revelador para favorecer a ideologia cronista, ou seja, um evento narrativo com palavra de Davi e de Amisai, como profeta (1 Cr 12.17-18).

Benjamim e Judá são duas tribos muito importantes na ideologia cronista. Logo depois de mencioná-las, o narrador expõe um evento narrativo que fortalece sua ideologia. Tanto as palavras de Davi quanto as de Amisai indicam que ao juntarem-se a Davi os homens das tribos de Benjamim e de Judá faziam o que era correto. As palavras de Davi foram: “Se vós vindes a mim pacificamente e para me ajudar, o meu coração se unirá convosco; porém, se é para me entregardes aos meus adversários, não havendo maldade em mim, o Deus de nossos pais o veja e o repreenda” (1 Cr 12.17). Elas enfatizam que da perspectiva de Davi eles deveriam ser sinceros ao virem a ele, porque o próprio Deus estava do seu lado. O narrador introduz as palavras de Amisai preparando o leitor para aceitá-las indiscutivelmente ao dizer que “entrou o Espírito em Amisai”. Assim, suas palavras “Nós somos teus, ó Davi, e contigo estamos, ó filho de Jessé! Paz, paz seja contigo! E paz com os que te ajudam! Porque o teu Deus te ajuda” (1 Cr 12.18) devem ser lidas como sendo do próprio Deus, criando simpatia no leitor em relação a Davi e à ajuda que aqueles homens lhe ofereciam.

1 Crônicas 12.19 é uma referência ao evento de 1 Samuel 29, quando Davi não lutou contra israelitas junto dos filisteus. Aquela é uma referência importante para mostrar a lealdade de Davi ao seu povo, característica de um verdadeiro rei. Menciona-se aqui a adesão da tribo de Manassés à causa de Davi.

Novamente em Ziclague (1 Cr 12.20-23), Davi recebe apoio da tribo de Manassés. Um destaque a se fazer acerca deste trecho é a intrusão do narrador caracterizando os que tiveram seus nomes mencionados como valentes, explicando que isto acontecia “porque, naquele tempo, dia após dia, vinham a Davi para ajudá-lo, até que se fez um grande exército, como exército de Deus” (1 Cr 12.22).

O apoio recebido em Hebrom (1 Cr 12.24-37) é surpreendente. Ele vem das tribos de Manassés, Simeão, Levi, Benjamim, Efraim, Issacar, Zebulom, Naftali, Dã, Aser, Rubem e Gade, ou seja, dentre todas as tribos de Israel. É uma referência a 2 Samuel 2, que não consta em Crônicas, senão nesta menção em forma de sumário com lista de valentes. A menção das doze tribos de Israel representadas entre os apoiadores de Davi proporciona que 1 Crônicas 13.1-4 encerre o relatório de nomes que apoiaram Davi com a ênfase na totalidade de Israel (1 Cr 12.38). Há um destaque para a valentia e a totalidade das tribos representadas ali com o propósito de fazer de Davi rei. (1 Cr 12.39-40). Tudo aponta para a legitimidade de Davi como rei e o apoio divino para esse fim. A unidade de 1 Crônicas 11.1-12.40 é marcada por

uma inclusão (1 Cr 11.1-3; 12.38-40) que faz referência à unidade de Israel com o propósito de entronizar a Davi (Mckenzie, 2004, posição 1755-1757).

A partir de 1 Crônicas 12.19 o narrador por diversas vezes se faz fortemente presente ao dar explicações: “[...]porque os príncipes destes, depois de se aconselharem, o despediram; pois diziam: À custa de nossa cabeça, passará a Saul, seu senhor.” (12.19); “... porque, naquele tempo, dia após dia, vinham a Davi para o ajudar, até que se fez um grande exército, como exército de Deus” (12.22); “... porque até então havia ainda muitos deles que eram pela casa de Saul (12.29); “... porque seus irmãos lhes tinham feito provisões” (12.39); “... porque havia regozijo em Israel” (12.40).

Neste trecho, comparando Samuel e Crônicas, verificou-se a ocorrência de deslocamento de narrativa, inserção de diversos comentários e explicações na voz do narrador, uma omissão, sumário e relatório de evento narrativo omitido, um pequeno evento narrativo onde há referência às tribos de Benjamim e Judá na voz dos personagens rei Davi e Amasai que faz uma profecia. Nota-se também que as referências aos eventos encontrados em Samuel e omitidos na narração de Crônicas são mencionados brevemente em forma de relatório entremeado de explicações do narrador.

#### 4.2.3 Davi Leva a Arca Para Jerusalém (2 Sm 6.1-11; 5.11-25; 6.12-23; 1 Cr 13.1-16.43)

A narrativa sobre o transporte da arca da aliança para Jerusalém feito por Davi é trazida do livro de Samuel com inserções, omissões e alteração de ordem no enredo. A figura abaixo apresenta o resumo do episódio mostrando tais mudanças.

Samuel	Crônicas
	<b>1 Cr 13.1-4</b> - Consultou Davi os capitães, os príncipes e o povo propondo buscar a arca da aliança e foi apoiado
<b>2 Sm 6.1-11; 1 Cr 13.5-14</b> - Davi foi com seus homens buscar a arca para trazê-la a Jerusalém. Colocaram-na sobre um carro de bois. Em certo momento os bois tropeçaram e Uzá, um dos homens que guiavam o carro, segurou a arca. Deus ficou irado com Uzá e o matou ali mesmo. Davi desgostou-se com isso e mandou deixar a arca na casa de um homem chamado Obede-Edom, o qual foi muito abençoado.	
<b>2 Sm 5.11-25; 1 Cr 14.1-17</b> - Hirão, rei de Tiro, mandou a Davi material e mão de obra para lhe edificarem uma casa. Davi tomou outras mulheres em Jerusalém; e gerou mais filhos. Quando os filisteus souberam que Davi era rei, foram contra ele. Davi consultou a Deus duas vezes e recebeu orientações sobre como agir e venceu-os.	
	<b>1 Cr 15.1-24</b> - Após o fracasso, Davi reconhece que só os levitas poderiam transportar a arca. Preparou um lugar para ela, reuniu todo o Israel, reuniu especialmente os sacerdotes e levitas, descrevendo

	cada clã desta tribo para deixar registrado tudo como era antes para ser também depois do exílio. Todos cumpriram rigorosamente os ritos exigidos na Lei. Menciona que Davi organizou os levitas em músicos instrumentistas e cantores.
<b>2 Sm 6.12-19a; 1 Cr 15.25-16.3</b> - Certa vez Davi resolve buscar a arca na casa de Obede-Edom e ele e seus homens o fizeram com muita festa. Davi, vestido com estola sacerdotal e dançava e pulava enquanto entravam em Jerusalém. Mical, a esposa de Davi, desprezou-o ao ver a cena. A arca foi colocada numa tenda armada por Davi e ali ofereceram sacrifícios. Davi abençoou o povo, despediu a todos	
	<b>1 Cr 16.4-42</b> - Davi designou levitas para ministrar com música diante da arca, porteiros e sacerdotes responsáveis por oferecerem sacrifícios.
<b>2 Sm 6.19b-20a; 1 Cr 16.43</b> - e retornou à sua casa para abençoá-la.	
<b>2 Sm 6.20-23</b> - Mical repreendeu Davi por sua humilhação diante dos súditos, mas foi repreendida por ele e nunca teve filhos.	

Ao iniciar a narrativa do transporte da arca da aliança para Jerusalém por Davi, já há em Crônicas um acréscimo de quatro versículos em relação ao texto paralelo de Samuel (2 Sm 6.1-11). 1 Crônicas 13.1-4 apresenta palavras de Davi, um evento narrativo traz vivacidade e coloca o leitor a contemplar o momento de dentro da história. As palavras de Davi reforçam aquilo que já estava contemplado nas avaliações do narrador e nas listas de valentes apoiadores. A referência a todas as tribos de Israel em 1 Crônicas 12.24-40 fundamenta o que o narrador diz na introdução das palavras de Davi: “disse a toda a congregação de Israel”. Na voz de Davi encontram-se os subsídios para a ideologia cronista. Davi dirige-se aos presentes conclamando-os a chamar para sua causa “a todos os nossos outros irmãos em todas as terras de Israel”. Nota-se neste particular a concordância do ponto de vista fraseológico entre o narrador e o personagem Davi. Além da totalidade de Israel enfatizada, Davi continua: “e aos sacerdotes, e aos levitas”. Esta menção específica à tribo de Levi é também de interesse particular no desenvolvimento da ideologia cronista. Quanto à reprovação de Saul como rei, concordando com a ideologia do narrador, o personagem Davi afirma que na época de Saul Israel não se valeu da arca de Deus (1 Cr 13.3). Assim, de forma sutil ele se coloca ideologicamente ao lado do narrador. Tal acréscimo termina com uma intrusão do narrador dizendo que a congregação concordou com Davi “porque isso pareceu justo aos olhos de todo o povo” (13.4).

Na sequência, 1 Crônicas 13.5-14 é paralelo a 2 Samuel 6.1-11. Samuel mantém quase todo o pequeno enredo como sumário na voz do narrador. Basicamente em Crônicas permanece o mesmo texto, com omissões, acréscimos e alterações que não mudam o enredo, pois constituem-se apenas de descrições e explicações. O único evento narrativo encontrado ali é quando o rei Davi pergunta: “como trarei a mim a arca de Deus?” (1 Cr 13.13). Na voz

de Davi, essa pergunta ganha destaque servindo o evento narrativo como o anúncio do tema de toda a passagem até 1 Crônicas 16.43.

1 Crônicas 14.1-17 é paralelo a 2 Samuel 5.11-25. Isto quer dizer que a narrativa em Crônicas desloca uma parte do enredo sobre a entronização de Davi para o meio do enredo sobre o transporte da arca a Jerusalém. Neste trecho, Hirão mandou mensageiros, madeiras, pedreiros e carpinteiros para a construção do templo. Davi reconheceu que o SENHOR o confirmara como rei. Há uma diferença aqui. Em Samuel (5.12) é dito que Davi reconheceu que Deus o confirmara como rei e reconheceu também que Deus tinha exaltado o seu trono por amor ao povo. Em Crônicas (14.2) Davi reconhece que Deus o confirmou no trono pelo motivo de ter exaltado o seu trono. Confirme figura, no hebraico isto é feito pela simples omissão de uma conjunção aditiva no texto de Crônicas e seu efeito literário é que o narrador em Crônicas transforma um dado numa interpretação, apresentando um ponto de vista ideológico.

2 Samuel 5	1 Crônicas 14
<sup>12</sup> Reconheceu Davi que (יְהוָה) o SENHOR o confirmara rei sobre Israel e que (יָרַם) exaltara o seu reino por amor do seu povo [de Israel].	<sup>2</sup> Reconheceu Davi que (יְהוָה) o SENHOR o confirmara rei sobre Israel; <b>porque (יְהוָה), por amor do seu povo de Israel, o seu reino se tinha exaltado muito.</b>

Davi tomou mais mulheres e teve mais filhos. Os filisteus ouviram que Davi fora feito rei e foram lutar contra ele. Por duas vezes Davi consulta o Senhor e este o orienta. Com isto, Davi vence duas vezes os filisteus. Por fim, em Crônicas o narrador dá um passo a mais do que em Samuel, ou seja, ele afirma que “assim se espalhou o renome de Davi” e interpreta que foi Deus quem “o fez temível a todas aquelas gentes” e que foi este o motivo pelo qual seu renome se espalhou. Assim, o narrador se faz mais presente na narrativa, faz uso maior da mediaticidade para apresentar seu ponto de vista ideológico.

Segue um grande acréscimo. Davi traz a arca para Jerusalém. Após o fracasso (1 Cr 13.5-14), reconhece que só os levitas poderiam transportá-la (1 Cr 15.2,12-13). Preparou um lugar para ela, reuniu todo o Israel para o transporte da arca (1 Cr 15.3). Reuniu especialmente os sacerdotes e os levitas, nomeando cada clã (1 Cr 15.4-11). Todos cumpriram rigorosamente os ritos exigidos na Lei, segundo a ordem de Davi (1 Cr 15.12-15). O texto termina com a menção de que Davi organizou os levitas em músicos instrumentistas e cantores (1 Cr 15.16-24).

Este acréscimo tem um teor fortemente favorável à exclusividade sacerdotal e levítica de certas tarefas. O fracasso do transporte da arca na primeira tentativa fora trazido do livro de Samuel para o livro de Crônicas, mas aquele não traria depois de narrar o evento uma explicação clara do motivo pelo qual a arca não pôde ser transportada. Em Samuel é dito que Uzá foi ferido por irreverência (1 Sm 6.7), enquanto em Crônicas substitui a frase interpretando que a irreverência foi estender a mão à arca (1 Cr 13.10). No entanto, somente neste acréscimo de Crônicas (1 Cr 15.1-24) é que este tema retorna à pauta.

É interessante que não há diálogos neste trecho, senão dois discursos diretos de Davi referentes ao transporte da arca pelos levitas (1 Cr 15.2,12-13). Focalizar o tema em breves eventos narrativos provoca um efeito de sentido. O narrador procura não interpretar aqui, mas deixa sob a responsabilidade do rei a conclusão. Primeiro Davi reconhece que somente os levitas poderiam transportar a arca (v. 2), depois interpreta que a primeira tentativa fora frustrada pelo motivo de que “não o buscamos, segundo nos fora ordenado” (v. 13). O rei Davi era reconhecido como autoridade pelos leitores do cronista, portanto, o efeito trazido sobre estes sendo as palavras do próprio Davi são de forte convencimento. O narrador segue confirmando as palavras de Davi ao descrever o transporte bem sucedido da arca para Jerusalém pelos sacerdotes e levitas (1 Cr 15.14-15). Mostrando desta forma, o narrador confirma a avaliação que deixara sob a responsabilidade do personagem Davi.

Deve-se destacar que não há novidade em Crônicas sobre a atuação dos levitas em transportar a arca. O transporte da arca é referido em narração simples em Samuel e em Reis como sendo feito por levitas (1 Sm 6.15; 2 Sm 15.24; 1 Rs 8.4), mas somente em Crônicas é dada uma avaliação sobre isso, o que revela que a novidade do discurso é a ênfase e não a atuação dos levitas. O novo discurso legitima a função dos levitas e teria sido necessário devido a questionamentos quanto à exclusividade do serviço dos levitas ou a negligência com respeito ao mesmo.

A segunda parte de 2 Samuel 6 (12-19a) tem como paralelo o texto de 1 Crônicas 15.25-16.3. Nela narra-se o transporte bem sucedido da arca da aliança. Uma omissão em Crônicas muda o foco temático, ou seja, o fato de 2 Samuel 6.12a não constar em seu paralelo em Crônicas faz com que o motivo da nova busca à arca seja outro. Em Samuel o motivo foi Davi ficar sabendo que Deus abençoou Obede-Edom em cuja casa havia ficado a arca; em Crônicas, 15.1-24 aponta para o fato de Davi reconhecer que não havia conseguido porque não atentara para o fato de que a Lei exigia que o transporte fosse feito pelos levitas. Por isso, pode-se afirmar que 1 Crônicas 15.1-24 foi colocado no lugar de 2 Samuel 6.12a. Em Crônicas também foi acrescentada a participação dos levitas no transporte e sua função

musical (15.27), e um grande trecho constando a designação dos levitas e sacerdotes que ministrariam diante da arca e dos músicos, um hino de gratidão e louvor a Deus com a concordância de todo o povo com o importante comentário de que tudo fora feito segundo orientava a Lei de Moisés (15.40).

O último trecho paralelo é o de 2 Samuel 6.19b-20a, que finaliza o enredo episódico com o retorno do povo para suas casas e a bênção de Davi sobre sua casa. Neste ponto, Crônicas rompe com Samuel omitindo que Mical, a esposa de Davi e filha de Saul, o rei anterior, repreende Davi pela maneira humilhante com que comemorava a chegada da arca.

Nota-se que o capítulo 6 de 2 Samuel foi separado em várias partes e preenchido com outros dados em 1 Crônicas. Conforme Steven McKenzie, o texto de 2 Samuel 6.1-11 foi tomado como estrutura, dividido em três partes e o espaço entre elas, preenchido (2004, posição 1932-1935). Esse preenchimento foi feito com avaliação, história, dados, relatório e um salmo. Nestas partes é que se encontra a ênfase no trabalho dos levitas.

2 Samuel	1 Crônicas
2 Sm 5.11-Hirão, rei de Tiro manda ajuda para a construção do templo.	1 Cr 14.1-Hirão, rei de Tiro manda ajuda para a construção do templo.
2 Samuel 5	1 Crônicas 14
<sup>12</sup> Reconheceu Davi que o SENHOR o confirmara rei sobre Israel e que (יְהוָה) exaltara o seu reino por amor do seu povo [de Israel].	<sup>2</sup> Reconheceu Davi que o SENHOR o confirmara rei sobre Israel; <b>porque (יְהוָה), por amor do seu povo de Israel, o seu reino se tinha exaltado muito.</b>
2 Sm 5.13-25 - Davi tomou mais mulheres e teve mais filhos. Os filisteus vieram contra ele, mas Davi os venceu duas vezes consultando o seu Deus	1 Cr 14.3-16 - Davi tomou mais mulheres e teve mais filhos. Os filisteus vieram contra ele, mas Davi os venceu duas vezes consultando o seu Deus
	<sup>17</sup> <b>Assim se espalhou o renome de Davi por todas aquelas terras; pois o SENHOR o fez temível a todas aquelas gentes.</b>
	<b>1 Cr 15.1-24 - Davi traz a arca para Jerusalém. Após o fracasso (1 Cr 13.5-14), reconhece que só os levitas poderiam transportá-la (15.2,12-13). Preparou um lugar para ela, reuniu todo o Israel (uma indicação da unificação do reino), reuniu especialmente os sacerdotes e levitas, descrevendo cada clã desta tribo para deixar registrado tudo como era antes para ser também depois do exílio. Todos cumpriram rigorosamente os ritos exigidos na Lei. Menciona que Davi organizou os levitas em músicos instrumentistas e cantores.</b>

2 Samuel 6	1 Crônicas 15
<p><sup>12</sup>Então, avisaram a Davi, dizendo: <i>O SENHOR abençoou a casa de Obede-Edom e tudo quanto tem, por amor da arca de Deus</i>; foi, pois, Davi e, com alegria, fez subir a arca de Deus da casa de Obede-Edom, à Cidade de Davi.</p> <p><sup>13</sup>Sucedeu que, quando os que levavam a arca do SENHOR tinham dado seis passos, sacrificava ele bois e carneiros cevados.</p> <p><sup>14</sup> Davi dançava com todas as suas forças diante do SENHOR;</p> <p>e estava cingido de uma estola sacerdotal de linho. <sup>15</sup> Assim, Davi, com todo o Israel, fez subir a arca do SENHOR, com júbilo e ao som de trombetas.</p> <p><sup>16</sup> Ao entrar a arca do SENHOR na Cidade de Davi, Mical, filha de Saul, estava olhando pela janela e, vendo ao rei Davi, que ia saltando e dançando diante do SENHOR, o desprezou no seu coração.</p>	<p><b>1 Cr 15</b> <sup>25</sup>Foram Davi, e os anciãos de Israel, e os capitães de milhares, para fazerem subir, com alegria, a arca da Aliança do SENHOR, da casa de Obede-Edom. <sup>26</sup>Tendo Deus ajudado os levitas que levavam a arca da Aliança do SENHOR, ofereceram em sacrifício sete novilhos e sete carneiros.<sup>27</sup> Davi ia vestido de um manto de linho fino, como também todos os levitas que levavam a arca, e os cantores, e Quenianas, chefe dos que levavam a arca e dos cantores; Davi vestia também uma estola sacerdotal de linho. <sup>28</sup> Assim, todo o Israel fez subir com júbilo a arca da Aliança do SENHOR, ao som de clarins, de trombetas e de címbalos, fazendo ressoar alaúdes e harpas.</p> <p><sup>29</sup> Ao entrar a arca da Aliança do SENHOR na Cidade de Davi, Mical, filha de Saul, estava olhando pela janela e, vendo ao rei Davi dançando e folgando, o desprezou no seu coração.</p>
<p><sup>17</sup> Introduziram a arca do SENHOR e puseram-na no seu lugar, na tenda que lhe armara Davi; e este trouxe holocaustos e ofertas pacíficas perante o SENHOR. <sup>18</sup> Tendo Davi trazido holocaustos e ofertas pacíficas, abençoou o povo em nome do SENHOR dos Exércitos. <sup>19</sup> E repartiu a todo o povo e a toda a multidão de Israel, tanto homens como mulheres, a cada um, um bolo de pão, um bom pedaço de carne e passas.</p>	<p><b>1 Crônicas 16</b></p> <p><sup>1</sup> Introduziram, pois, a arca de Deus e a puseram no meio da tenda que lhe armara Davi; e trouxeram holocaustos e ofertas pacíficas perante Deus. <sup>2</sup> Tendo Davi acabado de trazer os holocaustos e ofertas pacíficas, abençoou o povo em nome do SENHOR. <sup>3</sup> E repartiu a todos em Israel, tanto os homens como as mulheres, a cada um, um bolo de pão, um bom pedaço de carne e passas.</p>
<p>Então, se retirou todo o povo, cada um para sua casa. <sup>20</sup> Voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, filha de Saul, saiu a encontrar-se com ele e lhe disse: <i>Que bela figura fez o rei de Israel, descobrindo-se, hoje, aos olhos das servas de seus servos, como, sem pejo, se descobre um vadio qualquer!</i><sup>21</sup> Disse, porém, Davi a Mical: <i>Perante o SENHOR, que me escolheu a mim antes do que a teu pai e a toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo do SENHOR, sobre Israel, perante o SENHOR me tenho alegrado.</i> <sup>22</sup> <i>Ainda mais desprezível me farei e me humilharei aos meus olhos; quanto às servas, de quem falaste, delas serei honrado.</i><sup>23</sup>Mical, filha de Saul, não teve filhos, até ao dia da sua morte.</p>	<p><b>16.4-42-</b> designação dos levitas e sacerdotes que ministrariam diante da arca e os músicos.</p> <p>Hino de gratidão e louvor a Deus com a concordância de todo o povo.</p> <p>Os sacrifícios eram feitos de acordo com a Lei de Moisés.</p> <p><sup>43</sup> Então, se retirou todo o povo, cada um para sua casa; e tornou Davi, para abençoar a sua casa.</p>



Neste trecho constatou-se a presença de inserções, omissões e alteração de ordem no enredo. Uma vez que, uma narrativa simples de Samuel foi transformada em avaliação em Crônicas, resultando no fortalecimento do argumento em prol de Davi no trono. Houve acréscimos de interpretação e avaliação. Uma avaliação acrescentada foi em favor da exclusividade dos levitas no transporte da arca e depois uma narração em sumário sobre os levitas que levavam a arca e os levitas cantores. O episódio de Mical foi omitido, retirando o foco exclusivo de Davi e mantendo o foco nos levitas e em como um rei aprovado por Deus lhes foi favorável. O narrador também fez acréscimo de avaliação, narração, dados, relatório e salmo a fim de enfatizar o trabalho dos levitas.

#### 4.2.4 Davi Intenta Construir o Templo (2 Sm 7.1-29; 1 Cr 17.1-27)

Davi já estava morando em sua casa que construiria quando teve a ideia de construir casa para Deus e recebe o apoio do profeta Natã. Porém, Deus fala ao profeta que isso não aconteceria pelas mãos de Davi num grande discurso direto (2 Sm 7.5-16; 1 Cr 17.4-14). Nesse discurso Deus lembra que tudo o que Davi já havia conseguido foi pela iniciativa divina, faz um jogo com a palavra “casa” dizendo que ele é quem faria casa para Davi, no sentido de dinastia, e que seu filho é quem construiria casa para Deus. Então, Davi, num longo discurso direto (2 Sm 7.18-29; 1 Cr 17.16b-27) se submete fazendo uma oração em que reconhece sua pequenez e a grandeza de Deus demonstradas em suas obras e pede a bênção divina sobre sua casa.

Neste trecho não há muitas mudanças significativas em Crônicas em relação a Samuel, senão duas omissões relacionadas a outras mudanças no livro como um todo. A primeira está na voz do narrador ao dizer “tendo-lhe o SENHOR dado descanso de todos os seus inimigos em redor” (2 Sm 7.2b) omitido em Crônicas, livro no qual as guerras de Davi não recebem ênfase. A segunda está no discurso de Deus. Ao fazer promessas a respeito do filho de Davi Deus coloca uma condição: se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens (2 Sm 7.14b), omitida em Crônicas, livro em que os pecados de Salomão são todos omitidos.

Nota-se que não há nesta narrativa uma intromissão maior do narrador em Crônicas do que em Samuel, mas há interferências em sua voz pelas omissões. Neste caso, a influência do narrador em sua própria voz ou na voz de um personagem só poderá ser percebida na comparação entre as narrativas paralelas.

#### 4.2.5 Vitórias de Davi contra seus Inimigos (2 Sm 8.1-18; 10.1-11.1; 12.26-31; 21.18-22; 1 Cr 18:1-20:8)

Três capítulos em Crônicas são destinados a apresentar Davi subjugando seus inimigos (1 Cr 18-20). A expressão “depois disto” (1 Cr 18.1; 19.1; 20.4) inicia cada divisão da seção. A primeira relata as vitórias de Davi sobre os vizinhos de Israel, inimigos que por muito tempo causavam problemas: filisteus, moabitas, rei Hadadezer, siros e edomitas (1 Cr 18:1-17; 2 Sm 8.1-18). Esta parte não conta com modificações relevantes na voz do narrador que o possa distinguir como mais intruso do que o narrador de Samuel.

Em seguida vem a guerra contra os amonitas e arameus (1 Cr 19:1-20:3; 2 Sm 10.1-11.1; 12.26-31). Davi resolveu fazer o bem a Hanum, o filho do rei Naás, de Amom, mandando mensageiros para consolá-los pela morte de seu pai. A razão deste ato era a retribuição da bondade de Naás para com Davi. Porém, Hanum desconfiou que tal ato era um pretexto para espionagem e humilhou os mensageiros, provocando uma batalha. Os siros ajudaram os amonitas, mas isso não foi suficiente para conter o exército de Israel que venceu a ambos. Um ano mais tarde o exército de Israel destruiu a terra de Amom, Davi tomou a coroa do seu rei, grandes despojos da cidade e escravizou os amonitas. A omissão do pecado de Davi com Bate-Seba (2 Sm 11.2-12.25) e o estupro incestuoso dentro da família de Davi (2 Sm 13.1-21.17) foram omitidos em Crônicas, conforme já tratado no capítulo 2. A variação de texto que há em 1 Crônicas 19.5-7 em relação a 2 Samuel 10.6b (destaca-se na figura abaixo a maior delas como exemplo) em nada altera a participação do narrador, nem acontece por razões ideológicas, uma vez que há variações que decorrem de um manuscrito diferente de Samuel, conforme pode-se apontar a partir de fragmentos dos rolos do Mar Morto (MCKENZIE, 2004, posição 2424-2425).

2 Samuel 10	1 Crônicas 19
<p><sup>6</sup> Vendo, pois, os filhos de Amom que se haviam tornado odiosos a Davi, <b>mandaram mensageiros tomar a soldo vinte mil homens de pé dos siros de Bete-Reobe e dos siros de Zobá, mil homens do rei de Maaca e doze mil de Tobe.</b></p>	<p><sup>6</sup> Vendo, pois, os filhos de Amom que se haviam tornado odiosos a Davi, <b>então, Hanum e os filhos de Amom tomaram mil talentos de prata, para alugarem para si carros e cavaleiros da Mesopotâmia, e dos siros de Maaca, e de Zoba.</b> <sup>7</sup> <b>Alugaram para si trinta e dois mil carros, o rei de Maaca e a sua gente, e eles vieram e se acamparam diante de Medeba; também os filhos de Amom se ajuntaram das suas cidades e vieram para a guerra.</b></p>

Finalmente, a terceira parte trata da vitória de Davi contra os Filisteus (1 Cr 20:4-8; 2 Sm 21.18-22). Neste trecho o narrador de Crônicas apenas acrescenta que “os filisteus foram subjugados” (1 Cr 20.4b) e corrige uma informação existente em Samuel, de que seria o irmão de Golias (1 Cr 20.5) e não o próprio Golias ferido por Elanã nesta ocasião, porque Golias já havia morrido, conforme 1 Samuel 17.41-58. O lapso encontrado no livro de Samuel pode também ter sido uma ocorrência de falha na cópia ou corrupção dos manuscritos que tornaram-se a base do cânon judaico-cristão, um problema de transmissão textual (PRATT JR., 2008, p. 226).

#### 4.2.6 O Censo de Davi (2 Sm 24.1-25; 1 Cr 21:1-22.1)

A única passagem em Crônicas que retrata algo da vida de Davi considerado negativo é 1 Crônicas 21.1-22.1. O erro de Davi foi promover um recenseamento em Israel. Censo em si não era algo considerado errado nas Escrituras judaicas. Por isso, diversas explicações surgiram para a consideração dele como pecado. De qualquer forma, o presente texto não oferece essa explicação, mas demonstra que apesar de ser considerado um pecado tem grande importância para o enredo (MCKENZIE, 2004, posição 2537-2542).

A história gira em torno de um censo que Davi ordenou a Joabe que levantasse em Israel. Joabe tentou convencer a Davi de que isso não era bom, mas não teve sucesso. Então ele saiu para fazer o que o rei havia mandado. Quando Joabe retornou com o resultado, Davi se arrependeu e confessou seu pecado a Deus pedindo perdão. Através do profeta Gade, Deus oferece a Davi três possibilidades de castigo para que escolha uma: três anos de fome, três meses sofrendo perseguição por parte dos seus adversários ou três dias de peste na terra. Ele escolheu a última opção porque entendeu que Deus seria mais misericordioso do que seus inimigos. Depois da morte de setenta mil homens Deus resolveu parar a destruição. Então Davi viu o anjo que feria o povo e disse a Deus que o pecado era dele e não do povo para que este sofresse. O anjo de Deus o orienta a oferecer um sacrifício na eira de Ornã, chamado de Araúna em Samuel. Davi foi comprar a eira. Ornã queria oferecê-la ao rei sem receber pagamento, mas Davi não aceitou a oferta e pagou pelo campo e ali ofereceu o sacrifício e a ameaça cessou. Este é o enredo, aquilo que é comum às duas obras. Mas há algumas diferenças dentro desse enredo que devem ser destacadas para os propósitos da pesquisa.

A primeira dessas diferenças encontra-se logo no início da narrativa, quando é mencionada a causa da atitude de Davi. Em Samuel Davi foi incitado pela ira do Senhor; em

Crônicas quem o fez foi Satanás, uma figura sempre de oposição a Deus na Escritura judaico-cristã.

2 Samuel 24	1 Crônicas 21
<p><sup>1</sup> Tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas, e ele incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá.</p>	<p><sup>1</sup> Então, Satanás se levantou contra Israel e incitou a Davi a levantar o censo de Israel.</p>

Conforme Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, a substituição deve-se ao fato do cronista julgar inadequada à sua teologia dizer que Deus instigou Davi a ordenar o recenseamento (2009, p. 34-35). Dependendo da teologia que se segue hoje a explicação a tal variação no discurso será esclarecida de formas diferentes. Em geral os exegetas têm concordado no ponto em que a figura de *Satan* serve ao propósito de separar de Deus a essência do mal (JAPHET, 2009, p. 114-115). Pela explicação teológica, a alteração de personagem visa explicar que Deus incitou Davi pela instrumentalidade de *Satan* (PRATT JR, 2009, p. 227). Uma explicação menos aceita é que “Satan” não seja nome próprio, mas que tenha sido usado num sentido genérico (JAPHET, 2009, p. 115), ou seja, no sentido de inimigo, que poderia ser um homem que teria influenciado Davi a tomar essa atitude. Analisando a passagem literariamente é pela alteração de personagem que se preserva a ideologia da santidade de Deus, independentemente de como se explique a sua identidade.

Marguerat e Bourquin afirmam que neste episódio o “autor retoma uma tradição que lhe é transmitida e, conservando a história contada sensivelmente idêntica, reescreve o texto introduzindo-lhe sua própria interpretação mediante uma composição narrativa original” (2009, p. 35-36). Além da estratégia da alteração de personagem, há uma questão do enredo envolvendo o versículo primeiro. Conforme o texto de Samuel, não fica bem explicado o motivo da ira de Deus contra Israel. Como a ira “torna a acender-se” é possível que a referência seja à última vez em que a ira divina é demonstrada sobre Israel, ou seja, o capítulo 21, quando houve fome por causa de um pecado antigo de Saul. Este episódio não poderia ser identificado em Crônicas, uma vez que havia sido omitido. Em vez de “tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas”, o narrador entende ser mais apropriado “Satanás se levantou contra Israel”. Portanto, há duas razões literárias para a adaptação da narrativa: o personagem que porta uma ideologia/teologia e a adaptação do enredo.

Todo o texto de 2 Samuel 24.4-8 encontra-se resumido em Crônicas na expressão “e percorreu todo o Israel” (1 Cr 21.4). Os versículos omitidos não apresentam nada além de um sumário do narrador. Não há avaliações, nem discursos diretos. O narrador em Crônicas

apenas considera irrelevante aos seus propósitos e vai rapidamente ao relatório. Esse relatório apresenta variações de número em relação ao livro de Samuel, mas eles não alteram o enredo nem a relevância dos acontecimentos. Alteração relevante para a presente pesquisa encontra-se no que vem a seguir.

2 Samuel 24	1 Crônicas 21
(...) e em Judá eram quinhentos mil.  <sup>10</sup> <b>Sentiu Davi bater-lhe o coração, depois de haver recenseado o povo,</b>  e disse ao SENHOR: (...)	(...) e em Judá eram quatrocentos e setenta mil homens que puxavam da espada.  <sup>6</sup> <b>Porém os de Levi e Benjamim não foram contados entre eles, porque a ordem do rei foi abominável a Joabe.</b> <sup>7</sup> <b>Tudo isto desagradou a Deus, pelo que feriu a Israel.</b>  <sup>8</sup> Então, disse Davi a Deus: (...)

2 Samuel 24.10 é modificado em 1 Crônicas 21.6-7. Em Samuel o narrador focaliza Davi internamente descrevendo seu sentimento após realizar o censo. Em Crônicas o narrador focaliza internamente Joabe, o enviado de Davi para realizar o censo, e Deus. Ao focalizar Joabe o narrador conta que duas tribos não foram recenseadas pelo fato de Joabe considerar a ordem do rei abominável. Ao focalizar Deus, o narrador avalia que este feriu o povo de Israel por ter se desagradado com a realização do censo. Nota-se, portanto, que em Crônicas o narrador marca sua presença de forma muito mais perceptível ao explicar os acontecimentos. Há uma intrusão maior em Crônicas por oferecer explicações.

No momento em que Davi vê o anjo ocorre nova inserção em Crônicas:

2 Samuel 24	1 Crônicas 21
. <sup>17</sup> Vendo Davi ao Anjo que feria o povo, falou ao SENHOR  e disse: (...)	<sup>16</sup> Levantando Davi os olhos, viu o Anjo do SENHOR, <b>que estava entre a terra e o céu, com a espada desembainhada na mão estendida contra Jerusalém; então, Davi e os anciãos, cobertos de panos de saco, se prostraram com o rosto em terra.</b> <sup>17</sup> Disse Davi a Deus: (...)

Neste ponto da narrativa não há uma avaliação feita pelo narrador. O que há é um acréscimo que prepara a narrativa do livro de Crônicas para prosseguir a partir de onde o livro de Samuel para. Até aqui a espada era arma só de homens, mas a partir daqui uma espada também se encontra na mão do anjo que feria o povo com peste. A referência a tal espada aparecera no versículo 12 quando o profeta traz a Davi a palavra de Deus para que escolhesse o seu castigo. Naquela parte há uma inserção na fala do profeta contendo a espada com a qual se descreve o anjo ferindo as pessoas com a praga, conforme figura abaixo:

2 Samuel	1 Crônicas
<p><sup>13</sup> Veio, pois, Gade a Davi e lho fez saber, dizendo: Queres que sete anos de fome te venham à tua terra? Ou que, por três meses, fujas diante de teus inimigos, e eles te persigam? Ou que, por três dias, haja peste na tua terra?</p> <p>Delibera, agora, e vê que resposta hei de dar ao que me enviou.</p>	<p><sup>11</sup> Veio, pois, Gade a Davi e lhe disse: Assim diz o SENHOR: Escolhe o que queres: <sup>12</sup> ou três anos de fome, ou que por três meses sejas consumido diante dos teus adversários, e a espada de teus inimigos te alcance, ou que por três dias <b>a espada do SENHOR</b>, isto é, a peste na terra, <b>e o Anjo do SENHOR causem destruição em todos os territórios de Israel</b>; vê, pois, agora, que resposta hei de dar ao que me enviou.</p>

Em Crônicas o narrador deixa muito mais claro do que em Samuel que a peste é um castigo exercido diretamente por Deus e não por agentes humanos. São duas expressões que contribuem para isso: “a espada do Senhor” e “o anjo causando destruição” (KLEIN, 2006, 21:12§2). A figura do anjo do Senhor com uma espada em 1 Crônicas 21.16 também fornece subsídio para a conclusão exclusiva do cronista que ocorre em 1 Crônicas 21.28-22.1, de que Davi ofereceu sacrifício naquela eira porque tinha medo de ir até onde estava o santuário em Gibeão por causa da espada do anjo. Por isso, conclui que tendo Deus respondido a ele ali, naquele mesmo local ofereceu um sacrifício e decidiu que seria o local do futuro templo. Isto responde por diversos acréscimos no meio do enredo (1 Cr 21.12,16,26b-27).

As descrições adicionadas em Crônicas são muito vívidas e provocam muito mais a sensibilidade do leitor. Elas têm um apelo emocional na formulação do discurso: 1) a explicação em discurso direto na boca do profeta, de que a peste é a espada de Deus com a qual o anjo causará destruição (1 Cr 21.12); 2) o ponto de vista de Davi vendo a figura do anjo sobre Jerusalém com uma espada na mão estendida contra a cidade, e o foco sobre ele que com os anciãos estava coberto de pano de saco e prostrado com rosto em terra (1 Cr 21.16); 3) o foco sobre Ornã abandonando o processo de debulhar o trigo para esconder-se com seus filhos ao ver o anjo (1 Cr 21.20)<sup>32</sup>; 4) a alteração de um simples “dizer” em 2 Samuel 24.25 para um “mostrar” em 1 Crônicas 21.26-27, conforme figura abaixo:

<sup>32</sup>Dentro desse terceiro ponto pode-se apontar para um recurso raro na obra cronista, que é a transformação de um discurso direto em um discurso indireto no versículo 18. Em vez de seguir a narrativa de Samuel, onde consta: “veio Gade ter com Davi e disse: *Sobe, levanta ao SENHOR um altar na eira de Araúna, o jebuseu*”, o narrador afirma: “o Anjo do SENHOR disse a Gade que mandasse Davi subir para levantar um altar ao SENHOR, na eira de Ornã, o jebuseu”. Robert Alter aponta que “de modo geral, os escritores bíblicos preferem evitar o discurso indireto” (2007, p. 107). Em 1 Crônicas 21.18 o narrador caminha em direção oposta à tendência do estilo bíblico, levando-se obrigatoriamente ao questionamento da importância deste recurso em seu enredo. Comparando-se sua narração com a de Reis, nota-se que o narrador tira o evento narrativo transformando-o em algo menos vívido e chamando muito mais a atenção para Ornã que se escondia com seus filhos da figura temível do anjo.

2 Samuel	1 Crônicas
<p><sup>25</sup> Edificou ali Davi ao SENHOR um altar e apresentou holocaustos e ofertas pacíficas.  <b>Assim, o SENHOR se tornou favorável para com a terra, e a praga cessou de sobre Israel.</b></p>	<p><sup>26</sup> Edificou ali um altar ao SENHOR, ofereceu nele holocaustos e sacrifícios pacíficos e <b>invocou o SENHOR, o qual lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar do holocausto.</b>  <sup>27</sup> <b>O SENHOR deu ordem ao Anjo, e ele meteu a sua espada na bainha.</b></p>

Os primeiros versos desse acréscimo revelam que a última narrativa trazida de Samuel serviria para o propósito de explicar o motivo pelo qual o templo deveria ser construído naquele local, conforme transcrito a seguir:

<sup>28</sup> Vendo Davi, naquele mesmo tempo, que o SENHOR lhe respondera na eira de Ornã, o jebuseu, sacrificou ali. <sup>29</sup> Porque o tabernáculo do SENHOR, que Moisés fizera no deserto, e o altar do holocausto estavam, naquele tempo, no alto de Gibeão. <sup>30</sup> Davi não podia ir até lá para consultar a Deus, porque estava atemorizado por causa da espada do Anjo do SENHOR. <sup>1</sup> Disse Davi: Aqui, se levantará a Casa do SENHOR Deus e o altar do holocausto para Israel. (1 Cr 21.28-22.1)

Nota-se que a conclusão explicativa encontra-se em discurso direto do rei Davi. Assim, o narrador deixa o leitor contemplar o evento narrativo naquilo em que seu ponto de vista ideológico está mais interessado.

Provocando assim a sensibilidade do leitor, o narrador traz um apelo emocional ao leitor para convencê-lo da importância do templo estar construído naquele local e a identidade daquele povo centralizada no templo. Davi é um herói no grande enredo de Samuel, e ainda mais no livro de Crônicas, onde não são narrados os seus erros. Nesta única passagem de Crônicas onde aparece um erro de Davi, a partir dele o narrador consegue converter seu erro em algo de valor, que é a escolha do local do templo, e isto com um colorido vivo de temor arrependimento e demonstração da piedade de Davi. E a esta estratégia soma-se a palavra do narrador explicando que Davi sacrificou ali em vez de no altar: “porque o tabernáculo [...] e o altar do holocausto estavam [...] no alto de Gibeão” (2 Cr 21.29) e “porque estava atemorizado [...]” (2 Cr 21.30). Conforme Sara Japhet, esses versos têm função apologética (2009, p. 111).

Samuel produz essa narrativa com a finalidade de ensinar sobre a piedade do rei Davi, mesmo sendo este passível de cometer erros, dos quais vários são mencionados no livro. Crônicas, por sua vez, tem em suas inserções a produção de outra mensagem, ou seja, de que aquela eira seria o local do futuro templo, enquanto que a piedade do rei é um instrumento para a legitimidade disto. As inserções que o narrador de Crônicas faz na narrativa vinda do livro de Samuel servem aos propósitos de ligar a última narrativa de Samuel com aquelas

narrativas que insere nos capítulos 21 a 29 de 1 Crônicas. Nenhum outro erro de Davi é narrado em Crônicas. Apenas este em que Davi confia mais nos números do que em Deus e que dá suporte para o Cronista discursar sobre o local do templo através de seu narrador intruso.

A partir desta última narrativa paralela a Samuel, constatou-se alteração de personagem com propósito de estabelecer um comentário teológico do livro de Samuel. Juntamente com esta alteração o narrador adaptou o enredo ajustando-o ao seu, que omite a narrativa à qual há uma referência em 2 Samuel 24.1. Houve alteração de focalização para julgar a atitude de Davi pelo prisma de Deus, o qual é o inquestionável portador de sua ideologia. O acréscimo da espada do anjo trouxe vivacidade ao enredo e colocou a ação de Deus sobre a instrumentalidade de um anjo, o mesmo que ficou subentendido na figura de Satanás no início. O acréscimo final trouxe explicação sobre a localização do templo com monólogos de Davi, procurando legitimar o templo como identidade israelita no período pós-exílico. Embora não seja comum o narrador apresentar falhas no rei Davi, esta mostrou-se a ele muito útil a este propósito. Assim, ele converte a falha do rei em virtude se utilizando de explicações e, pela reputação de Davi, legitima o templo.

As inserções e alterações encontradas em 1 Crônicas 21.1-22.1 contribuem para que a mesma narrativa de Samuel seja agora também utilizada para o discurso cronista em favor de uma identidade judaica centralizada no templo.

#### 4.3 NARRATIVAS DO REINADO DE SALOMÃO (1 Rs 3.1-11.43; 2 Cr 1.1-9.31)

##### 4.3.1 – Introdução ao Reinado de Salomão (1 Rs 3.1-4.34; 10.26-29; 2 Cr 1.1-17)

O reinado de Salomão é aquele que recebe maior atenção no segundo livro de Crônicas, compreendendo nove capítulos. O narrador de Crônicas não contempla os três primeiros capítulos de Reis a respeito dos últimos anos do rei Davi e começa sua narração a partir do início do reinado de Salomão. Conforme demonstrado na figura abaixo, o primeiro versículo é formulado de modo a ligar o grande acréscimo que o narrador fez no final de Crônicas com o início do reinado de Salomão; a transição de Davi para Salomão e a continuidade entre os relatos de seus reinados (MCKENZIE, 2004, posição 3358-3365).



1 Crônicas	2 Crônicas 1.1
	Salomão, filho de Davi, <u>fortaleceu-se</u> no seu reino,
<b>28.20b</b> - <i>porque o SENHOR Deus, meu Deus, há de ser contigo; não te deixará, nem te desampará, até que acabes todas as obras para o serviço da Casa do SENHOR.</i>	e o SENHOR, seu <u>Deus, era com ele</u>
<b>29.25a</b> - O SENHOR <u>engrandeceu</u> <u>sobremaneira</u> a Salomão	e o <u>engrandeceu</u> <u>sobremaneira</u> .

Da parte introdutória o narrador aproveita de Reis apenas a estrutura. Ele omite o parentesco de Salomão adquirido com Faraó por casamento e o comentário resumido de que Salomão amava a seu Deus e seguia os preceitos. Em lugar disto, o narrador cronista comenta resumidamente que Salomão foi se fortalecendo, que Deus era com ele. Em ambos os livros os comentários são autorais, porém a alteração oferece subsídios para seguir a narrativa de forma diferente. As duas narrativas se encontram justamente numa explicação da história. Em Reis, Salomão foi a Gibeão sacrificar por ser aquele altar o maior (1 Rs 3.4). Em Crônicas, por estar ali a tenda da congregação que havia sido feita por Moisés (2 Cr 1.3). O narrador de Crônicas omite a informação de haver outros altares em Israel e que Salomão também sacrificava neles (1 Rs 3.3).

1 Reis 3	2 Crônicas 1
<sup>3</sup> Salomão amava ao SENHOR, andando nos preceitos de Davi, seu pai; porém sacrificava ainda nos altos e queimava incenso	<sup>1</sup> Salomão, filho de Davi, fortaleceu-se no seu reino, e o SENHOR, seu Deus, era com ele e o engrandeceu sobremaneira*. <sup>2</sup> Falou Salomão a todo o Israel, aos capitães de mil e aos de cem, aos juizes e a todos os príncipes em todo o Israel, cabeças de famílias; <sup>3</sup> e foi com toda a congregação ao alto que estava em Gibeão, <b>porque ali estava a tenda da congregação de Deus, que Moisés, servo do SENHOR, tinha feito no deserto.</b> <sup>4</sup> Mas Davi fizera subir a arca de Deus de Quiriate-Jearim ao lugar que lhe havia preparado, <b>porque lhe armara uma tenda em Jerusalém.</b> <sup>5</sup> Também o altar de bronze que fizera Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, estava ali diante do tabernáculo do SENHOR; e Salomão e a congregação consultaram o SENHOR. <sup>6</sup> Salomão ofereceu ali sacrifícios perante o SENHOR, sobre o altar de bronze que estava na tenda da congregação; e ofereceu sobre ele mil holocaustos.
<sup>4</sup> Foi o rei a Gibeão para lá sacrificar, <b>porque era o alto maior;</b>	
ofereceu mil holocaustos Salomão naquele altar.	

Os relatos de Reis e Crônicas se combinam ao narrar que Salomão foi até Gibeão sacrificar e ali ofereceu mil holocaustos. Depois disto, Deus apareceu a Salomão e lhe

ofereceu a possibilidade de pedir o que quisesse. Seu pedido foi sabedoria para conduzir um povo numeroso. Então, Salomão voltou a Jerusalém. Tudo o mais é construído ao redor deste relato. Uma diferença entre os relatos é que em Reis Deus aparece a Salomão em sonhos, enquanto que em Crônicas, ao omitir esta informação, transforma o tempo psicológico em cronológico. Comentários no discurso direto de Salomão (1 Rs 3.6) e na voz do narrador (1 Rs 3.10) são omitidos em Crônicas. Além destas, outra omissão se ressalta, aquela condicional de que Salomão teria seus dias prolongados se fosse obediente como seu pai Davi (1 Rs 3.14). Omissão de condicional como esta já ocorrera no estabelecimento da aliança divina com Davi (2 Sm 7.14b). De todo o capítulo 4 de 1 Reis, o narrador utiliza apenas “reinou sobre Israel”, terminando, assim, a sua narrativa em Crônicas.

1 Reis 3	2 Crônicas 1
<p><sup>5</sup> Em Gibeão, apareceu o SENHOR a Salomão, de noite, em sonhos. Disse-lhe Deus: <i>Pede-me o que queres que eu te dê.</i> <sup>6</sup> Respondeu Salomão: <i>De grande benevolência usaste para com teu servo Davi, meu pai, <b>porque ele andou contigo em fidelidade, e em justiça, e em retidão de coração, perante a tua face; mantiveste-lhe esta grande benevolência e lhe deste um filho que se assentasse no seu trono, como hoje se vê.</b></i></p> <p><sup>7</sup> <i>Agora, pois, ó SENHOR, meu Deus, tu fizeste reinar teu servo em lugar de Davi, meu pai; não passo de uma criança, não sei como conduzir-me.</i> <sup>8</sup> <i>Teu servo está no meio do teu povo que elegeste, povo grande, tão numeroso, que se não pode contar.</i></p> <p><sup>9</sup> <i>Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois quem poderia julgar a este grande povo?</i></p> <p><sup>10</sup> <b>Estas palavras agradaram ao Senhor, por haver Salomão pedido tal coisa.</b></p> <p><sup>11</sup> <i>Disse-lhe Deus: Já que pediste esta coisa e não pediste longevidade, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos; mas pediste entendimento, para discernires o que é justo;</i></p> <p><sup>12</sup> <i>eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá.</i> <sup>13</sup> <i>Também até o que me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias.</i> <sup>14</sup> <b>Se andares nos meus caminhos e guardares os meus estatutos e os meus mandamentos, como andou Davi, teu pai, prolongarei os teus dias.</b></p> <p><sup>15</sup> Despertou Salomão; e eis que era sonho. Veio a Jerusalém, pôs-se perante a arca da Aliança do SENHOR, ofereceu holocaustos,</p>	<p><sup>7</sup> Naquela mesma noite, apareceu Deus a Salomão e lhe disse: <i>Pede-me o que queres que eu te dê.</i> <sup>8</sup> Respondeu-lhe Salomão: <i>De grande benevolência usaste para com Davi, meu pai,</i></p> <p><i>e a mim me fizeste reinar em seu lugar.</i></p> <p><sup>9</sup> <i>Agora, pois, ó SENHOR Deus, cumpra-se a tua promessa feita a Davi, meu pai; porque tu me constituíste rei sobre um povo numeroso como o pó da terra.</i></p> <p><sup>10</sup> <i>Dá-me, pois, agora, sabedoria e conhecimento, para que eu saiba conduzir-me à testa deste povo; pois quem poderia julgar a este grande povo?</i></p> <p><sup>11</sup> <i>Disse Deus a Salomão: Porquanto foi este o desejo do teu coração, e não pediste riquezas, bens ou honras, nem a morte dos que te aborrecem, nem tampouco pediste longevidade, mas sabedoria e conhecimento, para poderes julgar a meu povo, sobre o qual te constituí rei, <sup>12</sup> sabedoria e conhecimento são dados a ti, e te darei riquezas, bens e honras, quais não teve nenhum rei antes de ti, e depois de ti não haverá teu igual.</i></p> <p><sup>13</sup> Voltou Salomão para Jerusalém, da sua ida ao alto que está em Gibeão, de diante da tenda da</p>

apresentou ofertas pacíficas e deu um banquete a todos os seus oficiais.	congregação;
<b>1 Reis 4</b>	
<sup>1</sup> O rei Salomão reinou sobre todo o Israel.	e reinou sobre Israel.

Nota-se que na narrativa introdutória do reinado de Salomão o narrador de Crônicas se utiliza do evento narrativo de Reis mais do que dos seus sumários. Além disso, retira explicações tanto do evento narrativo quanto do sumário. Apenas uma vez acrescenta sua explicação em texto inserido por ele próprio no enredo: “porque lhe armara uma tenda em Jerusalém” (1 Cr 1.4b). Noutra vez, modifica a avaliação autoral de 1 Reis 3.4 (2 Cr 1.3b). Outras avaliações ele omite.

Klein observa, acerca do livro de Crônicas, que “tanto o cap. 1 quanto o cap. 9 lidam com a sabedoria e a riqueza de Salomão, e tanto a sabedoria de Salomão quanto suas riquezas em Crônicas são focadas principalmente na construção do templo” (2012, 1:1-17§3, tradução nossa). Não pode passar despercebido que 1 Reis 10.26-29 é trazido para 2 Crônicas 1.14-17, mas que paralelos deste texto são mantidos em 2 Crônicas 9.25-28 (1 Rs 10.26-28a). Este é um recurso utilizado para a elaboração de um quiasmo na narrativa de Salomão em Crônicas, cujo centro é a construção do templo:

- A a sabedoria e a riqueza de Salomão (1.1-17);
- B as relações internacionais (2.1-18);
- C as construções de Salomão: (3.1-5.1)
- D a consagração do templo (5.2-7.10)
- D’ a aceitação divina do templo (7.11-22).
- C’ as construções de Salomão: (8.1-16);
- B’ as relações internacionais (8.17-9.12);
- A’ a sabedoria e a riqueza de Salomão (9.13-31)

Também a riqueza de Salomão é retratada como evidência de sua piedade e fonte para a viabilização da construção do templo. Seis dos nove capítulos dedicados a Salomão são diretamente associados ao templo: preparativos (cap. 2), construção (cap. 3.1-5.1) e dedicação (5.2-7.22) (MCKENZIE, 2004, posição 3341-3347). O templo é o interesse principal do narrador. Para firmá-lo como discurso em sua narrativa ele omite o que pode parecer negativo em Salomão, acompanhando o narrador de Reis ao exaltá-lo em sabedoria e riquezas, as quais serão a base para a realização da obra.

#### 4.3.2 – Salomão e o apoio de Hirão (1 Rs 5.1-18; 2 Cr 2.1-18)

Quanto às relações internacionais de Salomão com Hirão, o rei de Tiro, há bastante omissão e acréscimo. Os textos basicamente relatam que Salomão pediu a Hirão material e mão de obra para edificação do templo e que, tendo sido atendido, designou os homens estrangeiros para trabalhos específicos.

Neste episódio pode-se considerar que há um evento narrativo porque, embora Salomão e Hirão não tenham se encontrado, Salomão manda mensagem a Hirão e este lhe responde por carta (1 Rs 5.3-9; 2 Cr 2.3-16). Diante dos muitos acréscimos e omissões, tanto nos sumários quanto no evento narrativo, o assunto é o mesmo em ambos os livros. O que se pode notar nos termos em que esta pesquisa se desenvolve é que em Crônicas é omitida uma explicação (1 Rs 53) e que há um momento em que há explicações que não ocorrem em Reis, como se pode perceber a partir da tabela abaixo.

1 Reis 5	2 Crônicas 2
<p><sup>2</sup> Então, Salomão enviou mensageiros a Hirão, dizendo: <sup>3</sup> Bem sabes que Davi, meu pai, não pôde edificar uma casa ao nome do SENHOR, seu Deus, <b>por causa das guerras com que o envolveram os seus inimigos</b>, até que o SENHOR lhes pôs debaixo dos pés. <sup>4</sup> Porém a mim o SENHOR, meu Deus, me tem dado descanso de todos os lados; não há nem inimigo, nem adversidade alguma. <sup>5</sup> Pelo que intento edificar uma casa ao nome do SENHOR, meu Deus, como falou o SENHOR a Davi, meu pai, dizendo: <i>Teu filho, que porei em teu lugar no teu trono, esse edificará uma casa ao meu nome.</i> [...]</p>	<p><sup>3</sup> Salomão mandou dizer a Hirão, rei de Tiro: Como procedeste para com Davi, meu pai, e lhe mandaste cedros, para edificar a casa em que morasse, assim também procede comigo.</p> <p><sup>4</sup> Eis que estou para edificar a casa ao nome do SENHOR, meu Deus, e lhe consagrar, <b>para queimar perante ele incenso aromático, e lhe apresentar o pão contínuo da proposição e os holocaustos da manhã e da tarde, nos sábados, nas Festas da Lua Nova e nas festividades do SENHOR, nosso Deus; o que é obrigação perpétua para Israel.</b> <sup>5</sup> A casa que edificarei há de ser grande, <b>porque o nosso Deus é maior do que todos os deuses.</b> [...]</p>

Nas palavras de Salomão, edificar casa a Deus seria “para queimar perante ele incenso aromático, e lhe apresentar o pão contínuo da proposição e os holocaustos da manhã e da tarde, nos sábados, nas Festas da Lua Nova e nas festividades do SENHOR, nosso Deus; o que é obrigação perpétua para Israel” (2 Cr 2.4); e ela deveria ser grande “porque o nosso Deus é maior do que todos os deuses”. Segundo William Johnstone, Salomão usa termos teológicos elevados dizendo que tanto o Templo quanto as ofertas nele apresentadas a Deus não passam de símbolos do dever dos homens para com Deus, já que nenhum governante

humano poderia acomodar um Deus transcendente, que nem mesmo os céus podem conter (1997a, p. 308).

Como já é possível perceber, o rei piedoso é portador do ponto de vista ideológico do narrador. Ao estabelecer para o leitor que Salomão foi aprovado e abençoado por Deus, deixar o propósito do templo e a grandeza do Deus de Israel para o evento narrativo na voz do rei Salomão coloca diante do leitor o efeito de sentido de que a ideologia é aquela que deve ser seguida. O fato da explicação fazer parte do evento narrativo oferece ao leitor certa participação pela dramaticidade e vivacidade.

#### 4.3.3 – A Construção do Templo (1 Rs 6.1-7.51; 2 Cr 3.1-5.1)

Daqui em diante, tanto em Reis quanto em Crônicas se relata aquilo que foi feito por Salomão: a construção e acabamento do Templo e os utensílios cerimoniais utilizados nele. Conforme aponta McKenzie, o interesse do cronista está mais com a decoração do que com a arquitetura, procurando aproximar sua descrição com o relato do livro de Êxodo a fim de produzir um discurso no sentido de que o Templo é a continuidade do tabernáculo, mas o supera (2004, posição 3493-3513). Para isso o narrador toma o cuidado de descrever a decoração do templo com maior grandiosidade do que o tabernáculo. Isto explica as diferenças entre os textos de 1 Reis 6.1-7.51 e 2 Crônicas 3.1-5.1.

Em todo este trecho há quase somente descrições. No entanto, em alguns momentos percebe-se a presença de explicações por parte do narrador de Crônicas. A primeira encontra-se logo no início, conforme tabela abaixo:

1 Reis 6	2 Crônicas 3
<p><sup>1</sup>No ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito, Salomão, no ano quarto do seu reinado sobre Israel, no mês de zive (este é o mês segundo), começou a edificar a Casa do SENHOR.</p>	<p><sup>1</sup> Começou Salomão a edificar a Casa do SENHOR em Jerusalém, no monte Moriá, <b>onde o SENHOR aparecera a Davi, seu pai, lugar que Davi tinha designado na eira de Ornã, o jebuseu.</b><sup>2</sup> Começou a edificar no segundo mês, no dia segundo, no ano quarto do seu reinado.</p>

Nota-se a preocupação do narrador em associar o local da construção do templo com o importante episódio de Davi na eira de Ornã, cujas estratégias narrativas para formulação de um novo discurso já foram apontadas nesta pesquisa (1 Cr 21.1-22.1). As narrativas que contêm discursos em favor da localização do templo agora se somam. O discurso gerado pelas estratégias utilizadas outrora recebem nesta explicação do narrador uma nova força. Agora a

experiência de Davi e sua reputação diante do leitor são evocadas para legitimar a atitude de Salomão bem como a localização do templo no período pós-exílico, quando Crônicas foi escrito, favorecendo e fortalecendo a formação de uma identidade judaica em torno do Templo de Jerusalém.

Dentre as partes de Reis omitidas está o pequeno e único evento narrativo de 1 Reis 6.1-7.51. Nele mais uma vez está a condicional geralmente omitida em Crônicas:

<sup>11</sup> Então, veio a palavra do SENHOR a Salomão, dizendo: <sup>12</sup>*Quanto a esta casa que tu edificas, se andares nos meus estatutos, e executares os meus juízos, e guardares todos os meus mandamentos, andando neles, cumprirei para contigo a minha palavra, a qual falei a Davi, teu pai.* <sup>13</sup>*E habitarei no meio dos filhos de Israel e não desampararei o meu povo.* (1 Rs 6.11-12)

1 Reis 7.1-14 trata da construção dos palácios de Salomão. Este provavelmente seja o motivo pelo qual é omitido em Crônicas, pois neste o narrador preocupa-se acima de tudo com o Templo e o que os reis fizeram em relação a ele.

Duas vezes o narrador acrescenta explicações acerca da utilidade de certos objetos sagrados. Acerca do mar de fundição e das pias (2 Cr 4.2-6a), descritas também em 2 Reis 7.23-27a, acrescenta que estas serviam “para lavarem nelas o que pertencia ao holocausto” e que aquele, “para que os sacerdotes se lavassem nele” (2 Cr 7.6b). A respeito das lâmpadas dos candeeiros o narrador acrescenta a 1 Reis 7.49: “para as acenderem, segundo o costume” (2 Cr 4.20).

Embora o narrador de Crônicas não esclarece a função de todos os objetos, o fato de explicá-los já demonstra que está mais explicitamente presente do que o narrador de Reis. Sua mediaticidade em Crônicas, portanto, se evidencia novamente mais forte em Crônicas do que em Reis.

#### 4.3.4 – A Inauguração do Templo (1 Rs 8.1-9.28; 2 Cr 5.2-8.17)

O enredo dos capítulos 5 a 8 relatam que Salomão congregou a todos para fazer subir a arca da aliança para o templo na festa do sétimo mês. O rei ofereceu muitos sacrifícios com toda a congregação de Israel e a arca foi colocada no local mais santo do templo. Quando terminou, os sacerdotes saíram do santuário e este se encheu de uma nuvem que impedia os sacerdotes de entrarem e ministrarem. O rei abençoou os israelitas e bendisse o nome de Deus por cumprir sua promessa e, diante do altar, orou com as mãos estendidas ao céu pedindo que Deus atendesse as orações que fossem feitas naquele local ou voltadas para ele. Depois

ofereceram mais sacrifícios consagrando aquela casa a Deus. Terminando as celebrações que duraram catorze dias, o rei despediu o povo. Então, Deus apareceu a Salomão e confirmou que atenderia as orações que fossem feitas ali e confirma o seu trono na condição de ser fiel à lei divina e anuncia o castigo do exílio e da destruição daquele templo no caso de idolatria. Ao fim de 20 anos, tendo terminado de construir o templo e seu palácio, Salomão edificou também diversas cidades e transformou em escravos os moradores da terra que não eram judeus, os quais deveriam ter sido exterminados desde a posse da terra. Também sua esposa, filha de Faraó, mudou-se para uma casa feita para ela. Por fim, Salomão recebeu de Hirão reforço de homens e navios, com os quais os servos de Salomão lhe trouxeram de Ofir muito ouro.

Sumários predominam no início e no fim do enredo, o qual possui longos discursos diretos no meio. Com exceção do último, que é de Deus, todos são falas de Salomão. A primeira quando Deus se manifestou pela presença da nuvem (1 Rs 8.12-13; 2 Cr 6.1-2), ao abençoar a congregação (1 Rs 8.15-21; 2 Cr 6.4-11); uma oração (1 Rs 8.23-53; 2 Cr 6.14-42); outra bênção à congregação (1 Rs 8.56-61); e a resposta de Deus a Salomão (1 Rs 9.3-9; 2 Cr 7.12-22).

Temas importantes se repetem em relação à narrativa do rei Davi, tais como o transporte da arca para Jerusalém (1 Cr 13 1-14; 15.25-16.36) e o seu transporte para o templo (2 Cr 5.2); a reunião de todo o Israel (1 Cr 12:38; 2 Cr 5.3); em Crônicas o enredo mostra que Davi precisou aprender que o transporte da arca deveria ser feito pelos levitas da maneira prescrita por Deus na lei. Ao descrever a ação de Salomão ele também destaca que foram os levitas os responsáveis pelo transporte, tanto da arca quanto de todos os utensílios (2 Cr 5:4-5).

Neste trecho tem-se algumas inserções e alterações importantes para a presente análise. A primeira delas consta de uma explicação (2 Cr 5.11b) e uma descrição do trabalho musical dos levitas (2 Cr 5.12-13a), conforme demonstrado na tabela abaixo.

1 Reis 8	2 Crônicas 5
<p><sup>10</sup> Tendo os sacerdotes saído do santuário,</p>	<p><sup>11</sup>Quando saíram os sacerdotes do santuário <b>(porque todos os sacerdotes, que estavam presentes, se santificaram, sem respeitarem os seus turnos)</b>;  <sup>12</sup>e quando todos os levitas que eram cantores, isto é, Asafe, Hemã, Jedutum e os filhos e irmãos deles, vestidos de linho fino, estavam de pé, para o oriente do altar, com címbalos, alaúdes e harpas, e com eles até cento e vinte sacerdotes, que tocavam as trombetas; <sup>13</sup> e</p>

uma nuvem encheu a Casa do SENHOR,	quando em uníssono, a um tempo, tocaram as trombetas e cantaram para se fazerem ouvir, para louvarem o SENHOR e render-lhe graças; e quando levantaram eles a voz com trombetas, címbalos e outros instrumentos músicos para louvarem o SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre, então, sucedeu que a casa, a saber, a Casa do SENHOR, se encheu de uma nuvem;
------------------------------------	---

Nota-se que o local onde o narrador de Crônicas insere o relato produz um discurso importante para sua ideologia/teologia. A explicação (2 Cr 5.11b) demonstra como os sacerdotes estavam empolgados. Quando o narrador explica que os sacerdotes se santificaram “sem respeitarem os seus turnos” está comentando que não havia interesse em descansar numa ocasião tão significativa. A descrição do trabalho musical dos levitas é feita logo a seguir, imediatamente antes do relato de que a casa se encheu de uma nuvem. A relevância disto é a intertextualidade, a presença da nuvem que remete ao livro de Êxodo (40.34.35), quando Deus se fez presente na inauguração do tabernáculo demonstrando sua aceitação (MCKENZIE, 2004, posição 3620-3629). Ao localizar assim sua informação adicional, o narrador incluiu junto ao término do templo tanto a empolgação dos sacerdotes quanto o trabalho dos levitas como responsáveis pela presença divina, procurando levar para o leitor o efeito de sentido de que tais coisas também deveriam ser valorizadas. Isto servia aos leitores pós-exílicos como um discurso em favor desses ministérios como unificadores legítimos da identidade israelita.

A segunda inserção está na introdução à oração do rei. Embora ela não traga um acréscimo ao discurso religioso, intensifica a presença do narrador com a explicação “porque Salomão tinha feito uma tribuna de bronze [...]” (2 Cr 6.13). Há também uma alteração. O narrador fornece ao leitor um final diferente da oração de Salomão, levando em consideração a experiência de seus leitores<sup>33</sup>. Conforme tabela abaixo, em Reis, a oração termina com referência ao livramento de um cativo, experiência própria dos leitores do início do exílio; em Crônicas, com o foco no templo e ao resultado daquele que lhes fez o bem, que foi a reconstrução do santuário (PRATT JR. 2008, p. 331). A menção dos sacerdotes também é digna de nota porque é geralmente característica do material cronista. Além disto, deve-se destacar que a condicional em outros lugares omitida é repetida em 2 Crônicas 6.16 (1 Rs 8.25): “Agora, pois, ó SENHOR, Deus de Israel, faz a teu servo Davi, meu pai, o que lhe declaraste, dizendo: *Não te faltará sucessor diante de mim, que se assente no trono de Israel,*

<sup>33</sup>2 Crônicas 6.41-42 são uma citação livre do Salmo 132.8-10.



*contanto que teus filhos guardem o seu caminho, para andarem na lei diante de mim, como tu andaste.”*

1 Reis 8	2 Crônicas 6	
<p><sup>50</sup>perdoa o teu povo, que houver pecado contra ti, todas as suas transgressões que houverem cometido contra ti; e move tu à compaixão os que os levaram cativos para que se compadeçam deles.<sup>51</sup> Porque é o teu povo e a tua herança, que tiraste da terra do Egito, do meio do forno de ferro;<sup>52</sup>para que teus olhos estejam abertos à súplica do teu servo e à súplica do teu povo de Israel, a fim de os ouvires em tudo quanto clamarem a ti.<sup>53</sup>Pois tu, ó SENHOR Deus, os separaste dentre todos os povos da terra para tua herança, como falaste por intermédio do teu servo Moisés, quando tiraste do Egito a nossos pais.</p>	<p>perdoa ao teu povo que houver pecado contra ti.</p> <p><sup>40</sup>Agora, pois, ó meu Deus, estejam os teus olhos abertos, e os teus ouvidos atentos à oração que se fizer deste lugar.<sup>41</sup>Levanta-te, pois, SENHOR Deus, e entra para o teu repouso, tu e a arca do teu poder; os teus sacerdotes, ó SENHOR Deus, se revistam de salvação, e os teus santos se alegrem do bem. <sup>42</sup>Ah! SENHOR Deus, não repulses o teu ungido; lembra-te das misericórdias que usaste para com Davi, teu servo.</p>	
<p><sup>54</sup> Tendo Salomão acabado de fazer ao SENHOR toda esta oração e súplica, estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus, se levantou de diante do altar do SENHOR, <sup>55</sup> pôs-se em pé e abençoou a toda a congregação de Israel em alta voz, dizendo: <sup>56</sup><i>Bendito seja o SENHOR, que deu repouso ao seu povo de Israel, segundo tudo o que prometera; nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas, feitas por intermédio de Moisés, seu servo.</i><sup>57</sup>O SENHOR, nosso Deus, seja conosco, [...]</p>	<th data-bbox="841 871 1411 915">2 Crônicas 7</th> <p><sup>1</sup> Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do SENHOR encheu a casa. <sup>2</sup><b>Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do SENHOR, porque a glória do SENHOR tinha enchido a Casa do SENHOR.</b> <sup>3</sup> Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do SENHOR sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram o SENHOR, porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.</p>	2 Crônicas 7

A segunda bênção (1 Rs 8.54b-61) é substituída em Crônicas pelo comentário que já havia sido feito em 5.14, ou seja, que os sacerdotes não puderam mais permanecer dentro do templo por causa da glória divina que o preencheria (2 Cr 7.1b-3). Esta é a segunda alteração. A repetição forma uma inclusão. O que o narrador fez em Crônicas foi trocar a moldura da bênção (1 Rs 8.14-21 e 8.55-61; 2 Cr 6.3) pela moldura da manifestação divina (1 Rs 8.11; 2 Cr 5.13b e 1b-3). A manifestação divina é seguida pela bênção; ambas encontram-se em sequência no enredo. No entanto, a mudança do tema que emoldura o conteúdo, coloca o leitor mais próximo à experiência do que à declaração. Também deve-se destacar que a razão para o louvor dos levitas (2 Cr 5.13) é a mesma para o louvor da congregação (2 Cr 7.3): “porque ele (Deus) é bom e a sua misericórdia dura para sempre”, colocando os levitas e a congregação em identificação de experiência religiosa.

Além disto, deve-se considerar que a substituição também ocorre na forma da narração, ou seja, é retirado o evento narrativo e posto em seu lugar um sumário com explicação autoral, exatamente como se encontra a outra ponta da inclusão: a bênção em evento narrativo e a manifestação em sumário. Isto aponta para uma participação mais notória do narrador em Crônicas do que em Reis.

Fraseologicamente, o narrador relaciona Davi e Salomão ao dizer que Deus respondeu a ambos da mesma forma, ou seja, com fogo que consome o holocausto (1 Cr 21.26; 2 Cr 7.1). Os contextos são: a escolha do local do templo e o término de sua construção. Considerando que a fraseologia comum só acontece em Crônicas, sente-se o efeito de unidade literária entre os reinados desses dois reis.

A terceira inserção encontra-se em 2 Crônicas 7.6b, como a tabela abaixo demonstra. Ela traz novamente o trabalho dos sacerdotes e dos levitas músicos bem como a motivação de todo louvor “porque a sua misericórdia dura para sempre”.

1 Reis 8	2 Crônicas 7
<p><sup>63b</sup> Assim, o rei e todos os filhos de Israel consagraram a Casa do SENHOR.</p> <p><sup>64</sup> No mesmo dia, consagrou o rei o meio do átrio que estava diante da Casa do SENHOR;</p>	<p><sup>6</sup> Assim, o rei e todo o povo consagraram a Casa de Deus. Os sacerdotes estavam nos seus devidos lugares, como também os levitas com os instrumentos musicos do SENHOR, que o rei Davi tinha feito para deles se utilizar nas ações de graças ao SENHOR, <b>porque a sua misericórdia dura para sempre</b>. Os sacerdotes que tocavam as trombetas estavam defronte deles, e todo o Israel se mantinha em pé.</p> <p><sup>7</sup> Salomão consagrou também o meio do átrio que estava diante da Casa do SENHOR,</p>

A repetição desta descrição do trabalho dos sacerdotes e levitas reforça a sua identificação entre a comunidade israelita que também presenciou a glória divina. Ao mesmo tempo mantém a exclusividade do trabalho sacerdotal e levítico e a dependência que a comunidade tinha deles.

A quarta inserção encontra-se em 2 Cr 7.12b-16a (1 Reis 9.3), dentro do discurso direto de Deus, conforme tabela abaixo:

1 Reis 9	2 Crônicas 7
<p><sup>2</sup> o SENHOR tornou a aparecer-lhe, como lhe tinha aparecido em Gibeão,<sup>3</sup> e o SENHOR lhe disse: <i>Ouvi a tua oração e a tua súplica que fizeste perante mim;</i></p>	<p><sup>12</sup> De noite, apareceu o SENHOR a Salomão e lhe disse: <i>Ouvi a tua oração e escolhi para mim este lugar para casa do sacrificio.</i><sup>13</sup> <i>Se eu cerrar os céus de modo que não haja chuva, ou se ordenar aos gafanhotos</i></p>

<p><i>santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre; os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias.[...]</i></p>	<p><i>que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; <sup>14</sup>se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra. <sup>15</sup> Estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração que se fizer neste lugar. <sup>16</sup> Porque escolhi e santifiquei esta casa, para que nela esteja o meu nome perpetuamente; nela, estarão fixos os meus olhos e o meu coração todos os dias. [...]</i></p>
---	---

Tais palavras, especialmente as do versículo 14, trazem uma importante ideologia que será exemplificada no restante do livro, que é a questão da humilhação (2 Cr 12.6,12; 32.26; 33.12,19,23; 34.27; 36.12) e de buscar a Deus (2 Cr 15.2,4,15; 20.3,4) para receber o favor divino. Estas palavras do discurso direto de Deus, neste importante evento narrativo para a ideologia estendido pelo narrador de Crônicas é base fraseológica para o narrador e outros personagens em outras narrativas do livro. Ao colocar a ideologia da importância do templo para que o nome de Deus seja buscado na voz de Deus, o narrador enfatiza e fortalece a ideologia de uma identidade israelita centrada no templo para os leitores pós-exílicos, cujo contexto histórico não possuía mais um palácio real.

O capítulo 8 é uma coletânea de informações a respeito de construções de Salomão que culminam no término da construção do templo. Um trecho considerável de Reis (1 Rs 9.11-16) é substituído por um pequeno em Crônicas (2 Cr 8.2-4). Há questionamentos e teorias a respeito da história que aparentemente é contraditória neste trecho, no entanto, para esta pesquisa é mais interessante a omissão feita pelo narrador da explicação autoral contida em Reis (1 Rs 9.15-16). Segundo esta, Salomão teria forçado trabalho<sup>34</sup> para construir o templo e o palácio devido a uma investida de Faraó contra ele. A omissão da explicação reforçaria a paz que o narrador pretende demonstrar como característica do reinado de Salomão. A alteração da depreciação das cidades de Salomão por Hirão pela edificação delas por Salomão também reforça o lado positivo do rei.

Novo acréscimo ocorre em 2 Crônicas 8.11b-16a em relação a 1 Reis 9.24-25. O narrador preenche o texto trazido de Reis com explicações autorais e um sumário a respeito da organização do serviço dos sacerdotes e levitas com comentários autorais. A tabela abaixo demonstra onde estão tais inserções. A explicação da razão pela qual Salomão transfere sua esposa egípcia é sua preocupação com a santidade do local (2 Cr 8.11b); os holocaustos de Salomão estavam de conformidade com a lei (2 Cr 8.13a); a organização dos sacerdotes e

<sup>34</sup> Ou imposto, dependendo da interpretação do tradutor.

levitas era “segundo a ordem de Davi” e com o propósito de louvarem a Deus (2 Cr 8.14) e o comentário é que “não se desviaram” (2 Cr 8.15a). Só então a narração se encontra com a de Reis para conformar o término da obra.

1 Reis 9	2 Crônicas 8
<p><sup>24</sup> Subiu, porém, a filha de Faraó da Cidade de Davi à sua casa, que Salomão lhe edificara; então, edificou a Milo. <sup>25</sup></p> <p>Oferecia Salomão,</p> <p>três vezes por ano, holocaustos e sacrifícios pacíficos sobre o altar que edificara ao SENHOR e queimava incenso sobre o altar perante o SENHOR.</p> <p>Assim, acabou ele a casa.</p>	<p><sup>11</sup> Salomão fez subir a filha de Faraó da Cidade de Davi para a casa que a ela lhe edificara; <b>porque disse: Minha esposa não morará na casa de Davi, rei de Israel, porque santos são os lugares nos quais entrou a arca do SENHOR.</b><sup>12</sup> Então, Salomão ofereceu holocaustos ao SENHOR, sobre o altar que tinha edificado ao SENHOR diante do pórtico; <sup>13</sup><b>e isto segundo o dever de cada dia, conforme o preceito de Moisés, nos sábados, nas Festas da Lua Nova, e nas festas fixas, três vezes no ano: na Festa dos Pães Asmos, na Festa das Semanas e na Festa dos Tabernáculos.</b> <sup>14</sup>Também, <b>segundo a ordem de Davi</b>, seu pai, dispôs os turnos dos sacerdotes nos seus ministérios, como também os dos levitas para os seus cargos, <b>para louvarem a Deus e servirem diante dos sacerdotes</b>, segundo o dever de cada dia, e os porteiros pelos seus turnos a cada porta; <b>porque tal era a ordem de Davi</b>, o homem de Deus. <sup>15</sup><b>Não se desviaram</b> do que ordenara o rei aos sacerdotes e levitas, em coisa nenhuma, nem acerca dos tesouros. <sup>16</sup> Assim se executou toda a obra de Salomão, desde o dia da fundação da Casa do SENHOR até se acabar; e assim se concluiu a Casa do SENHOR.</p>

Quanto à primeira explicação, aquela a respeito do motivo pelo qual Salomão desloca sua esposa egípcia, McKenzie aponta que há uma diferença no efeito de sentido a partir do acréscimo. Segundo ele, em Reis o deslocamento da esposa parece um sinal de carinho, enquanto que em Crônicas, um ato de piedade da parte de Salomão: sua preocupação com a santidade do local (2004, posição 3760-3763). Dessa forma, mais uma vez a estratégia narrativa na intrusão do narrador desenvolve um novo discurso.

#### 4.3.5 – A visita da Rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13; 2 Cr 9.1-12)

A rainha de Sabá veio provar Salomão a respeito de tudo o que tinha ouvido falar dele. Trouxe muitas riquezas como presente e fez muitas perguntas difíceis. A todas Salomão lhe deu respostas. Tomando conhecimento da sabedoria, do templo que construira e de tudo o que Salomão tinha e oferecia a seu Deus, disse que, o que via era maior do que o que ouvira.

Salomão lhe deu ainda mais presentes e riquezas do que tinha recebido dela. Depois ela voltou para sua terra.

A presença da parte que trata da investida em Ofir de onde se trouxe muito ouro e materiais que foram usados no templo, no palácio e para construção de instrumentos musicais (2 Cr 9.10-11), podem estar presentes para explicar que os presentes à rainha foram maiores do que os dela recebidos.

O texto de Crônicas não apresenta variações significativas em relação ao de Reis. Apenas uma característica é importante ressaltar, ou seja, a referência a instrumentos musicais. Não há diferenças entre as duas narrativas paralelas, mas a importância de se ressaltar a menção aos instrumentos aqui é demonstrar que aquilo que o narrador tanto enfatiza em Crônicas em suas inserções acerca dos músicos não é novidade. A novidade é a ênfase dada. Já havia informações sutis a respeito da música no templo, mas o narrador em Crônicas insere diversas outras passagens e narrações sobre a atuação dos músicos para elaborar o seu discurso.

#### 4.3.6 – As últimas informações sobre o reinado de Salomão (1 Rs 10.14-11.43; 2 Cr 9.13-31)

Em 2 Crônicas 9.13-28 o narrador segue com poucas mudanças de palavras ou frases o texto de 1 Reis 10.14-29. As narrativas paralelas contêm descrição da riqueza, sumário, relatório de objetos produzidos com ouro e outros materiais preciosos e a descrição do trono. Há também comentários e explicações autorais e relatório de posses. Tudo em comum, menos a inserção do comentário autoral de 2 Cr 9.26 e a omissão do sumário de 1 Reis 10.29.

O narrador omite toda a narração do pecado de Salomão (1 Rs 11.1-40): as muitas mulheres com quem se casou e a influência que elas tiveram levando-o à idolatria e o castigo que consistiria nas dez tribos sendo separadas da dinastia davídica através de Jeroboão. Os dados finais do reinado de Salomão são repetidos em Crônicas (1 Rs 11.41-43; 2 Cr 9.29-31) com a única diferença de fornecer uma bibliografia diferente. Neste tipo de texto o narrador se faz bastante presente, mas a indicação de diferentes fontes esclarece não só de onde vieram as informações inseridas na história cronista como também aponta onde outras narrativas poderiam ser encontradas na época da escrita.

Este trecho não apresenta diferenças significativas quanto à participação dos narradores. Tanto em Crônicas quanto em Reis eles apresentam os mesmos comentários e explicações. A única parte que contém evento narrativo, que é o erro de Salomão, é omitida.

Notou-se comparando os livros de Reis e Crônicas quanto às narrativas do reinado de Salomão que o narrador se fez presente muito mais em Crônicas do que em Reis. Algumas explicações e avaliações foram omitidas, no entanto, um número maior é acrescentado do que retirado. A intrusão do narrador é percebida pelas explicações e comentários acrescentados tanto em sumário quanto em evento narrativo e pela substituição de evento narrativo por sumário com explicação autoral.

Tematicamente o narrador produz novo discurso religioso ao acrescentar várias narrativas que descrevem a dedicação sacerdotal e o serviço musical dos levitas, sendo a primeira delas em local estratégico para reforçar a sua importância. Omitiu a condicional de fidelidade referente à aliança davídica, embora a tenha mantido num discurso direto de Salomão ao referir-se à fala de Deus. O narrador mantém o foco em seu discurso religioso ao omitir relatórios que tratam de outras construções além do Templo e fortalece a confiabilidade do portador da ideologia religiosa defendida omitindo narrativa que trata de aspectos negativos da vida do rei.

#### 4.4 O REINADO DE ROBOÃO (1 Rs 12.1-14.31; 2 Cr 10.1-12.16)

O enredo do reinado de Roboão acompanha parcialmente aquele encontrado no livro de Reis. Em Crônicas o narrador vai desenvolvê-lo em três partes correspondendo aos capítulos 10, 11 e 12.

A primeira parte acompanha praticamente na íntegra o texto de Reis. Roboão foi até Siquém para assumir o trono. Mas Jeroboão, que havia fugido de Salomão para o Egito, retorna e lidera o povo de Israel para exigir de Roboão mudanças aliviando o jugo que Salomão havia colocado sobre eles. Roboão toma conselhos com os anciãos, com os jovens e resolve ouvir a estes que, ao contrário daqueles, aconselharam o novo rei a endurecer ainda mais. Neste ponto, o narrador em Crônicas acompanha o de Reis na avaliação: “O rei, pois, não deu ouvidos ao povo, porque isto vinha de Deus, para que o SENHOR confirmasse a palavra que tinha dito por intermédio de Aías, o silonita, a Jeroboão, filho de Nebate” (1 Rs 12.15; 2 Cr 10.15). Assim, o povo de Israel segue Jeroboão para formar o Reino do Norte ou Reino de Israel. Roboão passa a reinar apenas sobre a tribo de Judá e de Benjamin. Embora tenha tentado resistir à rebelião, o rei não a pode conter e retorna a Jerusalém. Neste ponto o narrador de Reis se mostra bem perceptível ao comentar: “assim, Israel se mantém rebelado contra a casa de Davi até ao dia de hoje” (1 Rs 12.19) e é acompanhado pelo narrador de Crônicas (2 Cr 10.19). Porém, o versículo final do enredo em Reis: “Tendo ouvido todo o

Israel que Jeroboão tinha voltado, mandaram chamá-lo para a congregação e o fizeram rei sobre todo o Israel; ninguém seguiu a casa de Davi, senão somente a tribo de Judá.” (1 Rs 12.20) foi omitido. Não é tendência do narrador em Crônicas focar nos reis de Israel, e o verso 20 não tem conexão com o rei Roboão de Judá. Embora a oração “ninguém seguiu a casa de Davi, senão somente a tribo de Judá” não esteja em Crônicas, fica subentendida em 2 Crônicas 11.1 ao acompanhar 1 Reis 12.21 dizendo: “Vindo, pois, Roboão a Jerusalém, reuniu a casa de Judá e de Benjamim”.

O capítulo 11 de 2 Crônicas começa acompanhando a narração de 1 Reis 12.21-24, narrando uma tentativa de reverter a rebelião, uma tentativa que foi abandonada por obediência a uma palavra profética de Semaías. Esta palavra encontra-se em discurso direto: “Assim diz o SENHOR: Não subireis, nem pelejareis contra vossos irmãos; cada um volte para sua casa, porque eu é que fiz isto”. O que mais importa é que o rei obedeceu e voltou para Jerusalém. A partir daqui o narrador produz uma narrativa sobre Roboão que não se encontrava em Reis focando no rei Roboão em 11.5-23. Ele omite 1 Reis 12 a partir do versículo 25 até 14.20, que trata do Reino do Norte (Israel) e foca apenas no Reino do Sul (Judá). O resultado da narrativa é um incentivo à obediência ao discurso de não resistência e à ideologia de que tudo o que acontece está debaixo da soberania do Deus de Israel. A aceitação do castigo é o discurso resultante, porque é a partir desta informação que o narrador coloca o bom rendimento militar de Roboão promovendo a segurança de seu território (2 Cr 11.5-12).

O narrador continua dando informações que considera positivas. Nos versículos 13 a 17 a narração se baseia na importante informação de que os sacerdotes e levitas que encontravam-se no reino do Norte quando ocorreu a rebelião se mudaram para o reino de Judá juntamente com pessoas de todas as tribos que ficaram ao norte. Essa mudança ocorreu devido à disposição daquelas pessoas em continuar seguindo a religião judaica. Um único versículo faz referência a eventos de Reis omitidos em Crônicas: “Jeroboão constituiu os seus próprios sacerdotes, para os altos, para os sátiros e para os bezerros que fizera (2 Cr 11.15). Esta pequena referência ao reino do Norte está relacionado com os seguintes versos omitidos:

<sup>26</sup> Disse Jeroboão consigo: Agora, tornará o reino para a casa de Davi. <sup>27</sup> Se este povo subir para fazer sacrifícios na Casa do SENHOR, em Jerusalém, o coração dele se tornará a seu senhor, a Roboão, rei de Judá; e me matarão e tornarão a ele, ao rei de Judá. <sup>28</sup> Pelo que o rei, tendo tomado conselhos, fez dois bezerros de ouro; e disse ao povo: Basta de subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito! <sup>29</sup> Pôs um em Betel e o outro, em Dã. <sup>30</sup> E isso se tornou em pecado, pois que o povo ia até Dã, cada um para adorar o bezerro. <sup>31</sup> Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. (1 Rs 12.26-31)

Além deste, ainda outro: “Depois destas coisas, Jeroboão ainda não deixou o seu mau caminho; antes, de entre o povo tornou a constituir sacerdotes para lugares altos; a quem queria, consagrava para sacerdote dos lugares altos” (1 Rs 13.33). No livro de Reis o narrador relata o que considerava mau em Israel; no livro de Crônicas, o que considerava bom em Judá. O evento narrativo de Reis com foco em Israel, cheio de discursos diretos, é substituído por uma narrativa em sumário com foco em Judá. É um trecho, portanto, de apresentação de uma ideologia com bastante autoridade diante do leitor. Este deixa de ser convidado a assistir a cena para assimilar os conceitos.

A narrativa prossegue relatando o grande número de mulheres e de filhos que o rei Roboão teve, além de distribuí-los pelas terras de seu reino, promovendo-lhes casamentos (2 Cr 11.23). Isto é modulado pela seguinte avaliação: “procedeu prudentemente”.

O trecho descrito possui um discurso legitimador para a divisão do Reino em favor da soberania do Deus dos judeus e de submissão a ele e à maneira como ele conduz a história. Dessa forma, tudo o que se encontrar na voz do personagem “Deus” ou do personagem “profeta” (seu porta-voz) estará em harmonia com as avaliações do narrador, ou seja, são personagens que portam a ideologia da qual se pretende que os narratários sejam convencidos.

No capítulo 12 tem início a terceira parte da narrativa do reinado de Roboão em Judá. O enredo em ambos os livros é que Roboão começou a reinar e praticou o que era contrário à lei de Deus. Sisaque, rei do Egito, foi a Jerusalém, lutou contra ele e tomou tesouros do templo e do palácio real e levou também escudos de ouro. Para substituir estes, Roboão fez escudos de bronze para sua guarda. Sempre houve guerra entre Roboão e Jeroboão. Ao falecer, Roboão foi sepultado em Jerusalém e seu filho Abias assumiu o trono. Isto é o que consta tanto em Reis quanto em Crônicas. Mas este capítulo foi bastante alterado na voz do narrador de Crônicas. A análise é representada na seguinte figura:

1 Reis 14	2 Crônicas 12
<p><sup>21</sup>Roboão, filho de Salomão, reinou em Judá; de quarenta e um anos de idade era Roboão quando começou a reinar e reinou dezessete anos em Jerusalém, na cidade que o SENHOR escolhera de todas as tribos de Israel, para estabelecer ali o seu nome. Naamá era o nome de sua mãe, amonita. <b><sup>22</sup>Fez Judá o que era mau perante o SENHOR; e, com os pecados que cometeu, o provocou a zelo, mais do que fizeram os seus pais.</b> <sup>23</sup>Porque também os de Judá edificaram altos, estátuas, colunas e postes-ídolos no alto de todos os elevados outeiros e debaixo de todas as</p>	<p><sup>1</sup> Tendo Roboão confirmado o reino e havendo-se fortalecido, deixou a lei do SENHOR, e, com ele, todo o Israel.</p>



árvores verdes. <sup>24</sup>Havia também na terra prostitutos-cultuais; fizeram segundo todas as coisas abomináveis das nações que o SENHOR expulsara de diante dos filhos de Israel.

<sup>25</sup> No quinto ano do rei Roboão, Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém

<sup>26</sup> e tomou os tesouros da Casa do SENHOR e os tesouros da casa do rei; tomou tudo. Também levou todos os escudos de ouro que Salomão tinha feito. <sup>27</sup> Em lugar destes, fez o rei Roboão escudos de bronze e os entregou nas mãos dos capitães da guarda, que guardavam a porta da casa do rei. <sup>28</sup> Toda vez que o rei entrava na Casa do SENHOR, os da guarda usavam os escudos e tornavam a trazê-los para a câmara da guarda.

<sup>29</sup> Quanto aos mais dos atos de Roboão e a tudo quanto fez, porventura, não estão escritos no Livro da História dos Reis de Judá?

<sup>30</sup> Houve guerra entre Roboão e Jeroboão todos os seus dias. <sup>31</sup>Roboão descansou com seus pais e com eles foi sepultado na Cidade de Davi. Naamá era o nome de sua mãe, amonita; e Abias, filho de Roboão, reinou em seu lugar.



<sup>2</sup> No ano quinto do rei Roboão, Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém (**porque tinham transgredido contra o SENHOR**),<sup>3</sup> com mil e duzentos carros e sessenta mil cavaleiros; era inumerável a gente que vinha com ele do Egito, de líbios, suquitas e etíopes. <sup>4</sup> Tomou as cidades fortificadas que pertenciam a Judá e veio a Jerusalém. <sup>5</sup> Então, veio Semaías, o profeta, a Roboão e aos príncipes de Judá, que, por causa de Sisaque, se ajuntaram em Jerusalém, e disse-lhes: **Assim diz o SENHOR: Vós me deixastes a mim, pelo que eu também vos deixei em poder de Sisaque.**<sup>6</sup> Então, se humilharam os príncipes de Israel e o rei e disseram: *O SENHOR é justo.* <sup>7</sup> Vendo, pois, o SENHOR que se humilharam, veio a palavra do SENHOR a Semaías, dizendo: **Humilharam-se, não os destruirei; antes, em breve lhes darei socorro, para que o meu furor não se derrame sobre Jerusalém, por intermédio de Sisaque.** <sup>8</sup> **Porém serão seus servos, para que conheçam a diferença entre a minha servidão e a servidão dos reinos da terra.**<sup>9</sup> Subiu, pois, Sisaque, rei do Egito, contra Jerusalém\* e tomou os tesouros da Casa do SENHOR e os tesouros da casa do rei; tomou tudo. Também levou todos os escudos de ouro que Salomão tinha feito. <sup>10</sup> Em lugar destes fez o rei Roboão escudos de bronze e os entregou nas mãos dos capitães da guarda, que guardavam a porta da casa do rei. <sup>11</sup> Toda vez que o rei entrava na Casa do SENHOR, os da guarda vinham, e usavam os escudos, e tornavam a trazê-los para a câmara da guarda. <sup>12</sup>Tendo-se ele humilhado, apartou-se dele a ira do SENHOR **para que não o destruísse de todo; porque em Judá ainda havia boas coisas.** <sup>13</sup> Fortificou-se, pois, o rei Roboão em Jerusalém e continuou reinando. Tinha Roboão quarenta e um anos de idade quando começou a reinar e reinou dezessete anos em Jerusalém, cidade que o SENHOR escolheu dentre todas as tribos de Israel, para ali estabelecer o seu nome. Sua mãe se chamava Naamá, amonita. **14Fez ele o que era mal, porquanto não dispôs o coração para buscar ao SENHOR.**<sup>15</sup> Quanto aos mais atos de Roboão, tanto os primeiros como os últimos, porventura, não estão escritos no Livro da História de Semaías, o profeta, e no de Ido, o vidente, no registro das genealogias? Houve guerras entre Roboão e Jeroboão todos os seus dias. <sup>16</sup> Descansou Roboão com seus pais e foi sepultado na Cidade de Davi; e Abias, seu filho, reinou em seu lugar.

Nota-se que o narrador omite os versículos 22-24 em Crônicas, inverte a ordem do verso 21 com os versos 26-28 e faz acréscimos consideráveis. No livro de Reis o narrador deixa muito por conta da hermenêutica do leitor. Ele faz isto dando informações e avaliações, mas não colocando-as explicitamente em condição de causa e efeito. Em Crônicas, o narrador suprime os dados do rei, deixando-os para o final. Ele aponta com clareza que assim que Roboão se firmou no trono “deixou a lei do SENHOR” (2 Cr 12.1). Em 1 Reis 14.22-24 o narrador faz uma grande avaliação para depois dizer que Sisaque vem do Egito contra Jerusalém (1 Rs 14.25). Em Crônicas, por sua vez, o narrador primeiramente dá esta informação para depois mencionar a atitude de Sisaque. A avaliação em Crônicas (2 Cr 12.2b) é bastante resumida, mas diferentemente do narrador de Reis, ele relaciona a vinda do inimigo com a transgressão de Roboão. O tema da transgressão continua, porém, sem menção de idolatria. Talvez isto ocorra assim pelo fato de não ser a idolatria o problema de Israel no período pós-exílico. Conforme Martin J. Selman, enquanto Reis “aceita os grandes fracassos de Roboão como um líder, Crônicas procura demonstrar o valor do arrependimento e a extensão da misericórdia de Deus (2006, p. 286). Dessa forma, o narrador estaria adaptando o enredo para um discurso atualizado. Ele se apropria da situação autoral, a mesma que se encontra em Reis, porém fazendo uso de uma forma mais intrusa, afirmando conceitos e imprimindo no texto seu ponto de vista ideológico, seu foco avaliativo da história. Neste ponto, o narrador prefere especificar em vez do pecado de Judá a grandeza do inimigo para depois fornecer uma dramatização da humilhação de Roboão perante o Deus de Judá (2 Cr 12.5-8). É quando chega novamente o profeta Semaías. Segundo William Johnstone, Semaías, “mais uma vez torna explícito o fator teológico em eventos. [...], como o agente eficaz e porta-voz de Deus”. (1997b, p. 41-42, tradução nossa). Semaías, o profeta, avalia a atitude do rei e sua relação com os acontecimentos no mesmo ponto de vista fraseológico do narrador. Assim como Deus, o personagem profeta é porta-voz da ideologia do narrador.

Para retomar a narração juntamente com o narrador de Reis, repete-se a expressão “Subiu, pois, Sisaque, rei do Egito, contra Jerusalém”. Neste ponto é mencionado que Sisaque leva os tesouros embora. O narrador do livro de Reis conclui a partir daqui com a fórmula de encerramento de um reinado (1 Rs 14.29-31), que será acompanhado pelo narrador de Crônicas (2 Cr 12.15-16). Antes, porém, o narrador do livro de Crônicas fará avaliações. Ele procura explicar que não foi o fim do reino de Judá porque nele ainda havia coisas boas (1 Cr 12.12). Essas “coisas boas” foram demonstradas no grande acréscimo do capítulo 11 de 2 Crônicas. Então, o narrador insere aquilo que havia omitido do início da narrativa paralela de

Reis com os dados de Roboão (2 Cr 12.13) e dá uma nova avaliação, uma avaliação negativa do rei Roboão.

Considerando a narrativa inteira do reinado de Roboão, Steven McKenzie notou que, embora cada capítulo tenha sua estrutura interna, por considerações teológicas a história ficou estruturada em Crônicas com o início e o fim (2 Cr 12; 14) tendo orientação negativa e o meio (2 Cr 11) com orientação positiva (2004, posição 3861-3872). Notou-se a presença de avaliações tanto em Reis quanto em Crônicas, porém, com a diferença de que em Crônicas elas são em maior número e possuem maior vínculo de causa e efeito com a narrativa.

#### 4.5 O REINADO DE ABIAS (1 Rs 15.1-8; 2 Cr 13.1-22)

Quanto ao reinado de Abias, há uma variante em seu nome. Embora a versão em português adotada uniformize o nome, em hebraico cada livro traz uma forma diferente. Em Reis encontra-se o nome “Abiyam”, que significa “meu pai é Yam”, um deus semítico ocidental do mar; em Crônicas, “Abiah”, que significa “meu pai é Yahweh”, o Deus dos hebreus. Para Richard Pratt Jr., isso favorece a mudança que o cronista faz do negativo do monarca contido em Reis para o aspecto positivo (PRATT JR. 2008, p. 391-392). Ao afirmar que Abias “não foi perfeito” (1 Reis 15.3), o narrador do livro de Reis teria deixado margem para o aspecto positivo, do que teria se aproveitado o narrador de Crônicas. Este preferiu produzir um discurso aos seus leitores pós-exílicos em favor de uma esperança ao expressar fé do que se ater à vida pessoal do rei (SELMAN, 2006, p 301-302).

Facilmente se percebe a ocorrência de mudanças no enredo, porque a omissão de 1 Reis 15.3-7a e o acréscimo de 2 Crônicas 13.3-22 são mudanças muito grandes. O rei Abias não apresenta algo de grande interesse para o narrador de Reis, mas torna-se altamente relevante para o narrador de Crônicas. O texto de Reis omitido em Crônicas é muito avaliativo e mostra em Abias um rei muito negativo. Por outro lado, o texto de Crônicas acrescentado ao enredo é narrativo e contém um grande discurso direto do Rei Abias, ao falar ao rei Jeroboão e seu povo do reino de Israel. O narrador em Reis diz que Abias não foi perfeito como havia sido seu ancestral Davi e que apenas aquele reinava pelo amor que Deus tinha por este. O narrador em Crônicas mostra um Abias que peleja contra um exército duas vezes maior que o seu e o vence.

Em Reis a narrativa sobre Abias se finda na informação de que houve guerra em seus dias. Em Crônicas tal informação desencadeia a narrativa acrescentada. Na delimitação estabelecida em Crônicas acerca do reinado de Abias o narrador encontra subsídio para seu

discurso em favor da dinastia davídica e do sacerdócio levítico. Na oratória de Abias antes da peleja, a fala do personagem aponta para a aliança que Deus fizera com Davi e que a sua dinastia era legítima. Em sua voz são avaliados Jeroboão e Roboão. Jeroboão foi avaliado como rebelde e aqueles que estavam com eles como vadios e malignos, e Roboão foi avaliado como jovem e indeciso (2 Cr 13.6-7). Assim, avalia a causa da derrota de seu pai Roboão. Depois disto, Abias reconhece a grandiosidade do exército de seu oponente (2 Cr 13.8), mas não demonstra timidez. A religião é a base pela qual sua oratória segue. Aponta para a idolatria de Jeroboão e o desprezo pelos sacerdotes e levitas que estavam em seu território (2 Cr 13.9). Então, conta como foram acolhidos em Judá e como continuam a fazer aquilo que sempre lhes fora designado, dando inclusive alguns detalhes que tornam sua oratória vívida ao leitor conhecedor dos estatutos religiosos daquele povo (2 Cr 13.10-11). Assim, conclui que Deus estava consigo e também os sacerdotes que tocavam trombetas preparando o ataque, procurando intimidar seu adversário (2 Cr 13.12). Invocar a Deus e tocar trombetas era uma indicação de guerra santa (MCKENZIE, 2004, posição 4084-4085) e a vitória aos oponentes com vantagem numérica discursa em favor de uma ideologia de que o reino de Judá seria invencível por ser o verdadeiro Israel (JOHNSTONE, 1997b, p. 54-55).

A narrativa que se segue acentua a tensão e informa que Jeroboão, além de contar com um exército muito maior, montou uma estratégia através da qual cercou todo o exército de Abias (2 Cr 13.13). Em seguida, o exército de Judá “clamou ao SENHOR e os sacerdotes tocaram as trombetas” (2 Cr 13.14). Então, o narrador informa que Deus feriu a Jeroboão e ao seu exército, matando a maior parte dele e fazendo o restante fugir (2 Cr 13.15-17), e que Abias tomou parte do território de Israel para Judá (13.19). Estabelecendo um contraste final entre Jeroboão e Abias, o narrador afirma o enfraquecimento daquele e o fortalecimento deste através de casamentos e filhos (2 Cr 13.20-21). No meio destas informações encontra-se uma avaliação do narrador dizendo: “Assim foram humilhados os filhos de Israel naquele tempo; prevaleceram os filhos de Judá porque confiaram no SENHOR, Deus de seus pais” (2 Cr 13.18).

A narrativa finda com a fórmula padrão: “Quanto aos mais atos de Abias” (2 Cr 13.22), como em 1 Reis 15.7. Porém, diferentemente de Reis que afirma apenas que os demais atos de Abias estavam no Livro da história dos Reis de Judá, em Crônicas consta que “tanto o que fez como o que disse, estão escritos no Livro da História do Profeta Ido”. Assim, o narrador aponta para uma fonte diferente onde constam inclusive dizeres de Abias, explicando como ele pôde narrar palavras do rei. Foram os relatos das fontes não canônicas

que possibilitaram ao narrador estabelecer um discurso a partir do aspecto positivo do rei Abias (MCKENZIE, 2004, posição 4004-4008), através da brecha deixada no livro de Reis.

Os recursos utilizados pelo narrador foram a omissão do aspecto negativo em forma de avaliação e o acréscimo de algo positivo em forma de narrativa com uma grande fala do personagem rei e uma narrativa que a confirma. Ao confirmar o que dissera o rei, o narrador legitima sua oratória e estabelece um discurso ao leitor em favor da dinastia de Davi e do sacerdócio levítico.

#### 4.6 O REINADO DE ASA (1 Rs 15.8-24; 2 Cr 14.1-16.14)

O reinado de Asa é introduzido como no livro de Reis (1 Rs 15.8), porém estendido com a expressão “em cujos dias a terra esteve em paz dez anos” (2 Cr 14.1). Descanso é um dos temas presentes quando o livro das Crônicas apresenta um rei abençoado por ser fiel a Deus (PRATT JR, 2008, p. 66, 405). Em seguida o narrador omite um sumário com três informações: o início do reinado de Asa em relação ao rei de Israel, seguindo a tendência de omitir tudo o que é relacionado ao reino do norte; o tempo que reinou; e o nome de sua mãe (1 Rs 15.9-10).

Depois disto, o narrador de Reis faz uma avaliação (1 Rs 15.11-12) que é trazida para o livro de Crônicas com algumas modificações. Primeiramente, destaca-se que o narrador em Crônicas, além de acompanhar o narrador de Reis na avaliação de que Asa fez o que era reto (1 Rs 15.11), acrescenta o adjetivo “bom” (2 Cr 14.2). Em segundo lugar, o narrador de Crônicas substitui a oração “tirou da terra os prostitutos-cultuais e removeu todos os ídolos que seus pais fizeram” por “aboliu os altares dos deuses estranhos e o culto nos altos, quebrou as colunas e cortou os postes-ídolos”. Nota-se que apesar de referir-se a eventos diferentes da vida de Asa o tema continua sendo a remoção da idolatria, ou seja, na ideologia transmitida através do narrador autoral que avalia a história, o rei Asa procedeu bem por agir contra a idolatria.

A avaliação do narrador autoral de Reis continua em 2 Crônicas 15.15, mas antes o narrador de Crônicas introduz uma longa seção que reforça a avaliação sobre a extinção da idolatria. Esse reforço acontece em três partes: 1) a paz decorrente da extinção da idolatria (2 Cr 14.4-8a); 2) poder militar e a participação divina nas vitórias (2 Cr 14.8b-15); 3) reforço na consagração religiosa (2 Cr 15.1-14).

Para ilustrar a avaliação sobre a extinção da idolatria (2 Cr 14.3) o narrador passa a fazer um sumário histórico dos atos do rei (2 Cr 14.4-6). Este sumário está repleto de

avaliações do narrador. Ao dizer que o rei ordenou que Judá buscasse ao SENHOR e que ele aboliu o culto nos altares, também comenta dizendo “e houve paz no seu reinado” (2 Cr 14.5). Tal oração é mais um item no sumário do narrador, mas é claramente uma avaliação redigida em forma paratática, conforme interpretação dos versículos que vêm na sequência. Estes avaliam: “edificou... pois, havia paz”, “não houve guerra... porquanto o SENHOR dera repouso” (2 Cr 14.6). Não há nos acréscimos da narrativa de Asa diálogos ou longas cenas dramatizadas, senão poucas falas que reforçam o que já foi avaliado pelo narrador. Na primeira parte que reforça a avaliação do versículo 3 há um discurso direto do rei Asa. Nele a avaliação ocorre da seguinte forma: “edifiquemos... enquanto a terra ainda está em paz, pois temos buscado ao SENHOR... temo-lo buscado e ele nos deu repouso” (2 Cr 14.7).

A segunda ilustração da prosperidade de Judá sob o reinado de Asa compara o poder militar de Asa com o do etíope Zerá para mostrar que a vitória de Asa só poderia ter vindo de Deus. Asa tinha quinhentos e oitenta mil homens valentes enquanto que Zerá possuía um exército de um milhão de homens e trezentos carros (2 Cr 14.8-9). Diante da ordem da batalha o narrador apresenta ao leitor a oração de Asa pedindo socorro a Deus (2 Cr 14.11). Esta é a única cena dramatizada nesta segunda parte, que coloca o leitor dentro da cena acompanhando e participando do momento. Depois o narrador retoma a forma de sumário comentando que foi Deus quem feriu os etíopes e explicando que os judeus feriram as cidades “porque o terror do SENHOR as havia invadido” (2 Cr 14.14).

A última parte que reforça a avaliação de 2 Crônicas 14.3 é a narrativa de uma maior consagração de Asa e de seus súditos. Esta tem início com o mais longo discurso direto da narrativa sobre Asa e pertence a um personagem chamado Azarias (2 Cr 15.2-7). O narrador informa que o Espírito do SENHOR que veio sobre ele (v. 1) e então disse as palavras ao rei. Colocando dessa forma o narrador prepara o leitor para entender o discurso direto como uma profecia e confere ao que será dito uma autoridade absoluta, pois é como se o próprio Deus estivesse falando. Mais uma vez o narrador mescla sumário com evento narrativo dando ao leitor uma vivência do drama juntamente com a autoridade interpretativa do narrador.

O discurso de Azarias ao povo do reino de Judá tem como centro da mensagem o verso 2: “O SENHOR está convosco enquanto vós estais com ele; se o buscardes, ele se deixará achar; porém, se o deixardes, vos deixará.” Na sequência o discurso dá exemplo de como isto aconteceu na história e termina com uma exortação: “sede fortes, e não desfaleçam as vossas mãos, porque a vossa obra terá recompensa” (2 Cr 15.7).

Depois deste discurso, o narrador conduz o leitor novamente através de um sumário dos atos do rei Asa livrando-se dos resquícios das outras religiões e culturas bem como

renovando o altar do SENHOR e reunindo todos para oferecerem sacrifícios em grande número. O sumário também relata que fizeram aliança com juramentos para buscarem a Deus sob pena de morte. O narrador autoral tece um comentário, fazendo uso de sua onisciência, ao dizer que todos se alegraram pelo fato de terem jurado “de todo o coração” e em seguida relata que buscaram a Deus “de toda boa vontade”. Diz também que Deus foi “por eles achado” o que resultou em paz, sendo que essa paz foi dádiva de Deus (2 Cr 15. 15).

Neste ponto o narrador retoma a avaliação do livro de Reis de onde havia parado para inserir toda a narrativa e comentários descritos acima. Assim, dando continuidade ao fato de Asa fazer o que era reto, o narrador em Reis agora prossegue dizendo que “até Maaca, sua mãe, depôs da dignidade de rainha-mãe, porquanto ela havia feito ao poste-ídolo uma abominável imagem” (1 Rs 15.13). O narrador de Crônicas especifica mais ao dizer que, o que ela fez foi uma abominável imagem a Aserá (2 Cr 15.16). Ele também apresenta o dado de que nem todos os altos foram tirados, mas acrescenta um comentário explicativo de que apesar disso, “o coração de Asa foi, todos os dias, totalmente do SENHOR” (1 Rs 15.14). O narrador de Crônicas acompanha esse comentário, mas substitui a última frase por “perfeito todos os dias” (2 Cr 15.17), o que passa a ser uma avaliação mais nítida. Então, ambos caminham juntos informando o leitor de que Asa trouxe “prata, ouro e objetos de utilidade” para o templo (1 Rs 15.15; 2 Cr 15.18).

A partir daqui encontra-se uma alteração de Crônicas em relação a Reis, como demonstrado na tabela abaixo:

1 Reis 15	2 Crônicas 15
<sup>16</sup> <b>Houve guerra</b> entre Asa e Baasa, rei de Israel, todos os seus dias.	<sup>19</sup> <b>Não houve guerra</b> até ao trigésimo quinto ano do reinado de Asa.
	2 Crônicas 16
<sup>17</sup> <b>Porque</b> Baasa, rei de Israel, subiu contra Judá e edificou a Ramá, <b>para que a ninguém fosse permitido sair de junto de Asa, rei de Judá, nem chegar a ele.</b>	<sup>1</sup> No trigésimo sexto ano do reinado de Asa, subiu Baasa, rei de Israel, contra Judá e edificou a Ramá, <b>para que a ninguém fosse permitido sair de junto de Asa, rei de Judá, nem chegar a ele.</b>

Em 1 Reis 15.16 o narrador afirma que “houve guerra [...] todos os dias”, e em 2 Crônicas 15.19, que “não houve guerra até o trigésimo quinto ano do reinado de Asa”. Em Crônicas o narrador vai explicar que “no trigésimo sexto ano... subiu Baasa... contra Judá e edificou Ramá” (2 Cr 16.1). O narrador em Reis vai atrelar a edificação de Ramá como explicação para o início das guerras. Embora haja alguma divergência com respeito às datas

(cf. 1 Rs 15.33; 16.8), o narrador de Crônicas procura estabelecer um contraste entre os anos de paz e os anos de guerra, reforçando a ideologia de que a fidelidade religiosa produz paz e a infidelidade, guerra.

Seguindo a ideologia o narrador de Crônicas passa a mostrar que uma atitude errada de Asa fez com que ele perdesse a situação de paz, tal seja, tomar o ouro e a prata do templo para oferecê-los ao rei da Síria a fim de estabelecer uma aliança para sua proteção contra Baasa, de Israel (1 Rs 15.18; 2 Cr 16.2). O rei de Israel era aliado do rei da Síria, e com esta atitude o rei de Judá pretendia evitar que Judá fosse invadido, retirando a Síria seu apoio a Israel. Esta informação é dada pelo evento narrativo. Por um momento o leitor é levado ao interior da história assistindo brevemente a transmissão das palavras de Asa através de seus servos ao rei Bem-Hadade (1 Rs 15.19; 2 Cr 16.3). Este é o único momento na narrativa do livro de Reis que ocorre um discurso direto.

O sumário que vem em seguida também procede de Reis com algumas variantes que não são interessantes a este estudo. O narrador informa que Bem-Hadade atendeu ao pedido de Asa impedindo a continuidade da edificação de Ramá por parte de Baasa, e que Asa retirou as pedras dali e com elas edificou a Geba e a Mispa (1 Rs 15.20-22; 2 Cr 16.4-6). Este ponto da narrativa parece contrariar a ideologia de Crônicas porque o rei Asa conseguiu impedir a invasão de Baasa ao confiar na Síria e não em seu Deus. Assim, ele vai construir a explicação para o início das guerras. Mais um oráculo profético em evento narrativo é inserido na história pelo narrador cronista, um discurso direto altamente avaliativo. Avaliações na voz de profetas é o mesmo que na voz do próprio Deus, sendo mais forte do que a voz do narrador para fins de convencimento. Segundo este oráculo, a partir daquele momento haveria guerra envolvendo Judá pelo fato de ele ter confiado na Síria.

O narrador de Crônicas, antes de voltar a acompanhar a narrativa de Reis, relata que Asa mandou prender o profeta interpretando que foi por causa de sua ira contra o oráculo que trouxera. Acrescenta também que o rei oprimiu pessoas do povo (2 Cr 16.10). Tendo demonstrado a degradação moral do rei volta a acompanhar a narrativa de Reis com muitos acréscimos. O livro de Reis apresenta o final do reinado de Asa depois de ter ficado doente dos pés, num simples sumário (1 Rs 15.23-245). O narrador de Crônicas, por sua vez, procura avaliar essas atitudes para reforçar a decadência do rei ao mais uma vez não buscar a Deus, mas aos médicos (2 Cr 16.12). Em Crônicas o narrador fornece algumas datas que não estão em Reis e acrescenta diversas homenagens que Asa recebeu em sua morte que não estão narrados em sua fonte (2 Cr 16.13-14).



A última expressão, aquela que encerra a narrativa sobre Asa em Reis: “Josafá, seu filho, reinou em seu lugar” (1 Rs 15.24) é tomada pelo narrador de Crônicas para introduzir a narrativa sobre Josafá (2 Cr 17.1). Enquanto o livro dos Reis segue a narrar sobre os reis de Israel, Crônicas passa para o próximo rei de Judá

Na narrativa de Crônicas cada discurso direto ilustra o ponto principal de um trecho. Segundo Robert Alter,

A linguagem falada perfaz o substrato de tudo que ocorre de humano e de divino na Bíblia, e a tendência dos escritores hebreus a transpor o que é pré-verbal ou não-verbal para o discurso falado é, em última análise, uma técnica para chegar à essência das coisas, para penetrar em seu substrato. (2007, p. 111)

Por isso, nota-se que a essência de cada trecho culmina no discurso direto. Ainda que único e não fazendo parte de diálogos, cada discurso direto contido na narrativa sobre Asa em Crônicas traz a essência do discurso contido na narração. São eles uma exortação (2 Cr 14.7), uma oração (2 Cr 14.11), um oráculo profético (2 Cr 15.2-7), uma proposta de aliança (1 Rs 15.19; 2 Cr 16.3) e outro oráculo profético. A aproximação do leitor à história pelo evento narrativo é um recurso do narrador autoral para firmar a experiência de seu público alvo com a ideologia com a qual pretende influenciá-lo.

Os três primeiros discursos diretos da narrativa de Crônicas apontam para as bênçãos decorrentes da fidelidade a Deus, da paz que é fruto de buscá-lo. O quarto, que vem de Reis, é o indício do declínio pelo fato de Asa não ter buscado a Deus. O último avalia a atitude do rei Asa em confiar no rei da Síria em vez de confiar em Deus.

O extenso acréscimo de Crônicas enfatiza grandemente a ideologia de que buscando a Deus e confiando nele, ele é encontrado e há paz e descanso. A alternância entre o sumário e o evento narrativo presente em cada uma dessas partes reforça o ponto de vista ideológico tanto pela autoridade do narrador quanto pela participação do leitor nos discursos que presencia com a sensação de imediaticidade. O autor cronista usa de diversos recursos literários ao construir um narrador com a finalidade de reforçar seu poder de convencimento e influência sobre a comunidade judaica de sua época.

Vários termos chave para a ideologia cronista não vêm do livro de Reis. Os termos chave no reinado de Asa, conforme o livro de Crônicas, são “confiar” (*Sha'an* em 14:11; 16:7,8), “buscar” (*darash* 14:4,7; 15:2,12,13; 16:12; *baqash* 15:4,15), “encontrar” (*mātsā'* 15:2,4,15) e “quietude”, “paz” ou “repouso”, (*shaqat* 14.1,5,6; *shalom* 15.5; *nûah* 14.6,7; 15.15). Nenhum desses termos é encontrado no relato paralelo de 1 Reis 15.8-24,

constituindo-se num ponto de vista fraseológico exclusivo do livro de Crônicas que marcam o ponto de vista ideológico do narrador.

Em comparação ao relato encontrado no livro de Reis (1 Rs 15:9-24) praticamente não há omissões do narrador, senão acréscimos consideráveis (14:4-15:15; 16:7-10,13b, 14b). Os acréscimos procuram demonstrar como a obediência gerou vitórias e a desobediência derrotas, dando respaldo para a ideologia/teologia da retribuição. Notou-se que nos grandes acréscimos em Crônicas o narrador apresenta sumários com breves eventos narrativos contendo monólogos do rei e de dois profetas, nos quais encontram-se comentários e explicação. Comentário e explicação também caracterizam a voz do narrador em Crônicas, dando-lhe participação muito maior do que o livro de Reis.

#### 4.7 O REINADO DE JOSAFÁ (1 Rs 22.1-51; 2 Cr 17.1-20.37)

O livro de Reis traz a narrativa sobre Josafá em 1 Reis 22.1-51. Crônicas, por sua vez, utiliza a mesma narrativa com poucas variações, mas também acrescenta material. O capítulo 17 de 2 Crônicas é uma inserção à narrativa do livro de Reis. O narrador parte da última oração da narrativa de Asa em que Josafá é apresentado como seu sucessor (1 Rs 15.24) e a desenvolve com um relato inédito sobre Josafá, enquanto Reis interrompe a narrativa dos reis de Judá para focar em uma sucessão de seis reis de Israel (1 Rs 15.25-21.29).

2 Crônicas 17 segue na situação narrativa autoral com sumários, relatórios, informações e avaliações. Não há uma proximidade do leitor com os fatos narrados, os quais são extremamente resumidos, transcorrendo durante um tempo grande e indeterminado. O elevado grau de mediação favorece a presença marcante de uma ideologia. Os recursos utilizados foram sumário, avaliação, dados e relatórios. Na ideologia apresentada pelo narrador o rei Josafá se fortaleceu porque se devotou inteiramente a Deus. O fato de aqui se estabelecer que se fortaleceu “contra Israel” (17.1) revela um ponto de vista específico, pois não era o único de quem deveria se proteger. Ao dar esta avaliação faz o contraste novamente com Israel dizendo que Josafá serviu o Deus verdadeiro e não “segundo as obras de Israel” (17.4). O contraste mostra que a atitude considerada correta leva à prosperidade e à vantagem sobre os que se conduzem no erro. Tal fortalecimento é demonstrado através de relatórios de obras e números de gado e homens valentes (2 Cr 17.1-19). A parte onde o narrador se apresenta mais intruso é na avaliação que faz com as seguintes palavras: “O SENHOR foi com Josafá, porque andou nos primeiros caminhos de Davi, seu pai, e não procurou a baalins. Antes, procurou ao Deus de seu pai e andou nos seus mandamentos e não segundo as obras de

Israel” (2 Cr 17.3-4). A relação de amostragem do crescimento e fortalecimento do rei procura reforçar que a sua prosperidade se deveu ao fato de ter sido temente a Deus.

Outra marca do narrador é a explicação nas palavras: “Veio o terror do SENHOR sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá, de maneira que não fizeram guerra contra Josafá” (2 Cr 17.10). Esta explicação considera que a paz gozada pelo rei Josafá se deveu à sua piedade e preocupação com que todo o seu reino conhecesse e praticasse a lei de seu Deus (17.6-9). A narrativa é conduzida de forma a gerar no leitor empatia pelo rei Josafá e conseqüentemente a disposição de imitar os seus valores sendo dedicado a Deus como ele foi.

A parte de 2 Crônicas 18.1-34 corresponde quase que inteiramente ao relato de 1 Reis 22.1-35. A maneira pela qual é enunciada a narrativa do reinado de Josafá no livro de Reis (1 Rs 22.1-51) é o evento narrativo. Por outro lado, no livro de Crônicas a narrativa do reinado de Josafá (2 Cr 17.1-20.37) assume outra situação. O narrador autoral equilibra o enredo entre sumário e evento narrativo. O capítulo 17 é construído inteiramente na voz do narrador. No capítulo 18 prevalece a dramatização da forma como vem do livro de Reis. De 2 Crônicas 19.1-20.21 encontra-se alternância entre sumários e eventos narrativos. O final da narrativa é composto principalmente por sumário como no começo, com a mediaticidade fortemente marcada por avaliações.

A narrativa explicitamente mediada e altamente ideológica do capítulo 17 deve interferir na compreensão e impressão do leitor no capítulo 18. O narrador autoral oferece ao leitor um comentário e uma interpretação das antigas narrativas de Reis, embasando-as sobre relatórios de prosperidade. Dessa forma, quando o leitor adentra a história para vê-la de perto, ele já se encontra influenciado ideologicamente.

1 Reis 22.1 indica que “três anos se passaram sem haver guerra entre a Síria e Israel”. Isto está omitido em 2 Crônicas 18.1, mas foi observado de outra maneira em 2 Crônicas 17.10. O narrador cronista transforma essa informação em interpretação. Ele explicita ao leitor que a piedade de Josafá foi a causa de ele desfrutar a paz com os povos em redor. Ao omitir essa informação no capítulo 18 o narrador cronista já conta com o conhecimento do leitor quanto a isto reforçado pela maneira avaliativa como contara. Agora, quando o leitor “presencia” a cena de guerra ele pode enxergar a insensatez de Josafá ao se aliar a Acabe, rei de Israel.

Embora o narrador em 2 Cr 18 não acrescente avaliações ao texto de 1 Reis 22.1-35, ele já preparou o leitor para olhar pelo prisma de sua avaliação. A apresentação cênica se caracteriza pelo implícito. Por isso, tendo o narrador cronista a intenção de explicitar seus

conceitos sem alterar a mexer na narrativa de Reis, acrescenta o trecho de caráter autoral, preparando e direcionando o leitor para o contato com o evento narrativo.

A influência do trecho que consta de sumário e relatórios sobre o evento narrativo é que o rei Josafá não tinha a menor necessidade de se associar a Acabe. Isto trouxe prejuízo a ele, que era forte contra Israel (17.1) e que por ter bom procedimento aos olhos de Deus era por este abençoado. O valor que emerge da construção narrativa de Crônicas é a de não associar-se com os de má conduta. Há uma avaliação no acréscimo em Crônicas que não vem diretamente do narrador, mas de um evento narrativo com fala de um profeta (2 Cr 19.2-3). Em termos de força essa avaliação em discurso direto tem o mesmo peso de uma avaliação na voz do narrador. Isto se deve ao fato de o personagem Deus e os seus porta-vozes profetas possuírem o *status* de verdade incondicional em narrativas bíblicas. O narrador se identifica ideologicamente com a posição do profeta e procura ganhar força em sua avaliação deixando o leitor ver de perto o porta-voz de Deus avaliando que Deus ficou irado com Josafá pelo fato de ele ajudar um perverso e que sua atitude de agir contra a idolatria e buscar a Deus foi boa. Quando o leitor é mediado pelo narrador ao ler que Josafá fez que o povo tornasse ao SENHOR (19.4), ele já tem a avaliação disto.

Em 2 Crônicas 19.3-11 há uma alternância entre sumário e evento narrativo. Primeiro, o narrador informa que Josafá constituiu juízes em toda a terra (19.4-5) e então, por um breve evento narrativo, o rei fala aos juízes exortando-os a julgar imparcialmente com temor a Deus (19.6-7). Um novo sumário informa o estabelecimento de juízes em Jerusalém (19.8). Na capital e centro religioso os levitas e os sacerdotes é que julgariam como última instância. Pelo discurso direto mais uma vez o rei exorta os juízes, neste caso, os líderes religiosos, para que fossem justos a fim de não atraírem a ira divina. Conforme Robert Alter:

A cena bíblica é quase inteiramente concebida como comunicação oral, a partir do pressuposto de que tudo o que há de significativo num personagem, pelo menos em certo momento crítico da narrativa, pode ser expresso quase exclusivamente pela fala desse personagem (2007, p. 112).

Sendo assim, os discursos diretos contêm a parte mais importante do discurso ideológico contido no texto. As marcas textuais das intrusões de 2 Crônicas 20 estão nos versículos 22-23, 26, 27 e 30. Em 20.22-23 o narrador explica a razão dos inimigos serem destruídos sem que o povo de Judá tomasse qualquer atitude de ataque:

Tendo eles começado a cantar e a dar louvores, pôs o SENHOR emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir que vieram contra Judá, e foram desbaratados. Porque os filhos de Amom e de Moabe se levantaram contra os moradores do monte Seir, para os destruir e exterminar;

e, tendo eles dado cabo dos moradores de Seir, ajudaram uns aos outros a destruir-se (2 Cr 20.22-23).

A ideologia também é marcada por “cantar e dar louvores”, o que era feito pelos levitas, segundo o versículo 19. Isto deixa implícito que o exercício devocional trouxe a vitória.

No versículo 26 o comentário do narrador marca a mediaticidade no texto: “Ao quarto dia, se ajuntaram no vale de Bênção, onde louvaram o SENHOR; por isso, chamaram àquele lugar vale de Bênção, até ao dia de hoje”. A explicação de que o evento deu nome ao lugar e principalmente a expressão “até ao dia de hoje” marca fortemente a presença do narrador. Conforme Bar-Efrat,

referindo-se ao presente o narrador enfraquece a imediaticidade da narrativa e a capacidade do público para imergir-se no mundo assim criado; Por outro lado, no entanto, o narrador fornece evidência histórica que as pessoas na audiência podem verificar por si mesmas (2004, p. 25, tradução nossa)

O narrador salta do tempo da história para o tempo de sua enunciação. Isto marca mais do que a presença do narrador, marca também a presença do autor.

No versículo 27: “Então, voltaram todos os homens de Judá e de Jerusalém, e Josafá, à frente deles, e tornaram para Jerusalém com alegria, porque o SENHOR os alegrara com a vitória sobre seus inimigos” e no versículo 30: “assim, o reino de Josafá teve paz, porque Deus lhe dera repouso por todos os lados” estão presentes tanto a explicação de que a alegria dos judeus viera de Deus quanto a ideologia de que a vitória e a paz que eles tiveram vieram de Deus.

O restante da narrativa de Crônicas (2 Cr 20.31-21.1) é paralelo ao livro de Reis (1 Rs 22.41-51). 1 Reis 22.41 é omitido em Crônicas, mas os versículos 42 a 44a correspondem a 2 Crônicas 20.31-33a. A avaliação “fez o que era reto” que consta no livro de Reis é aproveitada pelo narrador cronista, mas este intensifica a sua presença em 2 Cr 20.33b em relação a 1 Reis 22.44b. Note-se a comparação a seguir:

1 Reis 22	2 Crônicas 20
<sup>44</sup> Todavia, os altos não se tiraram; <b>neles, o povo ainda sacrificava e queimava incenso.</b>	<sup>33</sup> Contudo, os altos não se tiraram, <b>porque o povo não tinha ainda disposto o coração para com o Deus de seus pais.</b>

Em Reis o narrador apenas descreve os atos do povo; em Crônicas ele descreve o que se passa no interior das pessoas como a razão para não terem se retirado os altares. Nota-se que ele não muda o sentido, mas o interpreta para os leitores pós-exílicos. A diferença entre

os textos nada altera senão que o narrador autoral substitui uma informação por uma avaliação. Isso é reflexo do objetivo da obra. Reis foi escrito para conscientizar o povo judeu de que precisava se arrepender da idolatria. Crônicas, por sua vez, foi escrito num contexto em que a idolatria já havia sido abolida. A prática da idolatria certamente era uma indisposição “para com o Deus de seus pais”, mas dizer “não tinha disposto o coração” possibilitou a aplicação do discurso a outras situações.

A última parte da narrativa em ambos os livros se ligam através de poucas expressões. O último versículo da narrativa de Josafá em Reis (1 Rs 22.51) é tomado em Crônicas como o primeiro da narrativa de Jeorão (2 Cr 21.1). O material díspar se justifica pelas fontes diferentes que são citadas em cada obra: História dos Reis de Judá (1 Rs 22.46); Crônicas de Jeú (2 Cr 20.34). O narrador em Crônicas faz uma avaliação do rei Acazias, de Israel, que não constava no texto paralelo de Reis (2 Cr 22.35): “procedeu iniquamente”.

É relevante a última avaliação presente na narrativa de Crônicas. “Porém Eliézer, filho de Dodavá, de Maressa, profetizou contra Josafá, dizendo: *Porquanto te aliaste com Acazias, o SENHOR destruiu as tuas obras*. E os navios se quebraram e não puderam ir a Társis” (2 Cr 20.37). O episódio na narrativa de Josafá é avaliado mais uma vez em discurso direto. O narrador usou o verbo “profetizar” para introduzir a fala de Eliézer. A dramatização deveria diminuir o nível de credibilidade, mas isto não acontece porque o discurso direto pertence a um profeta que fala da parte de Deus, o qual tem sempre o conceito correto nas Escrituras judaico-cristãs. Assim, ao mesmo tempo em que a narrativa mantém o nível de credibilidade, coloca o leitor em contato com a sensação de imediaticidade.

Assim, o narrador prepara o leitor em sumário para levá-lo a presenciar a cena já condicionado a interpretá-la como quer. Segundo a narrativa de Reis, simplesmente Josafá não quis acompanhar Acazias (1 Rs 22.50). Em Crônicas ele é mal-sucedido por ter se aliado a Acazias, que conforme a avaliação anterior, “procedeu iniquamente” (2 Cr 20.35).

O fato de o narrador avaliar o rei Acazias em sua própria voz e avaliar a atitude do rei Josafá pela dramatização dão ao leitor a sensação de estar longe do rei de Israel e próximo do rei de Judá. Isto leva o leitor a se identificar com Judá e a vivenciar a história pelo seu ângulo de visão.

A atuação dos levitas e sacerdotes e a importância da devoção para ser abençoado marcam a presença de uma ideologia em favor da adoração pela mediação dos líderes religiosos. Sumários, dados e relatórios apresentados no texto apontam, preparam e fortalecem a forte presença do narrador com seu ponto de vista ideológico.

É notável que o ponto de vista fraseológico de Reis que pertence unicamente aos personagens, em Crônicas pertence também ao narrador. O verbo “buscar” (*darash*; *baqash*) em Reis está presente apenas nos discursos diretos, em Crônicas muitas vezes também na voz do narrador. Isto acontece de forma excepcional nas narrativas de Asa e de Josafá e em cada uma delas há duas ocorrências de *baqash* e sete de *darash*. Das quarenta e duas ocorrências de buscar (*darash*; *baqash*) em relação ao objeto “Deus” em Crônicas, quatorze ocorrem nas narrativas de Asa e Josafá. Em Reis “buscar” nem mesmo aparece na narrativa de Asa. A narrativa de Josafá em Reis possui três ocorrências do verbo *darash*, todas nos discursos diretos dos reis de Judá e de Israel. Em Crônicas, no entanto, há mais uma em discurso direto (2 Cr 19.3), outras três na voz do narrador, além de duas ocorrências de *baqash* também na voz do narrador. Esses dados demonstram que o autor de Crônicas constrói um narrador que compartilha do ponto de vista fraseológico dos personagens tornando o ponto de vista ideológico muito mais explícito.

#### 4.8 O REINADO DE JEORÃO (2 Rs 8.16-24; 2 Cr 21.1-20)

A narrativa de Jeorão inicia com 1 Rs 22.51 e tem sequência com um acréscimo para depois retomar 2 Reis 8.17, tendo omitido o verso 16. 2 Reis 8.17-22 dá alguns dados sobre idade e tempo de reinado, apresenta uma forte mediaticidade do narrador ao avaliar os acontecimentos da vida desse rei dizendo que andou no caminho dos reis de Israel porque era casado com a filha do rei Acabe, avaliar que Jeorão fez o que era mau e que Deus só não acabou com o seu reinado por causa da promessa que havia feito a Davi. Neste ponto o narrador cronista acrescenta uma avaliação importante dizendo: “por causa da aliança que com ele fizera” (2 Cr 21.7). A pequena narrativa apresenta que os edomitas se revoltaram contra Jeorão, que houve uma peleja entre as duas partes que não pôde conter a rebelião e que Libna também se rebelou. Depois disto, Reis apresenta apenas a fórmula final do seu reinado, a qual não é seguida em Crônicas a não ser a informação de que foi sepultado na cidade de Davi (2 Rs 8.24; 2 Cr 21.20).

Em Crônicas o narrador constrói em torno dessas poucas informações. Enquanto Reis não apresenta quais foram os atos maus daquele rei, Crônicas prepara a narrativa dando informações de que Jeorão tinha irmãos e matou a todos. Seu pai Josafá havia deixado tudo bem preparado para que houvesse paz ao presentear todos os filhos e dar o trono ao primogênito. Tal informação mostra o tamanho da maldade de Jeorão de forma que quando o

narrador toma a narrativa do livro de Reis, bem como as explicações e avaliações encontradas lá, o leitor já está preparado para aceitar as consequências trazidas de 2 Reis 8.17-22.

O narrador também dá sequência à informação vinda de Reis de que Libna também se rebelara (2 Rs 8.22; 2 Cr 21.10a). Porém, nesse momento o narrador se mostra avaliativo dizendo que isto acontecerá “porque este deixara ao SENHOR, Deus de seus pais” (2 Cr 21.10b) e dá sequência acrescentando nove versículos, onde ele apresenta a idolatria de Jeorão (2 Cr 21.11), a carta do profeta Elias condenando-o pela idolatria e pela morte dos seus irmãos e anunciando o seu castigo (2 Cr 21.12-15), e narrando as consequências anunciadas na carta, que foram o saque causado pelos filisteus e etíopes, sua doença mortal e a ausência de homenagem após sua morte (2 Cr 21.16-19).

Conforme Pratt Jr., o ponto alto da narrativa cronista é a carta do profeta (2008, p.486), e isto está de acordo com a teoria de Alter de que o evento narrativo é o momento mais importante de uma narrativa hebraica (2007, p.111-112). É uma carta, mas ela funciona como um discurso direto. É a única vez que o profeta Elias é mencionado em Crônicas. O fato de ele ser profeta no reino de Israel é coerente com o parentesco de Jeorão com a casa de Acabe e ao fato de se tratar de uma carta. Ao tratar-se de um discurso do profeta, personagem que representa Deus, que por sua vez é portador da ideologia inquestionável, a avaliação contida recebe maior força. Nas palavras do profeta, ele é julgado por seguir as atitudes dos reis de Israel e seguir a idolatria. O anúncio do castigo deixa claro que as narrativas que o sucedem devem ser lidas como consequência das más atitudes do rei Jeorão.

Dessa forma, fica claro que as narrativas, as informações acrescentadas ao texto vindo do livro de Reis e as novas avaliações promovem o ponto de vista ideológico do narrador em favor da exclusividade do culto a Yahweh, da importância da dinastia davídica, uma vez que a aliança davídica, no discurso do narrador, foi a causa de o reino de Judá não ser exterminado.

#### 4.9 O REINADO DE ACAZIAS (2 Rs 8.25-29; 11.1-3; 2 Cr 22.1-12)

Comparando o início da narrativa do reinado de Acazias de Reis com o de Crônicas já se percebe que este é bem mais explicado. O narrador omite a data quando Acazias começou a reinar, que em Reis está atrelada ao reinado de Jorão, de Israel (2 Rs 8.25) e acrescenta que foram os moradores de Jerusalém que entronizaram Acazias, que ele era o filho mais moço de Jeorão e explica que o mais moço foi entronizado pelo fato de todos os outros irmãos mais velhos terem sido mortos pela tropa dos arábios (2 Cr 22.1). O narrador cronista acompanha o relato de 2 Reis 8.26-27 em 2 Crônicas 22.2-3, mas acrescenta uma explicação ao afirmar que



Acazias “andou nos caminhos da casa de Acabe” dizendo “porque sua mãe era quem o aconselhava a proceder iniquamente” (2 Cr 22.3b). Logo em seguida, ao acompanhar a avaliação do narrador de Reis: “fez o que era mau perante o SENHOR”, acrescenta a explicação porque os da casa de Acabe “eram seus conselheiros depois da morte de seu pai, para sua perdição”, e reforça dizendo “também andou nos conselhos deles” (2 Cr 22.5a). Só então volta a acompanhar a narrativa de Reis, relatando que Acazias foi visitar Jorão, de Israel, quando foi este foi ferido em batalha (2 Rs 8.28-29; 2 Cr 22.5b-6).

É notável a quantidade de avaliações por parte do narrador de Crônicas num trecho tão pequeno. O narrador do livro de Reis também avalia, porém limita-se muito mais a relatar do que a explicar a história. Em ambos os livros o narrador é autoral, mas em Crônicas ele faz uso muito mais acentuado de sua onisciência e fala muito mais ao leitor, permitindo que sua presença seja sentida, não estando preocupado em se esconder, nem deixando que o leitor tenha suas próprias conclusões com respeito às sutilezas do enredo. Essa intrusão do narrador cronista na história caracteriza sua influência sobre a opinião dos leitores. Ao falar com o leitor o narrador exerce grande autoridade. Se o leitor não acompanhá-lo não conseguirá usufruir da leitura. O leitor pode questioná-lo ao terminar a leitura, mas até lá o narrador tem grande chance de convencê-lo.

O trecho de 2 Reis 9.1-28 é uma expansão do último sumário (1 Rs 8.28-29) em perspectiva interna. Este episódio é referente ao reino do norte, que não interessa ao cronista, senão quando tem uma importante relação com o reino do sul. O narrador de Crônicas não dá ao leitor, como o narrador de Reis, a oportunidade de vivenciar o drama. Como o retorno de Jorão para se curar das feridas (2 Rs 9.15a) já havia sido informado no sumário em 2 Cr 22.6 (cf. 2 Rs 8.29), o narrador cronista segue o conteúdo a partir de 2 Reis 9.16. No entanto, ele o faz de modo bem diferente, pois em vez de apresentar a cena dramatizada ao leitor, afirma resumidamente e de maneira conceitual (2 Cr 22.7-9).

O narrador autoral faz uso de sua onisciência e em perspectiva externa afirma que houve um propósito para Acazias visitar Jorão: “foi da vontade de Deus” (2 Cr 22.7) e demonstra que por causa desse encontro Acazias morreu (2 Cr 22.7b-9a). Então o narrador interpreta que Deus tinha a intenção de promover a morte de Acazias. Ao referir-se à morte e sepultamento do rei (2 Rs 9.28) o narrador cronista apresenta uma razão para a sepultura honrosa com um único discurso direto dos servos do rei: “É filho de Josafá, que buscou ao SENHOR de todo o coração” (2 Cr 22.9b). Segundo esta explicação, apesar de Acazias não merecer um sepultamento honroso, ele o recebeu, na verdade, como honra a seu pai Josafá.

Em três versículos o narrador de Crônicas comenta toda a história narrada em 2 Reis 9.1-28. Todo o trecho de 2 Reis 9.29-10.36 é concernente ao reino do norte sem qualquer relação com o reino do sul. Não há referência a este trecho em Crônicas. Seu narrador se apropria de 2 Reis 11.1-3 para finalizar a narrativa sobre o rei Acazias. Neste trecho há uma explicação para a última oração de 2 Crônicas 22.9: “e ninguém houve na casa de Acazias que pudesse reinar”. Nele conta que a mãe de Acazias, Atalia, destruiu toda a descendência real e assumiu o trono, mas Joás foi escondido por sua tia até que completou seis anos (2 Rs 11.1-3; 2 Cr 22.10-12). É um sumário que finaliza o reinado de Acazias e prepara o reinado de Joás.

#### 4.10 O REINADO DE JOÁS (2 Rs 11.4-12,21; 2 Cr 23.1-24.27)

O tempo que antecedeu o reinado de Joás é o momento mais tenso descrito no enredo do livro como um todo. Nesse tempo aparentemente não havia mais a dinastia de Davi. Todos os descendentes reais haviam morrido nas mãos de Atalia, a qual, tendo vindo de Israel, da casa do perverso Acabe, reinava sobre Judá. Secretamente, o bebê Joás havia sido escondido e educado no santuário e no momento descrito no início desta narrativa o sacerdote Joiada começa a preparar a revelação do descendente de Davi e a tomada do poder. A narração sobre o rei Joás possui duas partes: a revelação de Joiada ao povo de que Joás está vivo e a síntese do reinado de Joás (2 Rs 11-12; 2 Cr 23-24).

A história começa com o sacerdote Joiada tomando coragem para apresentar o rei ao povo (2 Rs 11; 2 Cr 23). Por seis anos o filho do rei havia ficado escondido. Toda estratégia foi montada por Joiada para que na apresentação do pequeno rei ao povo ele estivesse seguro. Deu ordens aos seus subordinados os quais se mobilizaram para o ato. Estando tudo pronto, clamavam “viva o rei!” chamando a atenção de todos para Joiada, inclusive a de Atalia, que proclama tratar-se de uma traição e é morta em seguida. Também o culto idólatra foi desmontado e seus sacerdotes mortos. Assim foi entronizado o rei Joás aos sete anos de idade.

Em seguida, vem o episódio que retrata em linhas gerais como foi o reinado de Joás (2 Rs 12; 2 Cr 24). A narração demonstra o cuidado do rei para com a casa de Deus providenciando recursos para o reparo do mesmo e cobrando pressa. Com trabalhadores honestos a obra foi terminada e o culto voltou a ser praticado. Joás morre quando o exército sírio vem contra Judá. Este é o enredo em suas linhas gerais. Tendo visto isso cabe uma análise das diferenças entre os textos de Reis e de Crônicas e averiguar as diferenças no foco narrativo avaliativo.

A tensão do enredo é preparada na voz do narrador autoral que acrescenta dados com os nomes dos capitães (2 Cr 23.1b), que não constavam em Reis, e dá uma informação importante, também acrescentada, que introduz não só a história, mas também a ideologia. Esta informação é que esses capitães reuniram levitas de todas as cidades de Judá e os trouxeram a Jerusalém. Este é um dado ideológico importante para o foco narrativo avaliativo do livro de Crônicas, porque nada sobre levitas e sacerdotes é mencionado no texto paralelo no livro de Reis. Ao recontar a história, colocar a referência aos levitas pode tratar-se de um interesse específico em transmitir uma mensagem aos judeus pós-exílicos com respeito à importância deles na recomposição da estrutura social-religiosa da nova província de Judá.

A ideologia é transmitida através do recurso de dar voz a um personagem que tenha autoridade para portar a ideologia. Isto se encontra nas palavras de Joiada: “Porém, ninguém entra na casa do SENHOR, senão os sacerdotes e os levitas que ministram; estes entrarão; porque são santos; mas todo o povo guardará o preceito do SENHOR” (2 Cr 23.6). O plano fraseológico é o mesmo do narrador que havia mencionado os levitas, e o fará novamente, porém, deixando a explicação para o evento narrativo, na boca de um personagem que já conquistara a empatia do leitor por ter salvado a dinastia davídica.

Posteriormente, o narrador terá liberdade de reforçar a ideologia da exclusividade dos sacerdotes e levitas como ministradores no santuário: “Entregou Joiada a superintendência da Casa do SENHOR nas mãos dos sacerdotes levitas, a quem Davi designara para o encargo da Casa do SENHOR, para oferecerem os holocaustos do SENHOR, como está escrito na Lei de Moisés, com alegria e com canto, segundo a instituição de Davi. Colocou porteiros às portas da Casa do SENHOR, para que nela não entrasse ninguém que de qualquer forma fosse imundo.” (2 Cr 23.18-19). Há um compartilhamento ideológico entre o narrador e o personagem Joiada. O livro de Reis nada menciona sobre sacerdotes e levitas e a exclusividade deles como ministradores do santuário. A história é a mesma, mas recontada sob outro foco ideológico. Não é uma ideologia que visa se opor ao livro mais antigo, mas enfatizar um tema inexistente no texto paralelo do livro mais antigo.

Na segunda parte, aquela que retrata o reinado de Joás, poucas palavras de Reis são transcritas com exatidão em Crônicas. Alguns chegam a sugerir que outra fonte foi utilizada nesta parte, mas isto não explica os pequenos trechos idênticos (PRATT JR., 2008, 508).

Crônicas compartilha com Reis breves eventos narrativos. Não há diálogos, e sim falas isoladas que ilustram a essência ideológica do texto. Três são os personagens aos quais o narrador confere a palavra: o sacerdote Joiada, o rei Joás e o profeta Zacarias. Joiada e Joás têm paralelos em discurso direto em relação ao livro de Reis (2 Rs 11.5-8, 15; 2 Cr 23.3-7,

14). Zacarias aparece somente em Crônicas (2 Cr 24.20,22). Atalia tem uma única e breve expressão “traição! traição!” (2 Rs 11.14; 2 Cr 23.13), que serve para expressar na voz da própria golpista a expressão irônica de sua indignação (SELMAN, 2006, p. 359). Aquela que deu o golpe mais perverso matando toda a descendência real para ficar no poder chama de traição o ato de apresentar o rei legítimo ao povo. Os demais personagens que têm voz são portadores da ideologia e compartilham com o narrador de seu ponto de vista fraseológico.

Os levitas não são mencionados no texto paralelo de Reis, senão somente em Crônicas, especialmente na primeira parte, aquela da revelação do rei vivo (2 Rs 11; 2 Cr 23). Há uma ideologia compartilhada entre narrador e o personagem Joiada no plano fraseológico. A narrativa do reinado de Joás é caracterizada tanto em Reis quanto em Crônicas pela predominância de sumários. Os pequenos eventos narrativos encontrados são discursos que ilustram a ideologia, ou seja, usam a dramatização para chamar a atenção do leitor àquilo que é mais importante. Aqui é importante enfatizar que é somente na narração do livro de Crônicas que o narrador compartilha o plano fraseológico com o personagem Joiada com respeito aos levitas.

A predominância de sumários e a consequente forte mediaticidade faz que o narrador tenha uma presença fortemente marcada. Os breves eventos narrativos servem para trazer vivacidade e fortalecer ideologicamente o posicionamento do narrador através de personagens que compartilham de sua ideologia e de sua fraseologia. Apenas Atalia possui uma pequena fala, mas é irônica. O narrador acompanha Atalia pelo plano espaço-temporal, narra do ponto de vista dela, mas não abandona seu próprio plano fraseológico. A única expressão fraseológica do ponto de vista de Atalia está no brevíssimo evento narrativo em que ela clama “traição!” No plano fraseológico o narrador diverge de Atalia ao chamar Joás de “o rei” ao afirmar que a congregação fez aliança com ele na Casa de Deus. Aquilo que pelo olhar dela era uma traição, pelo olhar do narrador e dos demais personagens era legítimo.

Chamar Joás de rei desde o início da narrativa é característica tanto de Reis como de Crônicas. A fraseologia dos personagens acompanham o narrador em ambos os livros. Onde Crônicas difere de Reis é na utilização do termo “levitas”, inserido no campo fraseológico tanto na voz do narrador quanto dos personagens Joiada e Joás. Quanto a este assunto o narrador de Crônicas se apresenta mais intruso ao explicar que Joiada não despediu os turnos (2 Cr 23.8); ao acrescentar que no momento em que tudo estava preparado para restaurar o trono ao descendente davídico, quando se tocava trombetas, “também os cantores com os instrumentos músicos dirigiam o canto de louvores” (2 Cr 23.13); ao relatar a morte de Atalia, acrescenta que “entregou Joiada a superintendência da Casa do SENHOR nas mãos dos

sacerdotes levitas, a quem Davi designara para o encargo da Casa do SENHOR, para oferecerem os holocaustos do SENHOR, como está escrito na Lei de Moisés, com alegria e com canto, segundo a instituição de Davi. Colocou porteiros às portas da Casa do SENHOR para que nela não entrasse ninguém que de qualquer forma fosse imundo” (2 Cr 23.18-19); ao dizer que Joás reuniu os sacerdotes, acrescentando também os levitas (2 Rs 12.4; 2 Cr 24.5-6); ao acrescentar a explicação de que Atalia arruinou a casa de Deus e profanou seus utensílios colocando-os a serviço da idolatria (2 Cr 24.7); e ao informar que a sepultura de Joiada fora na cidade de Davi com os reis “porque tinha feito bem em Israel e para com Deus e a sua casa.” (2 Cr 24.16).

O narrador de Crônicas esclarece melhor a expressão: “Fez Joás o que era reto perante o SENHOR, todos os dias em que o sacerdote Joiada o dirigia” (2 Rs 12.2; 2 Cr 24.2), ao inserir a narrativa da idolatria de Joás pela influência dos príncipes (2 Cr 24.17-24). Ali o narrador não só explica que Joás se desviou depois da morte de Joiada como também insere Zacarias, um personagem profeta e filho do sacerdote Joiada, que avalia a atitude do rei e anuncia juízo por causa da idolatria. Explica que os sírios vieram contra Joás e venceram com um número muito menor de homens porque Deus estava conduzindo os acontecimentos para promover punição. Assim, o narrador de Crônicas, no episódio de Joás, preenche lacuna e se mostra mais intruso.

#### 4.11 O REINADO DE AMAZIAS (2 Rs 14.1-20; 2 Cr 25.1-28)

A narração em 2 Reis 14.1-14 segue da seguinte forma: Amazias matou todos aqueles que assassinaram seu pai, deixando com vida os filhos deles, o que se revela um aspecto positivo uma vez que estaria cumprindo a lei de Moisés não matando os filhos pelos pecados dos pais. Depois feriu dez mil edomitas e desafiou o rei Jeoás de Israel, sendo por este advertido e oferecida a paz, mas, ignorando-o, Amazias foi derrotado, preso e seu reino, saqueado. A única parte em Reis onde há um evento narrativo é este desafio de Amazias e a resposta do Jeoás. A grande lição da narrativa no livro de Reis está na parábola de Jeoás a respeito da soberba de Amazias por ter derrotado os edomitas. Amazias não atende as suas palavras e é derrotado. Depois disto, encerra-se a narrativa relatando que houve uma conspiração contra Amazias, o qual fugiu para a cidade de Laquis, onde foi morto. Então foi sepultado na cidade de Davi. O livro de Crônicas omite tanto a informação inicial, onde localiza o reinado de Amazias em relação ao rei Jeoás, de Israel e a fórmula final do reinado deste. Dessa forma o narrador segue nesta pequena narrativa sua tendência geral no livro das

Crônicas que é omitir tudo o que se refere ao reino do Norte a menos que tenha algo relacionado ao enredo do reino do Sul.

<b>Comparação entre Reis e Crônicas – O Reinado de Amazias</b>	
<p><b>2 Rs 14.1-3</b> No segundo ano de Jeoás, filho de Jeoacaz, rei de Israel, começou a reinar Amazias, filho de Joás, rei de Judá. <sup>2</sup> Tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar e vinte e nove reinou em Jerusalém. Era o nome de sua mãe Jeoadã, de Jerusalém. <sup>3</sup> Fez ele o que era reto perante o SENHOR, <b>ainda que não como Davi, seu pai; fez, porém, segundo tudo o que fizera Joás, seu pai.</b></p>	<p><b>2 Cr 25.1-2</b> Era Amazias da idade de vinte e cinco anos quando começou a reinar e reinou vinte e nove anos em Jerusalém; sua mãe se chamava Jeoadã, de Jerusalém. <sup>2</sup> Fez ele o que era reto perante o SENHOR; <b>não, porém, com inteireza de coração.</b></p>
<p><b>2 Rs 14.4-6; 2 Cr 25.3-4</b>– Amazias mata os assassinos de seu pai, mas poupa seus filhos.</p>	
	<p><b>2 Cr 25.5-10</b> – Amazias organiza seu exército e contrata mercenários de Israel. Um profeta diz que se levasse homens de Israel seria derrotado porque Deus não era com eles. Diante disso, Amazias despensa os homens contratados, o que os deixou muito irados.</p>
<p><b>2 Rs 14.7; 2 Cr 25.11</b> – Amazias fere dez mil edomitas.</p>	
	<p><b>2 Cr 25.12-16</b> – os israelitas também mataram mais dez mil edomitas lançando-os de um penhasco. Os homens de Israel despedidos por Amazias atacaram Judá, mataram três mil e tomaram muitos despojos. Ao retornar da batalha, Amazias trouxe deuses e os adorou. Um profeta mandado por Deus o questionou por tal atitude, mas o rei o rejeitou e o ameaçou. Então o profeta anuncia a destruição de Amazias.</p>
<p><b>2 Rs 14.8-11a; 2 Cr 25.17-20a</b>–Amazias desafia Jeoás, o qual o aconselha a desistir. Mas Amazias não lhe dá ouvidos.</p>	
	<p><b>2 Cr 25.20b</b> → <b>porque isto vinha de Deus, para entregá-los nas mãos dos seus inimigos, porquanto buscaram os deuses dos edomitas.</b></p>
<p><b>2 Rs 14.11b-14; 2 Cr 25.21-24</b>–Judá foi derrotado por Israel e o rei Jeoás prendeu o rei Amazias, levou-o a Jerusalém, saqueou a cidade, o templo, tomou reféns e retornou a Samaria.</p>	
<p><b>2 Rs 14.15-16</b> – fórmula conclusiva do reinado de Jeoás, de Israel.</p>	
<p><b>2 Rs 14.17-20; 2 Cr 25.25-28</b> – fórmula conclusiva do reinado de Amazias, de Judá.</p>	

Em Crônicas o narrador se apropria dessa narrativa desenvolvendo seu enredo. Ele substitui a comparação de Amazias com Davi e com Joás e suspende a informação sobre os sacrifícios nos altos deixando a narrativa deste rei dividida em uma parte positiva e outra

negativa. Ele simplesmente afirma que Amazias não agiu “com inteireza de coração”, deixando margem para a elaboração da segunda parte sob um aspecto negativo. A inclusão deste aspecto negativo é que possibilitará a formação do discurso teológico em favor da doutrina da retribuição. Ela também fornecerá uma explicação para a derrota militar não contemplada no livro de Reis (JAPHET, 2009, p. 246).

O aspecto positivo encontra-se no cumprimento da Lei religiosa de Israel, conforme se encontra no livro de Deuteronômio 24.16 (2 Cr 25.4), seguindo o livro de Reis. Este fato vai explicar a vitória sobre os edomitas, que o narrador de Crônicas vai enfatizar com o acréscimo de que outros dez mil também foram mortos pelos judaitas (2 Cr 25.12). O evento narrativo e a explicação acrescentado nesta parte (2 Cr 25.7-10) faz a transição para a parte negativa da vida do rei, que é o fato de ter se apropriado dos deuses edomitas. O aditamento que se segue trará novo evento narrativo na interação entre profeta e Amazias (2 Cr 25.15-16), trazendo pela boca do personagem profeta a avaliação do ato do rei e sua consequência. Depois disto, o narrador segue sua fonte com o evento narrativo onde Amazias desafia Jeoás. A acompanhar o relato de Reis de que “Amazias não quis atendê-lo” (2 Rs 14.11a; 2 Cr 25.20a), insere a explicação “porque isto vinha de Deus, para entregá-lo nas mãos dos seus inimigos, porquanto buscaram os deuses dos edomitas” (2 Cr 25.20b). Aqui pode-se notar o ponto de vista ideológico (teológico) em consonância com o ponto de vista fraseológico entre o narrador e o profeta: “buscaste deuses” (2 Cr 25.15b) e “buscaram os deuses” (2 Cr 25.20b).

Na sequência o narrador segue sua fonte pela situação autoral dizendo que Judá foi derrotado, fazendo o enredo concordar com aquilo que foi dito através da mediaticidade do narrador em avaliação autoral e mostrado nos eventos narrativos. Finalmente, o narrador estrategicamente coloca um indicador de tempo para dar sentido ao que o enredo contido em Reis deixou como lacuna. Isso ocorre no versículo 27, quando descreve que a conspiração contra Amazias como tendo começado assim que se desviou do seu Deus, relacionando sua morte à apostasia e à desobediência ao profeta (KLEIN, 2012, 2 Cr 25.27§1; McKenzie, 2004, posição 4870-4871). McKenzie nota que “do ponto de vista literário, a apostasia de Amazias, de outra forma inexplicável, configura a sua destruição anunciada pelo profeta” (2004, posição 4842-4843, tradução nossa).

Em Reis encontra-se uma avaliação positiva (2 Rs 14.3) e um evento narrativo que demonstra insensatez em Amazias (2 Rs 14.8-11). Em Crônicas a avaliação autoral positiva continua, porém, sem a comparação de Amazias com os reis Davi e Joás. Esta é substituída por uma expressão que dá margem ao acréscimo que o narrador fará na narrativa, possibilitando a reversão do positivo em negativo a fim de discursar teologicamente em favor

da retribuição. Em seu enredo reformulado, o leitor encontrará um rei que foi abençoado quando cumpriu a lei e castigado quando praticou idolatria e ignorou o profeta (em última instância o próprio Deus).

O narrador se mostrou nesta narrativa bem mais presente do que no enredo encontrado em Reis. O novo discurso que estabelece visa defender a retribuição, como um discurso religioso, tendo como segundo plano o discurso contra a idolatria e em favor da Lei de Moisés. Deus é o personagem que controla os acontecimentos do enredo retribuindo aos obedientes ou desobedientes o que cada um merece em determinado momento. Como discurso político o narrador desperta no leitor a consciência de que “Jerusalém não é invulnerável a ataques estrangeiros” (MCKENZIE, 2004, posição 4885 tradução nossa). Se no período da monarquia isso já era uma realidade, serve aos judeus pós-exílicos como sinal de uma vulnerabilidade ainda maior, já que em seu momento não constituíam mais do que uma província persa. Isto implica num discurso de sujeição a Ciro, o imperador persa, cujo decreto no final do livro o coloca numa posição de certa forma equivalente aos melhores reis de Judá por ser o responsável pela reconstrução de Jerusalém e do templo.

#### 4.12 O REINADO DE UZIAS (2 Rs 14.21-15.7; 2 Cr 26.1-2)

O filho de Amazias é chamado de Uzias ou de Azarias tanto em Reis quanto em Crônicas (2 Rs 14:21; 15:1; 1 Cr 3:12; 2 Cr 26:3-4). No relato de 2 Crônicas 26 ele é sempre chamado de Uzias, provavelmente para distingui-lo do sacerdote Azarias mencionado apenas em Crônicas, e que aparece justamente na narrativa sobre Uzias (2 Cr 26.17). Seu reinado tem início idêntico a Reis em Crônicas (2 Rs 21-22; 2 Cr 26.1-2). O livro de Reis prossegue dando informações do reinado de Jeroboão II em Israel (2 Rs 14.23-29) para continuar a falar sobre o rei Uzias, de Judá, só no capítulo 15. O narrador de Crônicas exclui tudo o que se refere a Jeroboão, inclusive o primeiro versículo de 2 Reis 15, que situa a data do reinado de Uzias de acordo com o reinado de Jeroboão, e volta a acompanhar a narrativa de Reis a partir do segundo versículo (2 Cr 26.3-4), relatando a idade, o tempo de reinado, o nome da mãe e uma avaliação: “fez o que era reto...”. Depois disto, ele exclui a informação de que os altos permaneceram e eram utilizados pelo povo (2 Rs 15.4) e passa a dar informações do rei Uzias que não estavam em Reis (2 Cr 26.5-20).

O primeiro versículo dessa inserção (v. 5) introduz a seção fornecendo a sua ideologia. Nota-se o tema “buscar a Deus”, expressão que ocorre duas vezes num único versículo. O narrador diz que o rei buscou a Deus e interpreta que sua prosperidade veio de Deus e foi pelo



fato de tê-lo buscado. Dito isto, o narrador passa a ilustrar a prosperidade de Uzias, começando pela sua vitória sobre os filisteus, arábios e meunitas (2 Cr 26.6-7). Relata que Uzias tornou-se renomado e avaliou que isto aconteceu “porque se tinha tornado em extremo forte” (2 Cr 26.8). Relata também suas construções: torres, portais, fortificações e cisternas (2 Cr 26.9-10). Quanto às cisternas, explica: “porque tinha muito gado”. Ainda explica que possuía lavradores e vinhateiros como funcionário “porque era amigo da agricultura”. O narrador segue dando informações sobre o exército e as armas produzidas no reinado de Uzias (2 Cr 26.11-15) e retoma a informação de sua fama crescente entre as nações, mais uma vez avaliando: “porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte” (v. 15).

Até esse ponto tudo se passa na voz do narrador autoral que dá informações e relatos para exemplificar a prosperidade de Uzias, avaliando que tudo o que conseguiu foi pela ajuda divina e que foi ajudado pelo fato de ter buscado a Deus. O versículo 16 marcará fortemente uma mudança na vida deste rei. O narrador não diz simplesmente que o rei queimou incenso no templo para o Senhor; ele também influencia a compreensão do seu leitor, dizendo que isto é uma transgressão contra Deus e que sua atitude foi movida por uma arrogância. O leitor poderia perguntar pelo motivo de o narrador entender assim, em vez de entender que o rei queimou incenso por causa de sua devoção. É então que o narrador fornece a explicação para o fato da atitude do rei estar errada. E este motivo é um marco muito forte na ideologia do livro de Crônicas, ou seja, apenas os sacerdotes poderiam queimar incenso. O narrador informa que o sacerdote Azarias foi atrás do rei com mais oitenta sacerdotes a fim de impedi-lo. Como se tratava de impedir um rei, o narrador avalia tais sacerdotes como sendo “da maior firmeza”, tomando o mesmo ponto de vista ideológico deles e preparando o leitor para também assumir tal ponto de vista (2 Cr 26.17).

A importância do ponto de vista de que queimar incenso era exclusividade dos sacerdotes se destaca também pelo fato de nesta parte ser apresentado o único discurso direto desta inserção: “A ti, Uzias, não compete queimar incenso perante o SENHOR, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, que são consagrados para este mister; sai do santuário, porque transgrediste; nem será isso para honra tua da parte do SENHOR Deus”. A ideologia de que só os sacerdotes consagrados para este fim e a avaliação de que isto se tratava de uma transgressão, dados na perspectiva interna, oferecem ao leitor presenciar a cena. Não há diálogos, apenas uma fala que se constitui o ápice na narrativa.

Depois disto, o narrador apresenta o resultado da atitude de Uzias. Em vez de se arrepender e atender à exortação dos sacerdotes, ele se indignou contra eles e tornou-se leproso naquele momento e saiu do local sagrado e passando a viver em isolamento (2 Cr

26.19-21). Tudo o que o livro de Reis diz sobre isso é que o rei ficou leproso e viveu em casa separada (2 Rs 15.5a), mas sem fazer qualquer avaliação ou mesmo mencionar a ousadia do rei. O narrador cronista ainda dá mais uma explicação, a de que o rei morou em casa separada “porque foi excluído da Casa do SENHOR” (2 Cr 26.21a). Além de todos os dados e avaliações fornecidas pelo narrador, dizer que a lepra foi um castigo divino, também contribui para comprovar ao leitor o ponto de vista ideológico da exclusividade sacerdotal.

O final da história acompanha a narrativa de Reis informando que nos dias da enfermidade de Uzias, seu filho Jotão governava (2 Rs 15.5b; 2 Cr 21b). Depois apresenta alguns detalhes diferentes. No lugar da fonte mencionada pelo livro de Reis: o livro da história dos Reis de Judá (2 Rs 15.6), Crônicas menciona o profeta Isaías (2 Cr 26.22). Quanto ao sepultamento do rei Uzias, além de dizer que foi sepultado com seus pais na cidade de Davi, como em Reis (2 Rs 15.7), informa também que foi sepultado “no campo do sepulcro” o que se explica pelo fato de ser leproso. Aqui mais uma vez a explicação vem pela voz do narrador: “porque disseram: ‘ele é leproso’” (2 Cr 26.23).

Observa-se na narrativa do reinado de Uzias um considerável acréscimo em relação ao relato de Reis permeado de explicações e avaliações em sumários, reservando para o evento narrativo apenas o ponto crucial da ideologia no discurso direto dos sacerdotes. Todos os relatórios e as informações visam exemplificar e explicar que “buscar a Deus” gera bênçãos e que infringir sua lei leva à desgraça.

Como Reis termina sua narrativa dizendo “Jotão reinou em seu lugar” (2 Rs 15.7), Crônicas também o faz, porém, prosseguindo o relato do próximo rei de Judá. Da mesma forma como o narrador cronista omitiu o reinado de Jeroboão II, de Israel, omite também, depois da narrativa de Uzias, outros reis de Israel: Zacarias, Salum, Manaém, Pecaías e Peca (2 Rs 15.8-31).

#### 4.13 O REINADO DE JOTÃO (2 Rs 15.32-38; 2 Cr 27.1-9)

A narrativa do rei Jotão é pequena tanto em Reis quanto em Crônicas. No entanto, neste livro ela é maior. Quase não há narrativa sobre este rei. Em ambos os livros são mencionados alguns dados que normalmente introduzem cada reinado e uma avaliação positiva (2 Rs 15.34; 2 Cr 37.2a). O texto desta avaliação é ampliada pelo narrador em Crônicas, diminuindo o que era positivo ao acrescentar à avaliação de sua retidão: “exceto que não entrou no templo do SENHOR” (2Cr 37.2b). Ele também altera “o povo ainda queimava

e sacrificava incenso nos altos” (2 Rs 15.35b) para “e o povo continuava na prática do mal” (2 Cr 37.2c), transformando um simples sumário em avaliação.

O livro de Reis aponta uma edificação feita por este rei (2 Rs 15.35c) ao que em Crônicas se acrescenta outras (2 Cr 27.3-4). O narrador também acrescenta um sumário sobre a vitória de Jotão numa guerra contra os amonitas bem como os impostos anuais que isto lhe rendeu (2 Cr 35.5). Esta pequena narrativa permite ao narrador inserir sua ideologia ao comentar e explicar o resultado desta guerra: “assim Jotão se foi tornando mais poderoso porque dirigia os seus caminhos segundo a vontade do SENHOR, seu Deus” (2 Cr 35.6). Isto significa que nesta curta narrativa o narrador também se revela muito mais em Crônicas do que em Reis.

#### 4.14 O REINADO DE ACAZ (2 Rs 16.1-20; 2 Cr 28.1-27)

Os primeiros versos de ambas as narrativas são altamente avaliativas e explicativas, com alto grau de mediaticidade (2 Rs 16.1-4; 2 Cr 28.1-4). O rei Acaz é avaliado como alguém que “não fez o que era reto perante o SENHOR”. Isto é exemplificado pelos relatos que seguem a avaliação, os quais dizem que praticou idolatria, queimou seus próprios filhos, e ofereceu sacrifícios em outros lugares. O narrador em Crônicas especifica melhor a idolatria relatando que Acaz fizera imagens de baal e queimou incenso no vale de Hinom, que, segundo Klein, é um local associado ao sacrifício infantil (2012, 28.3§1). Isto é avaliado como abominação.

Depois da avaliação inicial, o narrador cronista substitui uma breve menção à peleja dos reis Rezim da Síria e Remalias de Israel contra Acaz por um episódio bem mais dinâmico e complexo. O narrador continua o que vinha avaliando na introdução e produz uma explicação a partir dos oponentes, dizendo que vieram contra ele por causa das abominações que praticava (2 Cr 28.5). Na sequência, ele também substitui “porém não puderam prevalecer contra ele” por “foi entregue nas mãos do rei de Israel, o qual lhe infligiu grande derrota” seguida de explicação (2 Cr 28.6). Em Crônicas a narrativa descreve a derrota de Acaz e que somente ficou em paz depois que o profeta Obede repreendeu os israelitas do norte. Estes, obedecendo o profeta, restauraram seus irmãos de Judá (2 Cr 28.7-15). Em meio de sumários há dois discursos diretos: o do profeta (2 Cr 28.9-11) e o de alguns líderes de Israel (2 Cr 28.13). Não há interação entre os personagens, e sim duas falas no meio de sumários. Com tal adaptação no enredo, o narrador pode produzir seu discurso religioso a respeito do que

acontece com quem abandona o Deus de Israel, o que está colocado conceitualmente na voz do narrador (2 Cr 28.6b).

A próxima parte da narrativa (2 Cr 28.16-25) toma poucas palavras de Reis. No início, apenas a expressão “naquele temo” (2 Rs 16.6) é aproveitada pelo narrador (2 Cr 28.16); posteriormente, as expressões “Casa do SENHOR”, “casa do rei” e “rei da Assíria” (2 Rs 16.8; 2 Cr 28.21). O restante do enredo é adaptado. A ampliação de 2 Reis 16.7 em 2 Crônicas 28.16-20 fornece explicações e comentário dizendo que Acaz pediu auxílio à Assíria e foi atacado por diversos inimigos “porque o SENHOR humilhou a Judá por causa de Acaz, porque este permitirá que Judá caísse em dissolução, e ele, de todo, se entregou à transgressão contra o SENHOR” (2 Cr 28.19). O pedido de Acaz ao rei da Assíria em discurso direto (2 Rs 16.7) é transformado em sumário acrescido de comentário (2 Cr 28.20). Então, o narrador transforma a narração de 2 Reis 16.8 em explicação, conforme tabela abaixo:

2 Reis 16.7-8	2 Crônicas 28.20-21
<p><sup>7</sup> Acaz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, dizendo: <i>Eu sou teu servo e teu filho; sobe e livra-me do poder do rei da Síria e do poder do rei de Israel, que se levantam contra mim.</i></p>	<p><sup>20</sup> mandou o rei Acaz pedir aos reis da Assíria que o ajudassem. [...] <sup>20</sup> Veio a ele Tiglate-Pileser, rei da Assíria; porém o pôs em aperto, em vez de fortalecê-lo.</p>
<p><sup>8</sup>Tomou Acaz a prata e o ouro que se acharam na Casa do SENHOR e nos tesouros da casa do rei e mandou de presente ao rei da Assíria.</p>	<p><sup>21</sup> <b>Porque</b> Acaz tomou despojos da Casa do SENHOR, da casa do rei e da dos príncipes e os deu ao rei da Assíria</p>

O narrador também acrescenta exemplos de transgressões do rei Acaz com comentários e explicações (2 Cr 28.22-25) no lugar da narração de 2 Reis 16.9-18, tanto entre sumários como em discurso direto:

Pois ofereceu **sacrifícios aos deuses de Damasco, que o feriram**, e disse: **Visto que os deuses dos reis da Síria os ajudam, eu lhes oferecerei sacrifícios para que me ajudem a mim.** Porém **eles foram a sua ruína e a de todo o Israel.** <sup>24</sup> Ajuntou Acaz os utensílios da Casa de Deus, fê-los em pedaços e fechou as portas da Casa do SENHOR; e fez para si altares em todos os cantos de Jerusalém.<sup>25</sup> Também, em cada cidade de Judá, fez altos para queimar incenso a outros deuses; **assim, provocou à ira o SENHOR,** Deus de seus pais. (grifo nosso).

A narrativa termina (2 Cr 28.26-27) acompanhando o final contido 2 Reis 16.19-20, contendo uma inserção que comenta sutilmente a reação de homens que reprovaram o rei Acaz dizendo: “porém, não o puseram nos sepulcros dos reis de Israel”.

As mudanças, os comentários, as explicações e as avaliações dão ao narrador de Crônicas uma presença muito mais marcante do que o de Reis. O narrador se impõe diante do

leitor dando razões baseadas em sua ideologia para que os acontecimentos se desenvolvam da maneira como narrou.

#### 4.15 O REINADO DE EZEQUIAS (2 Rs 18.1-20.21; 2 Cr 29.1-32.33)

A história de Ezequias apresentada tanto em Reis quanto em Crônicas mostra um rei fiel ao Deus dos judeus, avaliado como reto cumpridor dos mandamentos. Ele lutou contra a idolatria e por isso foi abençoado por Deus que lhe deu vitória contra alguém muito mais forte: o rei Senaqueribe da Assíria. Em Crônicas este rei é retratado como comparável a Davi e a Salomão e marca um contraste muito forte com Acaz, seu antecessor. Neste livro, sua preocupação com o templo, com o serviço sacerdotal e levítico e com as festas religiosas são marcantes.

O reinado de Ezequias, no entanto, é bastante modificado em Crônicas. A primeira seção, que em Reis se constitui de sumário (2 Rs 18.2-4), é acrescida com relatos de atos religiosos com listas de nomes e relatório de ofertas e discursos diretos isolados e a segunda, onde consta principalmente eventos narrativos sofre muitas omissões. Quando o narrador de Reis oferece uma avaliação do rei Ezequias, o narrador de Crônicas a repete e acrescenta muito material sobre a consagração de levitas e sacerdotes (2 Cr 29.3-36), a celebração da páscoa (2 Cr 30.1-27) e provisões para os sacerdotes e levitas (2 Cr 31.1-19). A maneira como ele encaixa tais relatos dá ao leitor a ideia de que a boa avaliação do rei se deveu principalmente por ter incentivado o ministério deles. O grande acréscimo, no qual as palavras vindas de Reis apenas servem como estrutura, consta de três capítulos (29-31) e terminam com a repetição da avaliação: “Assim fez Ezequias em todo o Judá; fez o que era bom, reto e verdadeiro perante o SENHOR, seu Deus. Em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, de todo o coração o fez e prosperou” (2 Cr 31.20-21). Dessa maneira o narrador de Crônicas forma uma inclusão fechando os três capítulos como uma unidade.

2 Reis 18-20	2 Crônicas 29-31
2 Rs 18.1 – datação do reinado de Ezequias, de Judá, em relação ao reino de Israel	
2 Rs 18.2-3; 2 Cr 29.1-2 - Tinha 25 anos de idade quando começou a reinar e reinou 29 anos em Jerusalém; sua mãe se chamava Abi e era filha de Zacarias. <b>Fez ele o que era reto perante o SENHOR, segundo tudo o que fizera Davi, seu pai.</b>	
	2 Cr 29.3-36 – Ezequias repara o Templo e manda que os sacerdotes e levitas santifiquem o

	local e a si mesmos para o serviço religioso (3-19); ordena que os sacerdotes fizessem ofertas (20-24); estabelece levitas músicos 34-36).
	<b>2 Cr 30</b> - Ezequias convoca todos para a celebração da páscoa, incluindo israelitas do norte.
<b>2 Rs 18.4; 2 Cr 31.1</b> – o povo destrói altares e ídolos	
	<b>2 Cr 31.2-19</b> – provisões para os sacerdotes e levitas
<sup>5</sup> Confiou no SENHOR, Deus de Israel, de maneira que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele. <sup>6</sup> Porque se apegou ao SENHOR, não deixou de segui-lo e guardou os <u>mandamentos</u> que o SENHOR ordenara a Moisés. <sup>7</sup> Assim, foi o SENHOR com ele; para onde quer que saía, lograva bom êxito; [...]	<sup>20</sup> Assim fez Ezequias em todo o Judá; <u>fez o que era bom, reto e verdadeiro perante o SENHOR, seu Deus.</u> <sup>21</sup> Em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos <u>mandamentos</u> , para buscar a seu Deus, de todo o coração o fez e prosperou.

Na primeira parte do acréscimo (2 Cr 29.3-33), o rei restaura o templo e manda que os sacerdotes e levitas se santifiquem e purifiquem o templo (2 Cr 29.3-11). Estes fizeram o que o rei mandou (2 Cr 29.12-19). Ezequias mandou que fossem oferecidos sacrifícios (2 Cr 29.20-21), sendo em seguida descrito este serviço (2 Cr 29.22-24). O rei também restabeleceu os levitas músicos para tocarem enquanto se ofereciam sacrifícios (2 Cr 29.25-30), deu ordem ao povo para que trouxessem animais para o sacrifício. Neste ponto, o narrador fornece relatório do número de animais trazidos (2 Cr 29.31-33). Três discursos diretos encontram-se nesta parte: o do rei, ordenando aos levitas e sacerdotes que se santificassem e ao templo (2 Cr 29.4-11), a dos levitas e sacerdotes mencionando que já realizaram a purificação (2 Cr 29.18-19) e a ordem do rei para iniciarem os sacrifícios (2 Cr 29.31a). O discurso de Ezequias apresenta a razão pela qual deveria haver purificação, foi o desprezo pelo templo da parte dos seus ancestrais, explica que pelo mesmo motivo Deus castigou seu povo e a escolha divina daqueles ministros para realizarem a santificação. São avaliações que o narrador deixou por conta do personagem ao qual atribui exemplar piedade. Em sua própria voz o narrador também dá explicações e avaliações (2 Cr 29.24,25,34,35).

Na segunda parte (2 Cr 30.1-27), Ezequias manda cartas a toda parte do reino para que celebrem a páscoa, enfatizando que houve alegria. Nesta parte há dois discursos diretos do rei. O primeiro é a convocação para a celebração da páscoa através dos correios (2 Cr 30.6-9); o segundo é uma oração (2 Cr 30.18b-19). Na voz do narrador há explicações (2 Cr 30.2-3, 17-18a) e uma avaliação final, na qual afirma que não houve celebração igual desde Salomão (2 Cr 30.26).

No início da terceira parte (2 Cr 31.1-19) há uma referência a 2 Reis 18.4 (2 Cr 31.1) para então seguir novo grande acréscimo. Nela, o povo sai destruindo os ídolos e seus altares no território de Judá e de Israel (2 Cr 31.1), o rei organiza o serviço sacerdotal e levítico em turnos (2 Cr 31.2-3) e provê recursos para isto dentre o povo, provendo também local para guardar os proventos e a organização dos responsáveis por distribuí-los (2 Cr 31.4-19). Aqui há um único discurso direto, do sumo-sacerdote, confirmando ao rei que sobrava recursos para sua subsistência e atribuindo isto à bênção divina (2 Cr 31.10).

O acréscimo termina com nova avaliação de Ezequias como tendo sido “bom, reto e verdadeiro” (2 Cr 31.20-21), fazendo resumidamente menção do tema dos capítulos 29-31. Dessa forma, o narrador relaciona o cumprimento dos mandamentos, mencionado em Reis, especificamente com aqueles a respeito dos serviços sacerdotal e levítico.

A avaliação do narrador que fecha a grande seção acrescentada em Crônicas substitui a avaliação do narrador de Reis (2 Rs 18.5-6) que em seu contexto dá início a uma nova seção: as vitórias do rei Ezequias pela sua fidelidade (2 Rs 18.7-19.37). O livro de Reis não trata de Ezequias especificamente em relação aos serviços do templo, mas simplesmente como aquele que fora fiel e obediente aos mandamentos divinos. A partir de então, passa a relatar as vitórias que obteve, principalmente contra Senaqueribe, o rei da Assíria, que despontava como o grande império daquela época. Composto principalmente por evento narrativo, toda esta parte é extremamente resumida em Crônicas, mantendo apenas o discurso direto de Senaqueribe afrontando Judá (2 Rs 18.19-25; 2 Cr 32.10-15). A busca de Ezequias por Deus, a derrota divinamente providenciada e a morte de Senaqueribe são transformados num breve sumário (2 Cr 32.18-21).

2 Reis 18-20	2 Crônicas 32
<p><sup>5</sup>Confiou no SENHOR, Deus de Israel, de maneira que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele. <sup>6</sup> Porque se apegou ao SENHOR, não deixou de segui-lo e guardou os mandamentos que o SENHOR ordenara a Moisés. <sup>7</sup>Assim, foi o SENHOR com ele; para onde quer que saía, lograva bom êxito; [...]</p>	<p><sup>20</sup> Assim fez Ezequias em todo o Judá; fez o que era bom, reto e verdadeiro perante o SENHOR, seu Deus. <sup>21</sup> Em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, de todo o coração o fez e prosperou.</p>
<p><b>2 Rs 18.5-12</b> – Ezequias confiou em Deus e por este abençoado recusou-se a servir ao rei Assírio e venceu os filisteus. O rei Salmaneser, da Assíria, tomou Samaria e levou cativo o povo do reino de Israel pelo fato de terem negligenciado a lei de Deus.</p>	
<p><b>2 Rs 18.13</b> - <sup>13</sup> No ano décimo quarto do rei</p>	<p><b>2 Cr 32.1</b> -<sup>1</sup>Depois destas coisas e desta</p>

Ezequias, subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades fortificadas de Judá e as tomou.	fidelidade, veio Senaqueribe, rei da Assíria, entrou em Judá, acampou-se contra as cidades fortificadas e tentou apoderar-se delas.
	<b>2 Cr 32.2-8</b> - Ezequias mandou tapar as fontes de água que poderiam abastecer o exército assírio e preparou a defesa da cidade.
<b>2 Rs 18.14-19.37</b> - Ezequias retira tesouro do templo para pagar a Senaqueribe para que o deixe, mas este não desiste e tenta intimidar o rei de Judá para que se entregue porque o seu Deus não o poderia livrar. Ezequias mandou consultar o profeta Isaías que respondeu dizendo que Deus mataria o rei assírio e que este não conseguiria entrar em Jerusalém. O anjo do Senhor matou muitos assírios, o rei voltou a Nínive e foi assassinado por seus filhos no templo de seu deus.	<b>2 Cr 32.9-23</b> - Senaqueribe tenta intimidar Ezequias para que se entregue porque o seu Deus não o poderia livrar. Ezequias e o profeta Isaías clamaram a Deus e este enviou um anjo que destruiu o exército assírio e o rei voltou para sua terra e foi assassinado por seus filhos no templo de seu deus. Ezequias foi enaltecido pelas nações.
<b>2 Rs 20.1-11</b> - Ezequias adoeceu mortalmente. O profeta Isaías manda que coloque sua casa em ordem. O rei orou a Deus com base em sua fidelidade. Deus responde através do profeta que o curaria. Ezequias pede um sinal e o recebe: o sol retrocedeu dez graus.	<b>2 Cr 32.24</b> - Naqueles dias, adoeceu Ezequias mortalmente; então, orou ao SENHOR, que lhe falou e lhe deu um sinal.
<b>2 Rs 20.12-19</b> -Sabendo que Ezequias estivera doente, o príncipe da Babilônia enviou cartas e um presente. O rei de Judá se alegrou e mostrou aos mensageiros todo o seu tesouro. O profeta Isaías o informa que os babilônios viriam depois de seus dias e levariam tudo, inclusive os seus descendentes para serem servos. Ezequias se satisfaz em saber que isso não ocorreria em seus dias.	<b>2 Cr 32.25-31</b> – Ezequias se exaltou e recebeu a ira de Deus. Havia recebido muita riqueza e feito grandes obras, mas foi desamparado por Deus quando vieram os mensageiros babilônicos.
	<sup>31</sup> Contudo, quando os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informar do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, <b>para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração.</b>
<b>2 Rs 20. 20-21; 2 Cr 32.32-33</b> - Fórmula conclusiva do reinado de Ezequias.	

O narrador avalia Ezequias, sem mencionar suas atitudes, dizendo que ele se exaltou e explica que essa foi a causa de um castigo (2 Cr 32.25). Depois de um sumário dizendo que Ezequias se arrependeu e foi muito rico (2 Cr 32.26-30) o narrador menciona a visita dos embaixadores. Esta é marcada por evento narrativo em Reis (2 Rs 20.12-19), mas apenas brevemente mencionada em Crônicas (2 Cr 32.31). O narrador termina explicando que Deus estaria provando Ezequias. O término da narrativa do reinado de Ezequias segue o padrão de mencionar onde encontra os relatos, sua morte, sepultamento e quem foi seu sucessor (2 Rs 20.20-21; 2 Cr 32.32-33).



Ao ampliar o aspecto positivo do rei Ezequias atribuindo-o ao serviço religioso e ao resumir o evento narrativo da resistência à Assíria, o narrador de Crônicas enfatiza o discurso religioso em favor do que é feito no templo em detrimento do discurso contra a idolatria. As avaliações, explicações e descrições das responsabilidades e das atitudes dos sacerdotes e levitas fazem do narrador de Crônicas muito mais presente no texto diante do leitor. De forma muito mais conceitual ele trabalha com muita autoridade diante deste. O narrador de Reis é avaliador, porém, em menor intensidade do que o de Crônicas e trabalha de forma muito mais sutil.

A maneira como o narrador retrata a história de Ezequias faz com que se assemelhe a Davi e Salomão. Conforme Klein, temas importantes, como as atitudes de Deus para com o rei, as do rei para com Deus e para com o templo e o serviço feito nele e até mesmo palavras proferidas, fazem com que Ezequias seja, em Crônicas, alguém comparável a Davi e a Salomão (2012,29§15-16). A força disto como discurso é a unidade do reino. Ezequias exerceu uma liderança espiritual entre aqueles do reino do norte que permaneceram fiéis ao Deus dos judeus. Isto marca o discurso para a época da escrita no sentido de que judeus em qualquer parte do mundo deveriam ser fiéis ao culto estabelecido em Jerusalém como algo que marcasse a identidade do povo judeu. Assim, como judeus que habitavam fora da jurisdição do reino de Judá antes do exílio babilônico permaneceram em unidade religiosa com todos aqueles que se devotavam a Deus através do templo de Jerusalém, aqueles judeus de todas as partes, incluindo aqueles que não retornaram do exílio, poderiam manter sua identidade no período pós-exílio através do culto nele centralizado.

#### 4.16 O REINADO DE MANASSÉS (2 Rs 21.1-18; 2 Cr 33.1-20)

No relato do reinado de Manassés, o narrador acompanha 2 Reis 21 até o versículo 9. Os dados iniciais seguem o padrão de informar idade, tempo de reinado e avaliação, que no caso deste rei, “fez o que era mau” (2 Rs 21.2; 2 Cr 33.2). Na sequência vêm os exemplos que comprovam a avaliação indicando os atos de idolatria: reedificação dos altos que Ezequias havia destruído, edificação de altares aos baalins, postes-ídolos, adoração ao exército dos céus, edificação de altares idólatras dentro do templo, queima de seus filhos aos deuses, prática de adivinhações, consulta a médiuns e feiticeiros (2 Rs 21.3-6a; 2 Cr 33.3-6a).

Muito avaliativa é a parte que encerra este trecho. Primeiramente ela diz que “prosseguiu em fazer o que era mau [...]” (2 Rs 21.6b; 2 Cr 33.6b), depois menciona a imagem que o rei introduziu no templo com retrospecto das palavras divinas que afirmavam a

escolha do local e sua presença sob a condição de guardarem os mandamentos (2 Rs 21.7-8; 2 Cr 33.7-8). Finalmente reforça a avaliação nestes termos: “fez errar [...], de maneira que fizeram pior do que as nações [...]” (2 Rs 21.9; 2 Cr 33.9).

2 Reis	2 Crônicas
<b>2 Rs 21.1-9; 2 Cr 33.1-9</b> - Sumário com a introdução do reinado de Manassés com avaliação muito negativa do narrador colocando-o como tendo feito pior do que as nações. Reedificou altares idólatras, fez outros a Baal, um poste-ídolo, adorou todo o exército dos céus, colocou altares idólatras dentro do Templo do Senhor, queimou seu filho como sacrifício, praticava adivinhação e tratou com médiuns e feiticeiros.	
<b>2 Rs 21.10-16</b> - Em discurso direto, Deus anuncia juízo contra Judá por causa da idolatria e o avalia como mau. Em sumário o narrador também o avalia novamente como mau por ter derramado muito sangue.	<b>2 Cr 33.10-11-17</b> - Em sumário o narrador avalia que Manassés não deu ouvidos à advertência e explica que por isso trouxe contra ele a Assíria que o levou cativo.
	<b>2 Cr 33.12-17</b> – Manassés orou a Deus se humilhando e Deus lhe restaurou em seu trono. Então, realizou edificações e fortificou cidades. Retirou a idolatria do templo, reparou-o, ofereceu sacrifícios a Deus e ordenou que o povo fizesse o mesmo.
<b>2 Rs 21.17-18</b> - fórmula conclusiva do reinado de Manassés	<b>2 Cr 33.18-20</b> - fórmula conclusiva do reinado de Manassés, com referências à sua conversão.

A fala de Deus que o narrador apenas menciona em Crônicas é descrita em 2 Reis 21.11-15, na qual a avaliação se repete pela voz do personagem portador da ideologia do narrador: os profetas que falam da parte de Deus. Este discurso direto começa e termina com avaliações: “fazendo pior que tudo que fizeram os amorreus” e “fizeram o que era mau perante mim...” (2 Rs 21.11,15). Em Reis mais uma vez o narrador acrescenta maldades dizendo que “Manassés derramou muitíssimo sangue inocente...” e mais uma vez avaliando: “praticando o que era mau...” (2 Rs 21.16). Todo este trecho apenas mencionado pelo narrador de Crônicas segue acrescentando informações não dadas pelo narrador de Reis. Ele afirma que a essas palavras “não lhe deram ouvidos” e explica em termos de causa e efeito “pelo que o SENHOR trouxe sobre eles os príncipes do exército do rei da Assíria” e em seguida descreve a angústia que Manassés passou pelas mãos dos assírios (2 Cr 33.11).

A novidade impressionante que o narrador de Crônicas apresenta em relação a Reis é a conversão do perverso rei Manassés e sua humilhação perante Deus em oração e súplica (2 Cr 33.12-13). Sem dizer que bênçãos decorrentes dessa conversão vieram logo em seguida. O narrador apenas relata as construções e o fortalecimento do exército (2 Cr 33.14), sempre

presentes no livro quando um rei é abençoado. O resultado da sua conversão é descrito em seguida: a retirada da idolatria do templo e a restauração do altar e do culto (2 Cr 33.15-17).

A conclusão padrão do reinado é repetida em Crônicas, porém, com acréscimos que fazem referência à oração de Manassés, ao favor de Deus, e aos seus pecados anteriores à conversão e à bibliografia onde tais dados foram encontrado.

O que se notou nesta narração é a transcrição em Crônicas da primeira parte de Reis repetindo a enfática avaliação negativa de Manassés. A segunda parte do relato de Reis é também avaliativa, tanto pela voz do profeta quanto pelo próprio narrador. O narrador de Crônicas menciona que Deus fala a seu povo, mas não transcreve nem o discurso direto do profeta nem a avaliação do narrador de Reis. Neste ponto ele prefere focar sobre a conversão do perverso rei. É aí que ele faz explicação da vinda da Assíria como castigo divino gerando angústia terrível e, por fim, a conversão do rei e o favor divino exemplificado no acréscimo em forma de sumário. No relato de Manassés o narrador de Crônicas se mostrou bastante avaliativo, porém, em termos de avaliações em sua própria voz, não mais que o narrador de Reis. Houve a omissão do evento narrativo pelo sumário. No momento em que o leitor é chamado pelo narrador de Reis a assistir a cena do profeta, o narrador de Crônicas fala diretamente a seu narratário. Além disso, o narrador tira do leitor a expectativa deixada em Reis e lhe dá o desfecho da narrativa formulando um discurso em favor da retribuição: desobediência traz castigo; obediência, bênçãos.

#### 4.17 O REINADO DE AMON (2 Rs 21.19-26; 2 Cr 33.21-25)

A narrativa sobre o reinado de Amon é muito breve tanto em Reis quanto em Crônicas. Duas são as diferenças de tais narrativas paralelas. A primeira é a omissão do nome da mãe do rei (2 Rs 21.19b) e da fórmula de conclusão (2 Rs 21.25-26) que consta na maioria dos relatos dos reis. A segunda trata-se de uma alteração no conteúdo, a qual é objeto do interesse específico desta pesquisa. Tanto em Reis quanto em Crônicas o narrador é avaliador neste ponto. Em Reis o narrador afirma: “assim abandonou ele o SENHOR, Deus de seus pais, e não andou no caminho do SENHOR” (2 Rs 21.22); e em Crônicas, “mas não se humilhou perante o SENHOR, como Manassés, seu pai, se humilhara; antes Amon se tornou mais e mais culpável” (2 Cr 33.23).

Em Reis, Amon é comparado a seu pai. Em Crônicas ele é uma contraposição à conversão de Manassés. Assim como o narrador apresentou a novidade da conversão de Manassés, a respeito de Amon, ele também utiliza Amon como exemplo do contrário de seu

pai, ou seja, alguém que seguiu o caminho mau e não se arrependeu. Em ambos os livros a morte de Amon se deve ao seu pecado, mas em Crônicas a ausência de auto humilhação e arrependimento destaca-se como discurso mais eloquente.

#### 4.18 JOSIAS (2 Rs 22.1-23.30; 2 Cr 34.1-35.27)

A narrativa comum a respeito de Josias é que este enviou Safã ao templo e o sumo-sacerdote Hilquias lhe entrega o livro da lei que havia sido encontrado ali. Safã levou o livro ao rei e leu para ele. Josias, tomando ciência de que muitas coisas estavam erradas, manda que Hilquias e outros consultem a Deus. O sacerdote lhes disse que viriam males sobre Judá devido à idolatria praticada no reino, mas que o rei Josias, por ser fiel, não veria tais males, pois não aconteceriam em seus dias. Tendo o rei tomado conhecimento, mandou reunir o povo e fazer a leitura da lei e fez uma aliança com o povo para guardarem aquela lei. Então houve celebração da páscoa. Josias morreu quando veio o faraó Neco contra seus inimigos. O rei de Judá resolveu enfrentar-lhe apesar do faraó não desejar guerrear contra ele.

De início, o narrador apresenta o reinado de Josias nos mesmos termos que o livro de Reis: a apresentação do rei e sua avaliação. A única omissão é a referência à sua mãe. A avaliação inicial em ambos os livros é: “Fez o que era reto perante o SENHOR, andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda” (2 Rs 22.2; 2 Cr 34.2). Na sequência, em vez do narrador acompanhar o relato do livro de Reis, ele traz um resumo de 2 Reis 23.4-20 para o início de sua narrativa, logo após a avaliação. Este trecho é um sumário que relata que o rei Josias destruiu tudo o que era relacionado à idolatria tanto em Judá quanto em Israel. Logo em seguida o narrador relata sobre o encontro do livro da lei.

Em Reis o relato da destruição da idolatria ocorre depois do aparecimento do livro da lei, mas em Crônicas foi trazido para antes disso, conforme tabela abaixo. Dessa forma, em Crônicas o narrador atrela a descoberta do livro à fidelidade de Josias desde o início, fazendo com que tal feito viesse como um prêmio, enquanto que em Reis a destruição da idolatria deveu-se à descoberta do livro (KLEIN, 2012, 34§3). McKenzie aponta que “as referências ao décimo oitavo ano de Josias em 34:8 e 35:19 servem de estrutura, enfatizando que a celebração da Páscoa segue diretamente a descoberta do livro da lei” (2004, posição 5402-5403). Pratt Jr., entende que adiar a descoberta do livro serve para “realçá-la como o evento principal das reformas de Josias” (2008, p. 654). Percebe-se que o narrador, com esta

estratégia, cria em seu discurso um efeito diferente daquele produzido no enredo do livro de Reis.

2 Reis	2 Crônicas
	2 Cr 34.3-7 – resumo de 2 Rs 23.4-20 – Josias destrói tudo relacionado a idolatria em Judá e Israel.
2 Rs 22.8-23.3; 2 Cr 34.15-31 – Hilquias, o sumo-sacerdote, entrega o Livro da lei encontrado no Templo a Safã. Este o levou ao rei e leu para ele. Josias se humilha diante de Deus temendo as palavras daquele livro por terem-no negligenciado e manda consultar a profetisa. Esta afirma que por causa de sua atitude Josias não veria o mau que Deus traria a Judá. Então estabelece uma aliança com o povo de observarem as palavras do Livro. Todos anuíram à aliança.	
2 Rs 23.4-20 - Josias destrói tudo relacionado a idolatria em Judá e Israel.	

Para terminar a parte que relata o encontro do livro, sua leitura e a aliança estabelecida, o narrador faz uma síntese das ações do rei para restaurar o culto israelita em Judá e em Israel e repete sua avaliação: “enquanto ele viveu não se desviaram de seguir o SENHOR, Deus de seus pais” (2 Cr 34.33). A repetição da avaliação e do relato de purificação em ordem inversa a 2 Crônicas 34.2-7 faz o fechamento de todo o capítulo 34 como uma unidade.

Ao contrário de 2 Cr 34.33, onde o narrador cronista resume 2 Rs 23.4-20, aqui ele toma 2 Rs 23.21 e o estende em 2 Cr 35.1-17. Enquanto o narrador de Reis menciona a páscoa num breve discurso direto do rei ordenando que ela fosse celebrada como estava no livro encontrado, o narrador de Crônicas apresenta a fala do rei num evento narrativo. Este se trata de um monólogo do rei dando ordens aos sacerdotes acerca da arca da aliança, exortando-os a se organizarem segundo as famílias de levitas, conforme as prescrições de Davi e Salomão, e ordenando que se santificassem e fizessem tudo segundo a lei (2 Cr 35.3-6); descreve a oferta de animais que o rei e os príncipes fizeram aos sacerdotes e ao povo para celebrarem (2 Cr 35.7-10); descreve a ação conforme estava escrito na lei (2 Cr 35.11-14) e o trabalho dos levitas cantores e porteiros (2 Cr 35.15). Este último finaliza com forte mediaticidade do narrador ao dizer: “não necessitaram de se desviarem do seu ministério; porquanto seus irmãos, os levitas, preparavam o necessário para eles”.

Depois disso, o narrador faz um fechamento para a celebração da páscoa (2 Cr 35.16-17) e passa para a avaliação final (2 Cr 35.18). Esta avaliação já estava na narrativa do segundo livro de Reis (23.22), mas o narrador de Crônicas faz algumas modificações e a estende: Depois de dizer “nunca se celebrou tal páscoa...” o narrador acrescenta: “como a que

celebrou Josias com os sacerdotes e levitas, e todo o Judá e Israel, que se achavam ali, e os habitantes de Jerusalém”. Nota-se que o serviço sacerdotal e levítico, que é também o assunto do grande acréscimo do capítulo 34, é acrescido na avaliação.

2 Reis 23	2 Crônicas 35
<p><sup>22</sup> Porque nunca se celebrou tal Páscoa como esta desde os dias dos juízes que julgaram Israel, nem durante os dias dos reis de Israel, nem nos dias dos reis de Judá.</p>	<p><sup>18</sup> Nunca, pois, se celebrou tal Páscoa em Israel, desde os dias do profeta Samuel; e nenhum dos reis de Israel celebrou tal Páscoa, <b>como a que celebrou Josias com os sacerdotes e levitas, e todo o Judá e Israel, que se acharam ali, e os habitantes de Jerusalém.</b></p>

Assim, o narrador interfere na narrativa diante do leitor e explicita a razão pela qual acrescentou tantas palavras acerca dos sacerdotes e levitas bem como a referência a Israel junto de Judá. Dessa forma, o narrador legitimava tal serviço feito no templo para os leitores de seus dias, procurando fazer com que ele fosse um fator de identidade a todo israelita espalhado pelo mundo.

Na sequência o narrador omite um trecho de Reis (2 Rs 23.24-27) onde contém uma forte avaliação do rei Josias: “Antes dele, não houve rei que lhe fosse semelhante, que se convertesse ao SENHOR de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, segundo toda a Lei de Moisés; e, depois dele, nunca se levantou outro igual” (2 Rs 23.25), bem como o motivo pelo qual Deus destruiria Judá (2 Rs 23.26-27). Provavelmente essa avaliação tão enfática viesse a enfraquecer o efeito criado do que o narrador faria logo na sequência com o enredo.

Logo em seguida, o narrador de Reis apresenta a fórmula final do reinado de Josias e menciona sua morte pelas mãos do faraó-Neco (2 Rs 23.28-30). Nesta parte o narrador de Crônicas também faz ampliações a fim de resolver o que em Reis não estava claro: por que Josias morreu daquela forma se era fiel a Deus? Na teologia cronista isto não cabia, de forma que o narrador procura apresentar a razão dessa morte. Ele usa evento narrativo e sumário para explicar que Josias morreu por ter se oposto àquele que não vinha contra ele e sim contra o rei da Assíria. É notável que pela voz do personagem faraó é que Josias fica sabendo que foi Deus quem o mandou contra a Assíria (2 Cr 35.21) e pela voz do narrador é confirmada a veracidade de tais palavras ao leitor (2 Cr 35.22). Com isto, o narrador justifica a morte do piedoso rei, mas não deixa de enfatizar finalmente sua piedade ao referir-se ao lamento escrito por Jeremias e utilizado pelo povo (2 Cr 35.25) e às beneficências do rei (2 Cr 35.26-27).

#### 4.19 OS ÚLTIMOS REIS DE JUDÁ E O EXÍLIO (2 Rs 23.31-25.22; 2 Cr 36.1-21)

Dentre os últimos reis de Judá, Jeoacaz, Jeoaquim e Joaquim recebem pouca atenção, principalmente em Crônicas. O narrador de Crônicas omite o nome da mãe e a avaliação que ocorria em Reis acerca do rei Jeoacaz: “fez o que era mau” (2 Rs 23.22). Acerca de Jeoaquim omite o imposto cobrado pelo faraó (2 Rs 23.35), repete a avaliação “fez o que era mau” (2 Rs 23.37a; 2 Cr 36.5b), omite a sua servidão sob Nabucodonosor e sua rebelião após três anos bem como diversas explicações que fazem parte deste episódio (2 Rs 24.1b-4,7). O reinado de Joaquim o narrador resume a praticamente um esboço, omite o nome de sua mãe (2 Rs 24.8b), repete a avaliação “fez o que era mau” (2 Rs 24.9a; 2 Cr 36.9b), omite a descrição do encontro entre ele e Nabucodonosor (2 Rs 24.10-12) e o exílio do rei e da população mais bem preparada na Babilônia (2 Rs 24.14-16).

Neste primeiro trecho, o enredo bastante sucinto mostra Judá vassalo de grandes impérios. Jeoacaz foi deposto pelo faraó Neco e levado para o Egito (2 Rs 23.31-33; 2 Cr 36.2-3). Faraó constituiu Eliaquim como rei de Judá mudando seu nome para Jeoaquim (2 Rs 24.34; 2 Cr 36.4). Depois de reinar por onze anos Nabucodonosor veio contra ele e o subjugou (2 Rs 24.1; 2 Cr 36.5-6), então seu filho Joaquim o substituiu (2 Rs 24.6; 2 Cr 36.8), mas depois foi também levado para a Babilônia (2 Rs 24.12; 2 Cr 36.10). Nabucodonosor colocou Zedequias, irmão de Joaquim, como rei em seu lugar, mas Zedequias também se rebelou (2 Rs 24.17-20; 2 Cr 36.10-13) e por causa disto os inimigos destruíram o templo, os palácios e os muros de Jerusalém e aqueles que não morreram foram exilados na Babilônia (2 Rs 25.9-11; 2 Cr 36.19-20).

O reinado de Zedequias é retratado com maior atenção do que os três anteriores e tem um efeito muito importante no discurso por ser o desfecho daquela palavra de Deus a Salomão em 2 Crônicas 7.14: “se o meu povo [...] se humilhar e orar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”. O narrador relaciona o capítulo 36 com o capítulo 7 ao acrescentar à avaliação vinda de 2 Reis 24.19 (fez o que era mau) as palavras “e não se humilhou”. Anteriormente, diversos reis se humilharam e Deus não destruiu a terra em seus dias, mas Zedequias não se humilhou. Foi uma sequência de reis que sem intervalo fizeram “o que era mau”. O último rei é o desfecho do macro enredo dos livros de Reis e de Crônicas.

Há uma grande inserção após a informação de que Zedequias se rebelou contra Nabucodonosor (2 Rs 24.20b; 2 Cr 36.13a). Trata-se de uma avaliação autoral com forte

presença do narrador se impondo perante o leitor com seu discurso teológico que justificava o exílio, conforme destacado no texto transcrito abaixo:

<sup>14</sup>Também todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam mais e mais as transgressões, segundo todas as abominações dos gentios; e contaminaram a casa que o SENHOR tinha santificado em Jerusalém. <sup>15</sup> O SENHOR, Deus de seus pais, começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera do seu povo e da sua própria morada. <sup>16</sup> Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do SENHOR contra o seu povo, e não houve remédio algum. <sup>17</sup>Por isso, o SENHOR fez subir contra ele o rei dos caldeus, o qual matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário; e não teve piedade nem dos jovens nem das donzelas, nem dos velhos nem dos mais avançados em idade; a todos os deu nas suas mãos.<sup>18</sup> Todos os utensílios da Casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da Casa do SENHOR e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou ele para a Babilônia. (2 Cr 36.14-18, grifo nosso)

O ponto de vista ideológico que explica o exílio como sendo o resultado da infidelidade para com o Deus dos judeus, o faz da perspectiva teológica sacerdotal. Diferentemente do livro de Reis, que descreve a vinda do rei de Babilônia e a captura de Zedequias, o narrador de Crônicas trabalha com algum sumário e muita avaliação e explicação. Ele se impõe ideologicamente relacionando o trono e o templo como paralelos em corrupção e compartilhantes do mesmo destino de juízo (PRAT JR., 2008, p. 695) e afirmando que a servidão no exílio aconteceu “para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias” (2 Cr 36.21).

Na sequência de seu enredo, o narrador omite um longo texto de Reis (2 Rs 25.12-30) que trata de tudo o que foi levado do templo para Babilônia (2 Rs 25.12-17), que já havia sido mencionado resumidamente em 2 Crônicas 36.18, das pessoas que foram retiradas de Jerusalém e mortas (18-21), a nomeação de um governador para Judá, seu assassinato e a fuga de muita gente para o Egito (2 Rs 25.22-26) e o favor de Evil-Marodaque, novo rei de Babilônia, para com Joaquim, rei de Judá que estava já no exílio (2 Rs 25.27-30). Em lugar de todas essas informações o narrador apresenta o decreto de Ciro, rei da Pérsia. O novo grande império assume o poder mundial e seu rei manda por escrito: “O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o SENHOR, seu Deus, seja com ele” (2 Cr 36.23).

É notável que mais uma vez o evento narrativo seja usado para mostrar a instrumentalidade de um rei nas mãos de Deus: o próprio rei da Pérsia afirmando por escrito



que foi o Deus dos judeus quem lhe incumbiu fazer os judeus voltarem e reedificarem o templo. Também deve-se notar que, da mesma forma como o narrador apresentou a razão do exílio, também se impõe para apresentar a razão do retorno dizendo “para que se cumprisse a palavra do SENHOR por boca de Jeremias” (2 Cr 36.22a).

A narrativa dos últimos reis de Judá é composta de sumários bastante curtos quanto aos reinados de Jeoacaz, de Jeoaquim e de Joaquim, mas é muito avaliativa e explicativa quanto ao reinado de Zedequias. Ali o narrador trabalha com alto grau de mediaticidade para efetivar seu discurso ideológico da história. A rápida narrativa sobre o decreto do rei Ciro, da Pérsia, com um breve sumário e um breve evento narrativo, deixa por conta do leitor, já bem preparado ideologicamente, a interpretação de como aplicar a ideologia do narrador em seus dias.

## 5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foram analisadas todas as narrativas paralelas entre os livros de Samuel e de Crônicas, e entre os livros de Reis e de Crônicas. O primeiro passo foi identificar quais os textos paralelos entre as obras anteriores e a obra pós-exílica. Os textos omitidos de Samuel e Reis tratam do rei Saul e dos reis de Israel e não foram contemplados em Crônicas senão em algumas partes onde há uma influência de Israel em Judá. O grande enredo de Crônicas, portanto, trata da história de toda a dinastia de Davi, e cada um dos reis é um filho que reinou em lugar de seu pai. As análises tiveram a finalidade de verificar como o narrador atua na obra cronista em comparação com as obras canônicas que tomou como fontes.

Acerca da maneira como o narrador trabalha em Crônicas para produzir um novo discurso religioso foram levantadas algumas hipóteses sobre as estratégias narrativas e os propósitos pelos quais buscou influenciar os receptores. Com respeito às estratégias narrativas, a hipótese levantada foi que consistem em inserir cuidadosamente novas informações no enredo, explicitar aspectos presentes nos livros mais antigos trazendo para a voz do narrador aquilo que estava em discurso direto e em mudanças no foco narrativo com acréscimos de avaliações e explicações. A respeito dos propósitos pelos quais se buscou influenciar os receptores originais da obra, a hipótese consistiu em que visavam promover o culto como identidade judaica localizando informações sobre ele em momentos que antecedem bênçãos e prosperidade; eliminar a necessidade de longas reflexões sobre as sutilezas do enredo trazendo para a voz do narrador o que estava apenas em discurso direto, explicitando aspectos de Samuel e Reis não tão óbvios para os receptores do livro de Crônicas quanto seu contexto histórico o permitia; manter o leitor sob o foco pretendido promovendo inserções de avaliações.

Toda a pesquisa foi embasada nas teorias de Franz Karl Stanzel, com seu conceito de situação autoral, de Boris Uspensky, com seus conceitos de ponto de vista ideológico e ponto de vista fraseológico, e de Robert Alter, com seus conceitos de sumário e evento narrativo. As teorias se mostraram muito úteis para revelar a natureza do narrador e suas estratégias para o estabelecimento de um novo discurso religioso. Foi a partir delas que se pôde constatar ou rejeitar as hipóteses levantadas de início, bem como tirar outras conclusões.

A primeira hipótese, que uma estratégia narrativa consiste em inserir cuidadosamente novas informações no enredo, foi comprovada pela inserção de relatórios, listas e dados. O narrador faz tais inserções em grande parte das narrativas para reforçar o seu ponto de vista sobre a aprovação de um rei dando destaque ao poderio militar e sobre o sacerdócio e o

ministério levítico como fundamentais para que as bênçãos de Deus venham sobre o povo judeu. Pode-se mencionar como exemplo desta estratégia 2 Crônicas 5.11-13 em comparação com 2 Reis 8.10. Localizando informações de modo a anteceder as bênçãos e a prosperidade, o narrador promove seu discurso de que elas são importantes para a identidade dos judeus em torno do templo e do ministério sacerdotal e levítico. No entanto, ficou constatado que nem sempre tais inserções ocorrem antes de bênçãos e prosperidade, embora sempre visem legitimar um rei ou o ministério religioso.

Explicitar aspectos presentes nos livros mais antigos trazendo para a voz do narrador aquilo que estava em discurso direto é a segunda estratégia comprovada. Isto acontece nas narrativas em que o que se encontrava em evento narrativo nos livros fonte são retratados em Crônicas em termos de explicação ou de avaliação do narrador. Além disso, destaca-se o uso do verbo “buscar” em Crônicas. Esse verbo, tendo Deus como seu objeto, encontra-se em Reis apenas em discursos diretos, entretanto, em Crônicas ele ocorre diversas vezes na voz do narrador em explicações e avaliações. “Buscar a Deus” é importante para o discurso cronista, pois identifica um tema que está diretamente relacionado com o templo, que é essencial para a identidade do povo judeu. Trazendo para a sua própria voz a expressão que ocorre somente em discurso direto em Reis, o narrador consegue eliminar a necessidade de o leitor refletir para perceber o discurso na sutileza do enredo. Assim, ele explicita aspectos de Reis que não seriam tão óbvios para os receptores do livro de Crônicas devido ao contexto histórico diferenciado.

A estratégia mais facilmente perceptível foram as mudanças no foco narrativo com acréscimos de avaliações e explicações. Em muitas ocasiões detectou-se que inserções foram feitas no meio da narração conduzindo o leitor e delimitando as maneiras pelas quais ele poderia interpretar o enredo. Inserindo suas explicações e avaliações, o narrador mantém o leitor sob o foco pretendido, conduzindo-o na leitura da maneira como pretende que ela seja percebida. O nível avaliativo do discurso dos livros mais antigos às vezes coincide com o de Crônicas e às vezes não. De qualquer forma, na maioria das vezes o discurso daqueles encontra-se camuflado na sutileza do enredo, enquanto que neste muitas vezes é explicitado. Disto decorre a necessidade de o narrador estabelecer suas estratégias ao recontar os mesmos acontecimentos.

Faz-se necessário ressaltar que o narrador nos livros de Samuel e de Reis é também intruso, ou seja, em muitos momentos da narrativa ele apresenta explicações e avaliações. Deve-se destacar também que em alguns casos a explicação ou avaliação do narrador que está em Samuel ou em Reis é omitida em Crônicas. No entanto, é muito mais recorrente o

contrário disto. A questão essencial a esta pesquisa ficou comprovada, ou seja, que em Crônicas o narrador é muito mais intruso.

Além dos pontos levantados nas hipóteses iniciais, outras estratégias foram percebidas no decorrer das análises. Verificou-se que omissões também fazem parte das estratégias do narrador em Crônicas para formular o seu discurso. Isto ocorre especialmente quando certas informações poderiam desviar o leitor do foco pretendido. Além, desta, também se constatou como estratégia narrativa que não só na voz do narrador, mas também na voz de personagens o narrador inseriu explicações e avaliações. Isto ocorre também em Samuel e em Reis, porém de forma menos intensa.

Quanto às omissões, se verificou que constituem uma estratégia em Crônicas para a elaboração de uma mensagem especificamente para os judeus do período pós-exílico. Foi fundamental para estabelecer esta mensagem a omissão dos reinados dos reis de Israel após a monarquia dividida. Relacionada a tais omissões está o acréscimo nos relatos dos últimos reis piedosos mencionando o envolvimento religioso entre pessoas do norte sob a liderança dos monarcas davídicos do reino do sul. Esta mensagem contém um discurso que visa promover uma identidade para os judeus que retornam à sua terra e também a todos aqueles que não retornaram ou que já estavam dispersos desde a queda do reino do Norte perante a Assíria.

Em Crônicas, há uma esperança e um discurso em prol da unidade judaica a partir do novo templo e sob um mesmo rei, ainda que este não seja judeu. A legitimação da identidade sob o rei persa se fundamenta em seu decreto para que se reconstrua o templo em Jerusalém. Tal discurso difere do discurso do livro de Reis no fato de este procurar explicar a razão do exílio de Israel e de Judá e promover arrependimento. Mas, em ambas as obras o narrador trabalha com a cosmovisão de que todo o mundo é dirigido pelo Deus dos judeus, ou seja, até o jugo que outras nações impõem sobre os israelitas é promovido pelo seu próprio Deus que os castiga pela falta de obediência aos seus mandamentos. Há uma aliança davídica no livro de Samuel e repetida em Crônicas que é a base para dar sentido ao enredo e promover tanto o discurso legitimador para o exílio quanto para a restauração do povo judeu em sua terra.

Outra conclusão a que se pôde chegar, ainda que não estivesse entre as hipóteses levantadas anteriormente, é que há uma relação entre o ponto de vista do narrador e a função dos discursos diretos de certos personagens nas inserções. O narrador de Crônicas não apenas traz eventos narrativos para a sua própria voz. Ele também cria discursos diretos em suas grandes inserções que podem ser uma oração, um pronunciamento ao povo, um oráculo profético, etc. A diferença entre Crônicas e os livros de Samuel e Reis é que geralmente esses

discursos diretos não são conversas entre personagens, mas uma fala isolada que serve para reforçar e legitimar o posicionamento assumido pelo narrador em sua própria voz.

Falas isoladas dentro de uma inserção do narrador de Crônicas na maioria das vezes são discursos diretos de um sacerdote ou levita, um rei ou um profeta. Personagens com estas funções portam a ideologia do narrador e sua participação em eventos narrativos apela para sua autoridade perante o leitor. Elas fortalecem o ponto de vista avaliativo do narrador porque concordam com ele. Antes, porém, de lhes dar a palavra o narrador trabalha um conceito positivo do personagem perante o leitor. Em outras palavras, o narrador constrói a reputação do personagem para, em momento oportuno, oferecer sua opinião ao leitor em evento narrativo. Quanto aos reis, o narrador trabalha a reputação de cada um para escolher de quais se utilizará. Sacerdotes e levitas são legitimados no enredo não a partir da pessoa de cada um, mas do ministério que exercem.

Em quaisquer dos livros analisados, o ponto de vista do personagem Deus e dos personagens profetas, seus porta-vozes, são inquestionáveis. Os personagens Deus e profetas não carecem de terem sua reputação construída antes de sua fala porque levam em conta um leitor ideal que os terá como absolutos. Não precisam ser legitimados no enredo e correspondem sempre ao ponto de vista ideológico do narrador. Quando o narrador não faz avaliações em sua própria voz, elas estarão nas falas de Deus ou de um de seus profetas.

A estratégia dos discursos diretos dos reis servirem como portadores do ponto de vista do narrador vale especificamente para os reis que são considerados positivamente nas avaliações. Reis que reavivaram a religião, restauraram o templo e o purificaram da idolatria são portadores da ideologia defendida. Este foi um recurso literário utilizado para a legitimação do governo de Ciro, um rei estrangeiro, sobre a província de Judá. No entanto, a sutileza com que o narrador se aproxima do cumprimento de seu propósito é marcante. O recurso utilizado em Crônicas para aproximar o leitor do decreto de Ciro e considerar este grande rei como legítimo e alguém que fez algo aprovável é o discurso direto de faraó Neco ao rei Josias. Este faraó disse algo da parte de Deus que foi rejeitado por Josias, que por isto acabou morrendo. O próprio narrador confirma que Neco falava da parte de Deus. Assim, se um rei não israelita, um faraó do Egito, pode ser portador da verdade, da mesma forma Ciro, rei da Pérsia. Dessa forma, o grande ponto do decreto de Ciro, que foi o retorno dos judeus para sua terra e a reconstrução do templo, favorece o reconhecimento desse rei como legítimo monarca sobre Judá. Esse fato legitima a posição de Judá como província persa, uma vez que, como os piedosos reis da dinastia de Davi, Ciro favorece a religião judaica. Então, sob um

legítimo governante supremo sobre grande parte do mundo e com um centro religioso em Jerusalém, os judeus teriam uma identidade universal.

É reconhecido em círculos teológicos que o livro de Crônicas é uma espécie de comentário de Samuel e Reis. No entanto, o que vem a comprovar isso é que literariamente o livro de Crônicas tem uma presença marcante de seu narrador interferindo na história com suas interpretações. Ele se faz muito mais presente e evidente ao comentar e interpretar o enredo, guiando o leitor antes de permitir que o mesmo contemple a ação pelos eventos narrativos. O mecanismo utilizado pelo autor para preencher lacunas, interpretar os livros mais antigos à sua geração e cumprir os seus propósitos ideológicos foi a criação deste narrador que faz interferências no enredo para explicar e avaliar, além de pausar o tempo para inserir dados, listas e relatórios. A presença marcante do narrador através de suas intervenções nas narrativas que traz de Samuel e de Reis intensificam a mediaticidade do texto de Crônicas. A situação autoral está muito mais acentuada neste livro do que nos anteriores. O ponto de vista avaliativo num grau maior revela o propósito do narrador em conduzir seu narratário na compreensão do enredo e em sua adesão ao discurso nele contido.

Após as análises aqui feitas, compreende-se que o livro de Crônicas fora colocado no final do cânon judaico a fim de servir como um fechamento ideológico e teológico para a Escritura hebraica. A maneira como o cânon cristão ficou estabelecido, seguindo a Septuaginta, anuvia sua relevância colocando-o como mais um livro histórico que contém histórias repetidas e que, portanto, aparentemente serve apenas como uma alternativa para o leitor. Se essa não for a única razão pela qual o livro tem recebido pouca atenção, certamente é uma das principais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como literatura*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ADLER, Joshua J. *Chronicles: The Neglected Books of the Bible*. *Jewish Bible Quarterly*, vol. 37, n. 2, 2009, pp. 113-117
- AGUIAR, Flávio. Ressonâncias da Bíblia na literatura. In: FRYE, Northrop. *Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.
- ARCHER JR, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 4.ed., 1991.
- ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrimo o Antigo Testamento*. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011
- BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative art in the Bible*. Londres, Nova York: Clark, 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Edusp, 2003. pp. 1-9
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação bíblica*. 5. ed. Tradução de Merval Rosa. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- BERLIN, Adele. *Poetics and interpretation of biblical narrative*. Winona Lake: Einsebrauns, 1994
- BERGER, Yitzhak. *Journal of Hebrew Scriptures*. Vol. 14, article 1, DOI: 10.5508/jhs.2014.v. 14. a1. Chiasm and Meaning in 1 Chronicles
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004

BÍBLIA SAGRADA: Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. 2. Ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. 2. ed. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BRAUN, Roddy. *1 Chronicles*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1986. (Word Biblical Commentary)

BRUGGEN, Jakob Van. *Para Ler a Bíblia*. Tradução de Theodoro J. Havinga. São Paulo, Cultura Cristã, 1998.

CARSON, D. A. *A exegese e suas falácias: perigos na interpretação da Bíblia*. Tradução de Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CUDWORTH, TROY D. *War in Chronicles: temple faithfulness and Israel's place in the land*. London, Oxford, New York, New Delhi, Sydney: Bloomsbury T&T Clark, 2016

CURTIS, Edward; MADSEN, Albert. *A critical and exegetical commentary on the book of Chronicles*. Edinburgh: T&T Clark, 1994.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. Tradução de Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Vida, 2007.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FRYE, Northrop. *Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, John B; WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*, 3. Tradução de Fernando Cabral Martins. Ed. Lisboa: Vega, 1995

GRAHAM, Matt P. *The utilization of 1 and 2 chronicles in the reconstruction of Israelite history in the nineteenth century*. Atlanta: Scholars Press, 1989

GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo: interpretando e pregando literatura bíblica*. Tradução de Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

JAPHET, S. *1 & 2 Chronicles: a commentary*. Louisville: Westminster, John Knox Press, 1993



\_\_\_\_\_. *From the Rivers of Babyon to the Highlands of Judah: collected studies on the restoration period*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006.

\_\_\_\_\_. *The ideology of the book of Chronicles and its place in biblical thought*. Tradução de Anna Barber. Winona Lake: Eisenbrauns, 2009

\_\_\_\_\_. "The supposed common authorship of Chronicles and Ezra-Nehemiah investigated anew", *Vetus Testamentum* 18, 1968, p. 330-371.

JONKER, Louis. Reforming History: the hermeneutical significance of the books of Chronicles. *Vetus Testamentum* 57, 2007, p. 21-44

JOHNSTONE, William. *1 & 2 Chronicles*, v. 1: 1 Chronicles - 2 Chronicles 9: Israel's place among the nations. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997a.

\_\_\_\_\_. *1 & 2 Chronicles*, v. 2: 2 Chronicles 10-36: guilt and atonement. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997b.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. *An introduction to biblical hermeneutics: the search for meaning*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

KLEIN, Ralph W. *1 Chronicles: a commentary on 1 Chronicles*. Minneapolis: Fortress Press, 2006. Edição Olive Tree (Hermeneia – a Critical and Historical Commentary on the Bible).

\_\_\_\_\_. *2 Chronicles: a commentary on 2 Chronicles*. Minneapolis: Fortress Press, 2012. Edição Olive Tree (Hermeneia – a Critical and Historical Commentary on the Bible).

\_\_\_\_\_. *Chronicles, book of 1-2*. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The anchor Bible dictionary*. New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992, v. A-C.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. Tradução de Daniel Hubert Kroker, Thomas de Lima e Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEONEL, João. Estética da recepção como exemplo de contribuição da teoria literária para a teologia exegética. *Teoliterária*, São Paulo, v. 2, n. 4, p.100-122, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mateus, o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LONGMAN III, Tremper. *Literary approaches to biblical interpretation*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1987.

MACK, Ulrich. *Curso Bíblico SBB*. Tradução de Irene Renhold e Silvia Renhold Timm. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2010.

MARTÍNES, José M. *Hermeneutica bíblica: como interpretar las Sagradas Escrituras*. Barcelona: Editorial Clie, 1984.

MCCREERY, D. W. Noth, Martin (1902-1968). In: MCKIM, Donald K. (Ed.), *Dictionary of Major Biblical Interpreters*, Downers Grove: IVP Academic; Nottingham: Inter-Varsity Press, 2007, 776-780.

MCKENZIE, Steven L. *I & II Chronicles*. Nashville: Abingdom Press, 2004. Edição Kindle.

NAKANOSE, Shigeyuki. Re-escribiendo La historia: una lectura de los libros de las Crónicas. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, v. 3, n. 52, p. 143-153, 2005.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993

PELTONEN, Kai. *History debated: the historical reliability of Chronicles in pre-critical and critical research*, v. 1. Helsinki: The Finnish Exegetical Society, 1996.

PINTO, Carlos Osvaldo C. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

PLATÃO. *A república*. v. 1. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

PRATT, Jr., Richard L. *Comentário do Antigo Testamento: I e II Crônicas*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ele nos deu histórias: um guia completo para a interpretação de histórias do Antigo Testamento*. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

ROGERSON, J. W. De Wette, Wilhelm Martin Liberecht (1780-1849). In: MCKIM, Donald K. (Ed.), *Dictionary of Major Biblical Interpreters*, Downers Grove: IVP Academic; Nottingham: Inter-Varsity Press, 2007, p. 355-358

ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

SAVRAN, George. I e II Reis. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997

SCHÖKEL, Luís A. *Bíblia do peregrino*. 3. ed. Tradução de José Bortolini, Ivo Storniolo e Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2002.

- SELMAN, Martin J. *1 e 2 Crônicas: introdução e comentário*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- SELMAN, A. van. Livro dos Justos. In: DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991, v. J-Z.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1999.
- SPARKS, James T. *The Chronicler's genealogies: Towards an understanding of 1 Chronicles 1-9*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008.
- SPROUL, R. C. *O conhecimento das escrituras: passos para um estudo bíblico sério e eficaz*. Tradução de Heloísa Cavallari Ribeiro Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- STANZEL, Franz Karl. *A theory of narrative*. Tradução de Charlotte Goedsche. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- STUART, Douglas. *Old Testament exegesis: a primer for students and pastors*. 2. ed. Philadelphia: The Westminster Press, 1984.
- TALMON, Shemaryahu. “The ‘comparative method’ in Biblical interpretation – Principles and problems In: *Congress Volume Göttingen 1977*. Leiden: BRILL, 1978, p. 320-356
- THRONTVEIT, Mark A. Chronicles, Book of. In: VANHOOZER, Kevin J. (editor geral). *Dictionary for theological interpretation of the bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 5. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008
- TUELL, Steven S. *Interpretation: a bible commentary for teaching and preaching – First and second chronicles*. Louisville: John Knox Press, 2001.
- USPENKY, Boris. *A poetics of composition: the structure of the artistic text and typology of a compositional form*. Tradução de Valentiva Zavarin e Susan Wittig. Berkeley: University of California, 1973
- VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- WILLI, Thomas. *Die Chronikalsauslegung: untershungen zur literarischen gestaltung der historischen Überlieferung Israels*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972.
- WRIGHT, J. S. 2 Crônicas. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991, v. A-I, p. 357-359
- ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.
- ZABATIERO, Júlio. *Manual de exegeese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma história cultural de Israel. São Paulo: Paulus, 2013.

ZVI, Ehud Ben. In.: KNOWLES, Melody D. New Studies in Chronicles: a discussion of two recently published commentaries, 2005. *The Journal of Hebrews Scriptures*, v. 5, artigo 20